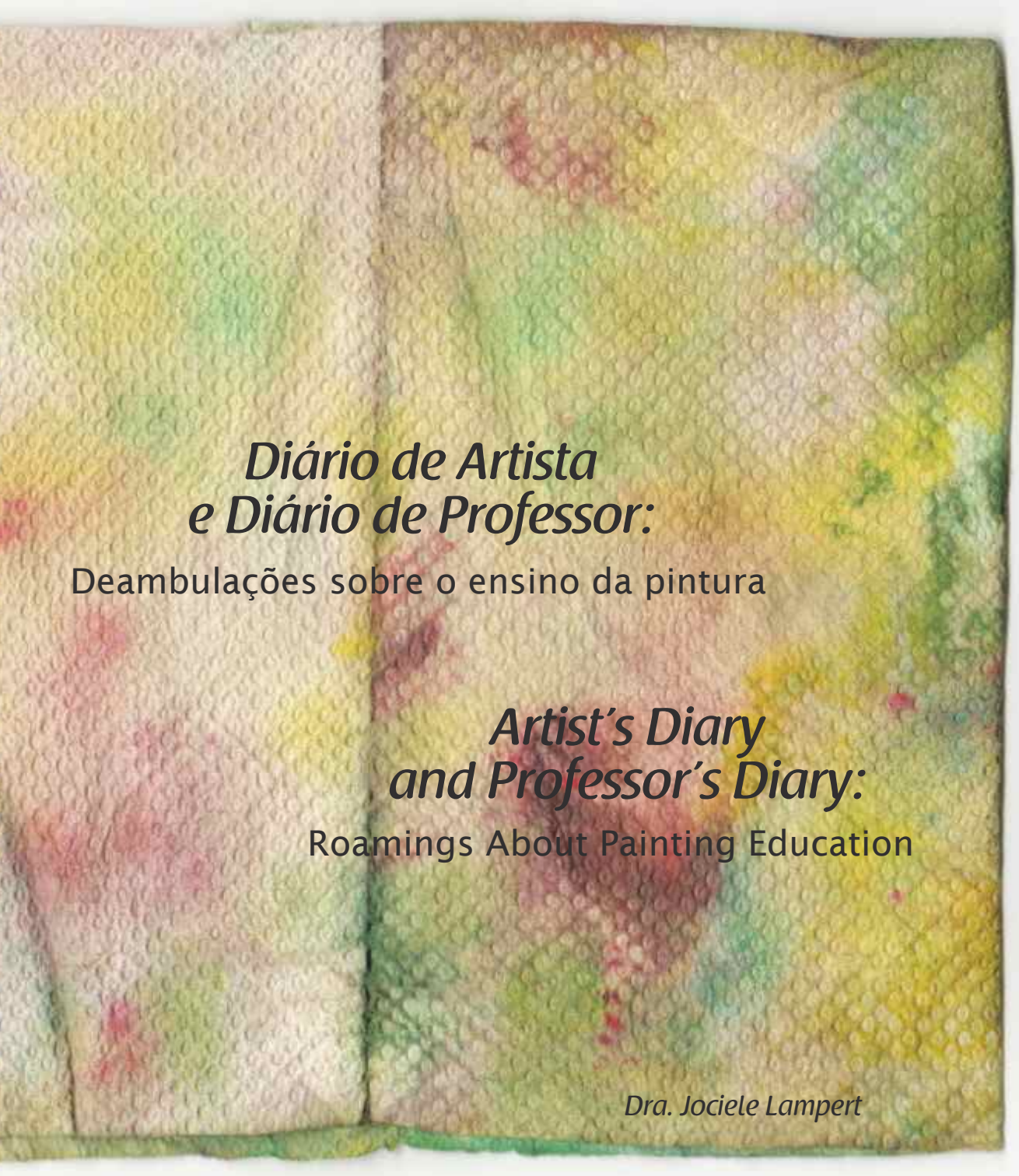


Diário de Artista e Diário de Professor:

Deambulações sobre o ensino da pintura

Artist's Diary and Professor's Diary:

Roamings About Painting Education

Dra. Jociele Lampert

Relatório de pós doutorado
realizado em 2013 (março/setembro)
no Teachers College
Columbia University em New York-USA

Report of Postdoc
Carried out in 2013 (march/september) at
Columbia University Teachers College
in New York, NY, USA

Ao Val pelo amor que semeamos todos os dias.
To Val, for the love we nurture every day.

Agradecimentos

A Fulbright/Capes por conceder a Bolsa de Estudos como professora visitante nos Estados Unidos, porque sem esse apoio, tudo teria sido diferente. A Ana Mae Barbosa, por ter me ensinado que é preciso fazer um ensino de arte melhor. A Maria Helena Bernardes que me incentivou a voltar a pintura e a me jogar nas tintas. A professora Judith Burton, que acolheu minha pesquisa, propiciando com que tudo fosse possível.
Aos professores do TC com quem conversei e aprendi a conhecer o Novo Mundo. Aos professores da Art Students League of New York por me mostrar os rumos da pintura, em um caminho onde o seu ensino é fundamental ao processo de pintura. Ao Vermont Studio Center, pela oportunidade de realizar a residência artística em pintura. A Paula Moreira, Patrick Joyce e David (DaO), meus professores de inglês, com quem dividi meus textos, minhas histórias e muitas horas de estudo. Aos amigos e minha família, que sempre me amparam e incentivaram a acreditar que eu poderia fazer diferente. Ao Val, meu amor e melhor amigo, parceiro da vida, que sempre acreditou em minhas idéias fazendo com que nossas aventuras fossem possíveis.

Acknowledgements

Fullbright/Capes for offering the Visiting Scholar Program in the United States because without this support everything would have been different. Ana Mae Barbosa, for teaching me that it is necessary to improve art teaching. Maria Helena Bernardes, who encouraged me to go back to painting and to throw myself at the paints. Professor Judith Burton, who welcomed my research, allowing all this to be possible. The professors at TC with whom I talked and learned to see the New World. The Art Student League of New York instructors for showing me the routes of painting, on a path where its education is fundamental to the painting process. The Vermont Studio Center, the opportunity to realize the artistic residency in painting. Paula Moreira, Patrick Joyce, and David (DaO), my English teachers, with whom I shared my texts, my stories and many hours of study. My friends and family, who have always supported me and encouraged me to believe that I could do differently. Val, my love and my best friend, my life partner, who has always believed in my ideas allowing our adventures to become reality.

Sumário

Instruções ou exercícios realizados neste diário 8
Introdução 12

Parte 1
Correspondências ou Diálogos Necessários sobre Arte 26
Anotações sobre *O Diário de Paul Klee* 44
Anotações sobre *O Diário de Frida Kahlo* 64
Anotações sobre *Cartas a Theo* 74

Parte 2
Caderno de Viagem: Deambulações sobre New York 100
Coisário 132
Lista dos Artistas estudados 164
Referencial Teórico 166
Residência Artística em Vermont Studio Center 170
Com os pés um pouquinho acima do chão por Maria Helena Bernardes 192

Outline

Instructions or exercises carried out in this diary 10
Introduction 14

Part 1
Necessary Correspondence or Dialogues About Art 27
Notes on *The Diaries of Paul Klee* 47
Notes on *The Diary of Frida Kahlo* 65
Notes on *Dear Theo* 79

Part 2
Travel Journal: Meanderings About New York City 100
Coisário 133
List of Studied Artists 164
Theorical Reference 166
Artistic Residence at the Vermont Studio Center 171
With your feet a little off the ground by Maria Helena Bernardes 193

Instruções ou exercícios realizados neste diário

1. Ler ou re-ler diários de artistas, especificamente pintores. Sugere-se: Cartas a Theo, sobre a vida e obra de Van Gogh; Diários de Paul Klee e o Diário de Frida Kahlo.
1a. Elaborar o seu próprio diário para cada diário lido. Escreva livremente sobre sua vida pessoal, sobre suas idéias e sobre seus sonhos.
1b. Elaborar pequenos estudos ou esboços com a temática de cada diário ou de cada texto escrito. Sugere-se usar aquarela ou tinta acrílica.
1c. Organizar uma pequena publicação com sua produção, como um livro de artista. Pense em seqüência, organize e ordene suas idéias.

2. Sobre viagens e/ou cadernos de viagem. Quando um professor viaja, mesmo que seja uma viagem pequena, o professor deve carregar consigo um sketchbook, ou caderno onde é possível escrever e desenhar. Isto é válido para todos os dias também e não apenas só para viagens. A câmera fotográfica ajuda, mas o caderno é mais eficaz.
2a. Ir a museus ou em exposições e carregar seu sketchbook. Primeiro escreva suas impressões ou pequenas frases sobre a mostra. Exercite seu olhar. Force-se a ver o que você não gosta, ou mesmo não aprecia. Ao terminar de ver a mostra, escolha uma pintura e olhe durante 20 minutos, apenas olhe. Aprecie cores, pinceladas, formas, volumes, valores, luz, sombra, ou o que julgar relevante. É importante fazer 20 minutos de observação. Depois permita-se esboçar um pequeno rascunho com parte ou todo da obra que você observou.
2b. Volte seu olhar para o museu ou sala de exposição. Escute o que as pessoas falam sobre as obras. Anote. Observe gestos. Anote. Ao caminhar para o final da mostra, aconselho a ir a livraria do museu e comprar um catálogo da exposição que você viu ou mesmo um postal da obra que você rascunhou. Se encontrar algum souvenir interessante, dê preferencia aos brinquedo das obras dos artistas, que podem ser utilizados.
2c. Aconselho que, ao sair do museu ou mesmo no museu, você vá a uma cafeteria. Sente-se, desfrute de um café ou chocolate quente ou chá e aprecie o catálogo que

Instructions or exercises carried out in this diary

1. Read or re-read diaries of artists, specifically painters. Suggestions: Dear Theo, on the life and works of Van Gogh; The Diaries of Paul Klee and The Diary of Frida Kahlo.
1a. Develop your own diary for each diary read. Freely write about your personal life, about your ideas and about your dreams.
1b. Develop small studies or drafts based on the theme of each diary or of each written text. It is recommended to use watercolors or acrylic paints.
1c. Organize a small publication with your production, like an artist's book. Think about the sequence, organize and order your ideas.

2. About travels and/or travel journals. When a professor travels, even if it is a small trip, the professor must bring along a sketchbook, where he can write and draw. This is valid for every day and not only for traveling, but for pathways, trajectories and why not every day. The photographic camera helps, but the sketchbook is more effective.
2a. Go to museums or exhibitions and bring your sketchbook. First write your impressions or small sentences about the exposition. Exercise your look. Make yourself do what you do not like, or do not even appreciate. When you are done seeing the exhibition, choose a work and look at it for about 20 minutes, only look. Enjoy the colors, brushstrokes, forms, volumes, values, light, shade, or whatever you consider relevant. It is important to have 20 minutes of observation. Then allow yourself to sketch a small draft with part of or with the entire work that you observed.
2b. Direct your look to the museum or the exhibition room. Listen to what people are saying about the works or what is said. Take notes. Observe gestures. Take notes. As you walk towards the end of the show, I advise you to go to the museum bookstore and buy a catalogue of the exhibition you just saw or even a postcard of the work that you sketched. If you find an interesting souvenir, choose the toys that can be used from the artists' works.
2c. I suggest that you go to a coffee shop once you leave the museum or even

você comprou na livraria. Depois olhe seus esboços e escute sua voz interior e escreva livremente suas impressões sobre o lugar ou cidade. Escreva seus textos.

3. Se você viajar para alguma cidade ou país que não conhece bem (o exercício também é válido para um caminho que você nunca fez antes), carregue sempre com você uma câmera fotográfica ou um gravador. A maioria das pessoas tem o hábito em fotografiar, mas gravar o audio de determinado lugar pode ser surpreendente. Vá inicialmente a grandes lojas de departamentos e lugares turísticos clichês. Grave os sons desses lugares e tire fotografias como um turistas. Escolha bem suas compras. Opte sempre por livros ou souvenirs que você pode usar em sala de aula ou relíquias para sua casa. Compre pelo o menos dois mapas da cidade.
3a. Usando os mapas: recorte, assinale, desenhe, reescreva os sons ouvidos nos lugares.
3b. Usando as fotografias: imprima algumas fotografias dos lugares e faça colagens, use linhas de costura de diferentes cores. Ou use parte das colagens em pinturas.
3c. Pesquisar sobre artistas que trabalhem com mapas, linhas, colagens, fotografias. Conheça nomes, referências, vida e obra.

4. Estude inglês. Pensar em outra língua é surpreendente.

inside the museum. Sit down, savor a coffee or hot chocolate or tea and enjoy the catalogue that you bought at the bookstore. Then, look at your sketches and listen to your inner voice and freely write down your impressions about the place or the city. Write your texts.

3. If you travel to some city or country that you do not know well (the exercise is also valid for a route you've never been on), always have a photographic camera or a recorder with you. Most people usually take photos, but recording the audio of a certain place can be astonishing. First go to big department stores and places crowded with tourists. Record the sounds of these places and take photographs like a tourist. Choose your purchases well. Always choose books or souvenirs that you can use in the classroom or relics for your home. Buy at least two city maps.
3a Using the maps: cut, mark, draw, and rewrite the sounds you heard in the places.
3b. Using the photographs: print some photographs of the places and do collages, use sewing thread of different colors. Or use part of the collages in paintings.
3c. Research about artists that work with maps, lines, collages, photographs. Get to know names, references, life and works.

4. Study English. Thinking in another language is astonishing.

Introdução

Como professora de artes visuais, atuante em uma Universidade pública, algumas vezes eu me senti sufocada e confusa. Não em relação aos meus desejos e objetivos frente ao ensino de arte (porque destes sempre tive certeza do quê e como eu gostaria), mas me refiro ao cotidiano. As relações entre colegas e alunos que muitas vezes se definem por competições e egoísmo, acrescentando ainda, a burocracia estendida a Educação.

Eu não me conformo com a realidade em que vivemos e fazemos a Educação no Brasil. Um país desse tamanho tem uma capacidade de força e trabalho muito maior, do que se imagina, no entanto, vivemos inertes e entregue a políticas públicas, muitas vezes partidárias e que não fazem o que deveriam fazer, propiciando uma Educação digna ao povo e suas crianças.

Eu gosto de ser professora, gosto de estudar arte, gosto de gastar as melhores horas do meu dia fazendo pesquisa, observando aulas, desenvolvendo projetos. E por conta disso, decidi mudar meu ponto de vista em relação a Educação. Recuperar a paixão pelo ensino de arte e re-visitar minha prática artística. Nunca pensei em desistir, mas tive momentos em que me senti profundamente cansada. Diante disto resolvi agir.

Fui contemplada com uma Bolsa de Estudos para Professor Visitante nos Estados Unidos da Fulbright/Capes, o que propiciou com que esta pesquisa fosse desenvolvida. Porque sem o apoio de órgãos de fomento de pesquisa, teria sido muito difícil realizar a pesquisa fora do Brasil.

Desta forma, cheguei ao Programa de Arte e Arte Educação do Teachers College da Columbia University em New York, para desenvolver meus estudos de Pós Doutorado. Escolhi o TC por várias razões, não apenas pela excelência e renome que a Columbia University agrega e representa para o ensino, mas também, porque especificamente este Programa de Pós Graduação, dispõe de aulas práticas (estúdios) para a formação

introduction

"We shall not cease from exploration and at the end of all our exploring will be to arrive where we started and know the place for the fist time."

T. S. Eliot, "The Four Quartets"

As a professor of visual arts at a public University, I have at times felt overwhelmed and confused. Not in relation to my desires and goals facing art education (because I have always felt sure of what and how I wanted these to be), but instead I refer to everyday life. The relations among colleagues and students that often are defined by competitiveness and selfishness, with the Education bureaucracy still on top of that.

I can't accept the reality in which we live and carry out Education in Brazil. A country as big as Brazil has a much greater strength and work potential than one would imagine, nevertheless, we come inert and surrendered to the public policies, which are often partisan and do not accomplish what they should, an Education that is worthy of the people and their children.

I like being a professor, I like studying art, I like spending the best hours of my day doing research, observing classes, developing projects. And because of this, I decided to change my standpoint in relation to Education. Rekindle the passion for art teaching and re-visit my artistic practice. I have never thought of giving up, but there were moments in which I felt thoroughly tired. Facing this, I decided to act.

I was granted a Visiting Scholar award for the United States by Fullbright/Capes, which allowed this research to be developed. Because without the support of research-promoting organizations, it would have been very difficult to conduct the research outside of Brazil.

Hence, I arrived at the Art and Art Education Program at Columbia University Teachers College in New York City, to develop my Postdoctoral studies. I chose TC for many reasons, not only for its excellence and the renown that Columbia University adds and represents to education, but also because this specific Postgraduate Program features practical classes (studios) for professor education

docente e porque lá há de fato uma articulação entre teoria e prática, e também há um efetivo trabalho de parceria entre a Universidade, Museus, Galerias e Escolas Públicas.

Além disso, no período em que eu estive em New York, também fiz cursos de pintura óleo (estudo de retrato e paisagem), aquarela, encaústica e monotipia na *Art Students League of New York*, com professores artistas reconhecidos no sistema de arte americano, como por exemplo: Mary Beth McKenzie, Peter Homitzky, Frederick Wong e Deborah Winiarski. A *Art Students League of New York* foi fundada em 1875 por artistas e para artistas e tem sido instrumental na formação e no legado das artes visuais para a América. É uma escola estúdio em que a linguagem da arte é ensinada e desenvolvida através da imersão nas práticas de desenho, pintura, escultura, gravura. Assim, o contexto que encontrei nos Estados Unidos é incomparável ao contexto brasileiro (infinitamente melhor do que temos no Brasil). Por isto, em nenhuma hipótese meu olhar foi no sentido de comparar ou equiparar, mas sim, meu olhar esteve em apreender vivenciando outra realidade.

Meu projeto de pesquisa de Pós Doutorado consistiu sobre elaborar um diário de campo. Um diário de professor e um diário de artista, ambos amalgamados, em meio a reflexões sobre o ensino da pintura. Assim, também concebo este estudo como uma cartografia que surge de um rizoma (ou raiz), que pode ter no pensamento uma força performática, porque ancora-se sobre algo real. Também porque não evidencio um objeto ou outro (não é um relatório comum de pesquisa), mas sim, reafirmo o processo de embate, desgaste e re-encontro com a realidade sobre o ensino de arte, assim como minha visão sobre a vida e minhas formas de pensar como professora/artista/pesquisadora. Ou seja, o texto que o leitor é convidado a ler, tem transversalidade, implicação ou intervenção sobre modos de vida e dissolução de pontos de vista, assim pode ser considerado uma cartografia, já que essa metodologia foi construída durante o processo.

Alerto: este texto é um diário!

Chamo de Deambulação os caminhos que percorri, percorro e continuo a planejar em percorrer. É um diário que apresenta conversas, situações, cartas, vivências pessoais

and because there, there is indeed a connection between theory and practice and because there, there is also an actual working partnership between the University, Museums, Galleries, and Public Schools.

In addition, while I was in New York, I also took classes in oil painting (portrait and landscape studies), watercolors, encaustic, and monotype at *the Art Students League of New York*, with artist professors who are renowned in the American art system, like for example: Mary Beth McKenzie, Peter Homitzky, Frederick Wong and Deborah Winiarski. The *Art Students League of New York* was founded in 1875 by artists and for artists and has been instrumental for the education and the legacy of visual arts in America. It is a studio school in which art language is taught and developed through the immersion in drawing, painting, sculpting, and printmaking practices.

Hence, the context that I found in the United States is incomparable with the Brazilian context (infinitely better than the one we have in Brazil). For this reason, in no way did I intend to compare or match them, but instead, my look focused on seizing by experiencing another reality.

My Postdoctorate research project consisted of developing a field diary. A professor diary and an artist diary, both amalgamated, amidst reflections on painting education. Therefore, I also conceive this study as a cartography that stems from a rhizome (or root), that can exercise a performative strength on the mind, because it is anchored to something real. Also because I do not evidence one object or another (it is not a common research report). Instead, it reaffirms the process of impact, abrasion, and reunion with the reality of art education, as well as my perspective on life and my way of thinking as a professor/artist/researcher. In other words, the text that the reader is invited to read, has transversality, implication or intervention on lifestyles and dissolution of points of view, so it can be considered a cartography, since this methodology was constructed throughout the process.

I warn: this text is a diary!

I call Roamings the paths I traveled, those I still travel and those I keep planning on traveling. It is a diary that presents conversations, situations, letters, personal and

e profissionais, reflexões sobre os livros que li e das aulas que planejei, e apresenta também, as ilustrações/imagens e anotações, que fiz ao longo da pesquisa de seis meses sobre o ensino da pintura.

Trata-se de um diário da professora e da artista. Relato o andarilhar no caminho da pesquisa de forma intimista (e este sempre foi meu desejo). Como pesquisadora, eu adoro ir a eventos científicos, apresentar meus trabalhos de investigação, escrever e publicar artigos, além, claro de estar em sala de aula com meus alunos, mas neste exato momento, quero voltar meu olhar para o meu próprio processo criativo, quero 'dialogar' comigo mesma sobre pintura, sobre seu ensino e sua construção, finalmente espero me re-ver, me re-visitar e espero finalmente, amadurecer e compartilhar minhas idéias sobre a Arte e a Vida.

Como professora, pesquisadora e artista, vinculada à uma universidade pública no Brasil, tenho me perguntado: como desenvolver um estudo prático e teórico sobre o ensino na pintura em ateliê? Ou como articular um processo artístico em pintura em meio a uma aula sobre Arte e Educação. Como este ensino na Universidade, acaba por adentrar as escolas públicas?

Assim, desde o inicio eu pretendi realizar observações de aulas de pintura em ateliê, de ter orientações para uma investigação pictórica própria, de realizar entrevistas com artistas que ensinam pintura, e desta forma, construir um aporte que dialogasse com meus questionamentos iniciais. E como aporte teórico para esta investigação amparei meus pensamentos sobre os textos de John Dewey. Incisivamente este autor foi usado neste texto como um marco inicial para desenvolver minha reflexão sobre o quê e como eu deveria produzir minha própria experiência. O que quero dizer, e é preciso que fique claro, é que este trabalho é parte de uma vida acadêmica, vinculado a área de ensino de arte, mas voltado ao processo criativo e por ser vinculada a pintura é um diário também e assim, não segue padrões formais.

Em 2012 eu iniciei uma troca de diálogos e emails, com Maria Helena Bernardes, artista e professora no espaço Arena em Porto Alegre, no sul do Brasil. A Arena é uma escola livre, formada por um grupo de artistas, voltado para cursos teóricos sobre História da Arte e prática artística. A partir destas conversas tive vários *insights* sobre os

professional experiences, reflections on the books I read and the classes I planned, and it also presents the illustrations/images and notes I worked on throughout the 6-month research in New York, about teaching painting.

It is a diary of the professor and of the artist. I narrate the rambling in the path of research in an intimist way (and this always was my desire). As a researcher, I love going to scientific events, presenting my research work, writing and publishing papers, besides, of course, being in the classroom with my students, but in this exact moment I want to direct my look towards my own creative process, I want to 'converse' with myself about painting, about the teaching of it and its construction, and I finally hope to re-unite with myself, re-visit myself, and finally I hope to mature and share my ideas about Art and Life.

As a professor, researcher and artist, and tied to a public university in Brazil, I have been asking myself: how to develop a practical and theoretical study about teaching painting in studios? Or how to articulate an artistic process in painting in a class on Art and Education. How does this education at the University, end up moving into public schools?

On that account, I have since the beginning intended to observe painting classes in studios, have guidance for a personal pictorial investigation, carry out interviews with artists that teach painting and, in this way, develop a material that speaks to my initial questionings. And as theoretical material for this research, I have harbored my thoughts in the texts of John Dewey. This author was keenly used in this text as an initial point for developing my reflection on what and how I should produce my own experience. What I mean is, and this should be very clear, that this work is part of an academic life, linked to the art education field, but focused on the creative process and because it is connected to painting it is also a diary and therefore, does not follow any formal standards.

In 2012 I started an exchange of dialogues and e-mails with Maria Helena Bernardes, artist and professor at Arena in Porto Alegre in the south of Brazil. Arena is an independent school, formed by a group of artists and focused on theoretical courses about Art History and artistic practice. From these conversations I stemmed

caminhos que eu poderia seguir, em relação a minha vida profissional. Maria Helena me ajudou a recuperar meu olhar sobre as cores, sobre a pintura, sobre o estúdio, sobre o espaço para uma vida criativa. Ela me fez uma série de questionamentos e indagações, que propiciaram conversas escritas (por trocas de emails) e orientações presenciais, que estimularam o meu retorno a pintura e a escrita poética - como caminho de pesquisa. Além disso, foi com a ajuda dela, que re-li outros diários de artistas, textos singulares que provocaram o encontro com uma vontade de 'me atirar as tintas' e transgredir meu eixo definitivamente.

A bem da verdade, mesmo tendo uma vida profissional promissora, como julgo a vida que tenho, me sentia até então 'com a boca seca ou com sede a maior parte do tempo', sobre o assunto de retornar a pintura como prática diária. Isso porque há 10 anos atuo como professora e pesquisadora no Ensino Superior no Brasil. Fiz Doutorado em Artes Visuais na Universidade de São Paulo, na Escola de Comunicações e Artes da USP, tendo a honra de ter sido orientada pela professora Dra. Ana Mae Barbosa (figura de extrema relevância para a Arte Educação no Brasil), defendi a Tese "Arte contemporânea, cultura visual e formação docente", onde pesquisei, dialoguei e construí teorias que amparam minha prática docente até então. Anteriormente, fiz Mestrado em Educação na Universidade Federal de Santa Maria no Rio Grande do Sul, onde escrevi a dissertação "Interface Arte-Moda: tecendo um olhar crítico-estético do professor de Artes Visuais". Estes trabalhos têm sido amplamente divulgados em eventos científicos e ambos estão disponíveis no site www.culturavisual.org. Obviamente, meu olhar frente a Arte, voltou-se para questões sobre o ensino de arte e evidentemente, mais sobre a teoria do que a prática artística, e isto, começou a me trazer profunda tristeza, embora eu tivesse conseguido um alargamento muito grande sobre o conhecimento em Arte e sobre seu ensino. Mas sempre me recordei de meus estudos iniciais em Arte, quando em 1999 no Curso de Desenho e Plástica, primeiramente no Curso de Bacharelado e depois, na Licenciatura tive a certeza do que eu gostaria para minha vida profissional. No Curso de Bacharelado, eu estudei durante quatro anos no Ateliê 1336, com o professor Alphonsus Benetti, o qual eu considero meu verdadeiro Mestre até hoje. Porque foi naquele ateliê e com as

many insights into the paths I could choose to follow in my professional life. Maria Helena helped me regain my 'look' on the colors, on painting, on the studio, on room for a creative life. She prepared me several questionings and inquiries, which allowed for written conversations (through the exchange of e-mails) and tutoring meetings, which stimulated me to go back to painting and poetic writing as a field of research. Furthermore, it was her help that made me re-read other artist diaries, singular texts that led me to a desire to "throw myself at the paints" and transgress my axis once and for all.

To tell the truth, even having a promising professional life, as I consider my life to be, until that point I felt 'my mouth dry or thirsty most of the time', on the subject of picking up painting as a daily practice again. That is because for 10 years now I have been working as a higher education professor and researcher in Brazil. I got my doctorate degree in Visual Arts from the University of Sao Paulo, in the USP School of Communication and Arts, and had the honor of working under the guidance of professor Dr. Ana Mae Barbosa (extremely relevant reference for Art Education in Brazil), I defended the Dissertation "Contemporary art, visual culture and professor education", where I researched, discussed, and developed theories that sustain my professor practices until now. Before that, I got my Masters degree in Education from the Federal University of Santa Maria in the Brazilian state of Rio Grande do Sul, where I wrote the thesis "Art-Fashion Interface: weaving a critical-aesthetical look for the professor in Visual Arts". These works have been widely presented in scientific events and both are available at www.culturavisual.org. Obviously, my 'look' while facing Art turned to questions about art education and clearly, more to artistic theory than practice, and this started to bring me utter sadness, even though I had achieved a significant widening of my knowledge in Art and in Art education. But I always recalled my initial studies in Art, when in 1999, in the Drawing and Plastic Arts course, first in the Bachelor degree and then in the Art Teaching degree, I was sure of what I wanted for my professional life. In the Bachelor degree, I studied during four years at Studio 1336, with professor Alphonsus Benetti, who I consider my true Master to this day. Because it was in that

orientações daquele professor, que despertei meu pensamento pictórico sobre a Arte e as cores.

Mas por algum motivo, razão ou escolha eu me debrucei os últimos anos sobre o ensino de arte, sobre a construção do olhar de Outros, sobre a formação de professores e a Arte Educação e assim, acabei afastando-me das cores e de meu processo criativo com as tintas. Com o término da Tese de Doutorado em 2009, em meio aos assuntos burocráticos que envolvem a atuação docente no Ensino Superior (em 2009-2011 fui Chefe do Departamento de Artes Visuais na Universidade do Estado de Santa Catarina) e ainda, com imensos problemas pessoais posterior ao falecimento de minha mãe, eu resolvi mudar o rumo de meu caminho em meio a docência.

A partir daí voltei meus assuntos de pesquisa para o ensino de pintura e a cultura visual e comecei a ministrar disciplinas de introdução a linguagem pictórica e processo pictórico na Graduação em Artes Visuais, junto ao seminário sobre o ensino de ateliê no Programa de Pós-Graduação em Mestrado em Artes Visuais, onde hoje atuo como orientadora na Linha de Pesquisa de Ensino de Arte. Desde então meu olhar como professora/artista/pesquisadora tem sido sobre a percepção ou desvio da prática artística como pesquisa em Arte Educação.

Foi assim, que cheguei na escrita deste diário, que concebe de fato uma escritura sobre o Eu professora e o Eu artista. O texto que segue está dividido em duas partes: o diálogo com os diários dos artistas que eu estudei; as conversas trocadas sobre arte com Maria Helena Bernardes; E a segunda parte: o caderno de viagem com o diário da produção artística produzido em New York.

Em 2012, planejando as aulas para a disciplina de cultura visual resolvi envolver mais os alunos com o tema de cartas ou diários de artistas (trabalhamos especificamente pintores). Apresentei a temática de trabalho para 18 semanas de aula, lemos os textos, assistimos a filmes sobre os artistas escolhidos, pesquisamos sobre possíveis propostas de ensino envolvendo a temática e o estudo destes artistas, posteriormente cada aluno desenvolveu seu projeto poético com eixo no artista escolhido e finalmente concebeu um projeto de ensino de Artes Visuais. Nada mais

studio and under his guidance that I awakened my pictorial thought about Art and the colors.

But for some motive, reason or choice in the last years I have devoted myself to art education, to the construction of the 'look' of Others, to teaching professors and Art Education and thus, I ended up distancing from the colors and from my creative process with the paints. When I finished my Doctorate Dissertation in 2009, amidst the bureaucratic issues that are part of professorship in Higher Education (in 2009-2011 I was Department Chair for the Visual Arts Department at Santa Catarina State University) and still, surrounded by the massive personal problems that followed my mother's passing away, I decided to change the direction of my path in professorship.

From then on I turned my research questions towards painting education and visual culture and I started to teach classes on introduction to pictorial language and pictorial process for the undergraduate degree in Visual Arts, along with the seminar about studio education in the Post-Graduation, Masters and Doctorate Program in Visual Arts, where I work as a tutor in the field of Art Education. Since then my look as a professor/artist/researcher has been focused on the perception or deviation from artistic practice as research in Art Education.

This was how I came to write this diary, which as a matter of fact conceives writings about the professor Self and the artist Self. The text that follows is divided into two parts: the dialogue with the artist diaries that I studied; the conversations about art with Maria Helena Bernardes; and the second part: the travel journal with an artistic production diary which was produced in New York City.

In 2012, while planning classes for the visual culture course I decided to involve the students more in the subject of letters or artist diaries (we worked specifically with painters). I presented the syllabus for 18 weeks of classes, we read all the texts, watched movies about the chosen artists, researched about possible teaching plans considering this theme and the study of the artists, and subsequently each student developed their own poetic project centered on the chosen artist, and finally developed a Visual Arts education project. It is only natural for me to undergo this

natural, que eu realizar o mesmo processo, é o que mostro por vezes neste diário na primeira parte.

E na segunda parte do diário, o leitor encontrará o meu caderno de viagem. Estar em New York por quatro meses e me desprender do olhar de turista, para vivenciar o cotidiano, foi algo que realmente mudou minha vida. A cidade como uma imagem em movimento, nunca cessa. E estar em um lugar onde a língua nativa é muito diferente da minha, me permitiu exercitar durante muito tempo um exercício de tradução constante da realidade e quando se traduz, se destrói ao mesmo tempo em que se aprende a olhar algo pela primeira vez. Além disso, a vivência no cotidiano estranho, traz um exercício de desapego constante (da casa, da família, dos amigos e de tantos portos mais seguros). Exercitar o desapego é aprender a ver o mundo melhor, com mais independência e mais força (por isto nunca mais serei a mesma). Finalmente, tive a convicção de que esta pesquisa provocou não somente um retorno, mas também, um novo encontro com pintura. E desta forma, as relações tecidas pela pintura, por meio do processo de aprendizagem e observações, são configurações de uma nova escuta sobre a Arte. E seguindo o pensamento de T. S. Eliot em "*The Four Quartets*", a exploração por novos mundos e assuntos e conceitos nunca vai cessar e no final, talvez eu volte ao mesmo lugar, mas com a certeza de que algo mudou: a forma de olhar.

Referências/ References

DEWEY, John. Arte como experiência. São Paulo: Editora Martins, Fontes, 2010.

JAFFE, Nick; BARNISKI, Becca; COX, Barbara Hackett. Teaching Artist Handbook - volume I: Tools, techniques and ideas to help any artist teach. Chicago: Universidade de Chicago Press, 2013.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (orgs.) Pistas do Método da Cartografia. SP: Editora Sulina, 2009.

Sullivan, G. (2007). Creativity as Research Practice in the Visual Arts. In L. Bresler (Ed.) International Handbook of Research on Arts Education, Part 2, (pp.1181-1194). Dordrecht, The Netherlands: Springer.

SMITH, Keri. How to be an explorer of the world - portable art life museum. New York: A Perigee Book, 2008.

same process, it is what I show from time to time in the first part of this diary.
In the second part of the diary, the reader will find my travel journal. Being in New York for four months and letting go of the tourist look in order to experience everyday life, was something that really changed my life. The city as a moving image, it never stops. And being in a place where the native language is so different from mine allowed me to exercise for a long time an exercise of constant translation of reality, and when one translates, one destroys at the same time that one learns how to look at something for the first time. Moreover, the experience of an unfamiliar everyday life, brings about a constant exercise of letting go (from home, from family, from friends, and from so many safer ports). Exercising this non-attachment is learning how to see the world better, with more independence and more strength (and for this I will never be the same).
Finally, I have the conviction that this research led not only to a return, but also, to a new encounter with painting. And in this way, the relations spun by painting, through the learning process and observations, are configurations of a new perception of Art. And following T. S. Eliot's thought in "*The Four Quartets"*, the exploration of new worlds and subjects and concepts will never cease and in the end, perhaps I will return to the same place, but certain that something has changed: the way of looking

PARTE 1

Diário de Artista e Diário de Professor

PART 1

Artist's Diary and Professor's Diary

Correspondências ou Diálogos Necessários Sobre Arte

De: Jociele Lampert
Assunto: sobre o volume 1 - textos essenciais
Para: “Maria Helena Bernardes”
Data: Sábado, 10 de Março de 2012, 17:01

Olá Maria Helena,
tudo bem?!

Aqui em Florianópolis hoje fez um sol lindo, dia de calor e de praia. Então aproveitei para colocar a minha leitura em dia e re-li o volume 1, da coleção da Jacqueline Lichtenstein.
Antes disso, te conto que tive uma semana conturbada na Universidade. Aqui é feito um plano de capacitação docente em cada departamento, e meu nome está na saída em 2012, o que meu chefe me disse, é que se eu não sair em 2012, realmente terei que voltar para o final da fila. Isso me fez pensar e começar a agir também. Tenho até maio para decidir o quê e como fazer. Mas claro penso que meus planos seguem de todo o modo como antes. Conversei com alguns amigos artistas de Buenos Aires, tive aceite para pesquisa na IUNA, na UBA. E por fim, tive aceite na Faculdade Latino Americana de Ciencias Sociais também em Buenos Aires. São boas indicações, mas nada específico em pintura como eu queria. Assim, as formalidades podem tramitar mas enfim, na prática terei que buscar orientação em ateliês livres (talvez) mais próximo da pratica de pintura. Ainda vou tentar as indicações em Universidades dos EUA, descobri que as escolas de arte lá não podem aceitar um estudo de pós doutorado, tem que ser mesmo em centro de ensino/universidade ou pesquisa. Será bem complicado, mas tenho fé que tudo fique bem e, também não descartei a possibilidade de conseguir uma orientação no Brasil e fazer a pesquisa fora.
Bem, quanto ao livro: apreciei o texto de abertura, que fala do mito da pintura, que indica para o que vai ser encontrado ao longo do texto sobre a condição social do artista na antiguidade, que se refere a um labor manual, vinculado fora

Necessrary Correspondence or Dialogues About Art

From: Jociele Lampert
Subject: about volume 1 - essential texts
To: “Maria Helena Bernardes”
Date: Saturday, March 10, 2012, 17:01

Hello Maria Helena,
how are you?!

Today here in Florianópolis it was sunny and beautiful, a hot beach day. So I used it to catch up on my reading and reread volume 1 from the Jacqueline Lichtenstein collection.
Before that, let me tell you that I had a difficult week at the University. A professor training plan is done here for each department, and my name is being taken off in 2012, it is what my boss told me, that if I do not leave in 2012, I will really have to go back to the end of the line. This made me think and also start acting. I have until May to decide what to do and how. But of course I believe that anyway my plans continue as before. I have talked to some artist friends from Buenos Aires, I was accepted to do research at IUNA, at UBA. And finally, I was accepted at the Latin American School of Social Sciences also in Buenos Aires.
They are good indications, but nothing specific in painting as I wanted. This way, the formalities may be carried through but in practice I will end up having to search in free studios (maybe) for orientation closer to painting practice. I will still try the indications of US universities, I found out that the art schools there cannot accept a postdoc study, it really needs to be in a learning institution/university or research. It will be quite complicated, but I have faith that everything will be fine and I also won’t ignore the possibility of getting some orientation in Brazil and doing my research overseas.
Well, about the book: I have enjoyed the opening text, which talks about the painting myth, that points to what will be present throughout the text about the social condition of the artist in antiquity, which refers to a manual labor, bound outside

do eixo intelectual ou teórico. Bem, o volume se divide em dois eixos: o primeiro sobre narrativa de fatos ligados a artistas e o segundo, escritos sobre pintura, muitos com topos para uma mítica sobre a pintura, ou seja, são textos essenciais para a compreensão inicial da pintura, pautada na teoria da arte. Na parte inicial, todos os escritos dão a ideia do pintor filosofo, ou aquele que escreve, que pensa e articula além de seu fazer manual. São escritos que remetem a percepção e construção do conhecimento sobre o conceito e a imagem da pintura. Filóstrato, descreve em seu texto quadros sem acesso a imagem; Pietro Arentino, dá ênfase ao caráter panfletário relatando imagem e texto, como um jornal; Leonardo, escreve o tratado da pintura, remetendo o caráter divino da pintura e a relação de construção da imagem mental que o pintor usa quando cria - PENSO QUE ESTE É UM TEXTO DE EXTREMA RELEVÂNCIA, embora eu o ache romântico a forma como descreve a paisagem por exemplo; Segue a relação da poesia com a pintura e a função do desenho na criação da pintura. Um ponto também importante para compreender a linguagem pictórica e a diferença com o desenho, sempre me vem a ideia de que a pintura se vale do desenho ou apontamento, mas nunca é um desenho pintado. Nestes textos há toda uma ênfase do desenho, e isso também me lembra os textos da Fayga Ostrower sobre processo criativo. A ideia de divino me remete ao que poucos podem acessar e isso é questionável, mas isso, é uma ênfase filosófica entendo assim, me refiro aos textos que aproximam a pintura como construção da imagem em forma divina, ou a capacidade que a pintura/imagem tem em ser divina. Alguns textos fazem ênfase a cor, como algo que seria a imagem. Gostei também particularmente da indicação do relato do salão de 1765 de Diderot, é um texto conhecido e sempre bom ler, não só porque é o inicio da critica de salão, mas porque tem relação direta com o texto de Baudelaire, que é o inicio do pensamento moderno e o ideal do artista revolucionário. Seguindo, confesso que aprecio o credo criativo de Paul Klee, isto porque consigo visualizar as pinturas que ele fez lendo os fragmentos, e claro me lembrei do diário dele. Senti falta do texto do Kandinsky, que pra mim foi essencial também, mas que não aparece neste livro. Da segunda parte do livro, os escritos de Baudelaire sem duvida é o mais significativo,

the intellectual or theoretical axis. Well, the volume is divided into two axes: the first is about the narrative of facts connected to artists while the second is composed of writings about painting, many of which peak at the myth in painting, which means that they are essential texts to the initial comprehension of painting, based in art theory. In the initial part, all of the writings give the idea of the philosopher painter, or he who writes, thinks and articulates beyond his manual actions. They are writings that refer to perception and knowledge building about the concept and image in painting. In his texts, Philostratus describes pictures without access to the image; Pietro Arentino emphasizes the pamphlet element relating image and text, like a newspaper; Leonardo writes the painting treaty, refering to the divine character of painting and the relations in the construction of the mental image that the painter uses when he creates - I THINK THIS IS AN EXTREMELY RELEVANT TEXT, although I consider his way of describing landscapes romantic, for example; then follow the relationship between poetry and painting and the role of the drawing in creating the painting.

Also an important point in understanding pictorial language and the difference from drawing, I always think that painting makes use of drawing or sketch, but it is never a painted drawing. In these texts there is an entire emphasis on drawing, and this also reminds me of the Fayba Ostrower texts about the creative process. The divine idea takes me to that which so few can have or do have access to, and that is questionable, but that is a philosophical emphasis as I see it (I refer to the texts that approach painting as a construction of the image in a divine way, or the ability that painting/image has of being divine). Some texts emphasize the color, as something that would be the image.

Throughout the writings, the perception of reality, about reality, also appears, and how the artist makes use of this to paint something that is not what is set in reality, but is instead perceived by him. I also thought a lot about the text on sculpture in the extended field, perhaps a progression to the texts in this book, or at least, maybe, a text about the extended field in painting as a possibility, is there anything like this?

também, junto ao texto do Vassari, que confesso não li, mas pretendo ler. A ênfase no mítico ainda aparece na maioria dos textos, um em santidades e outro em divindade. Também apreciei e fiquei com vontade de ler mais sobre a obra de Yves Klein porque o texto final tem uma linguagem não tão rebuscada e me remete a um tempo mais próximo.
Ao longo dos escritos, também aparece a percepção do real, sobre o real e como o artista se vale disso, para pintar algo que não é o que está posto na realidade, mas sim está percebido por ele. Pensei muito no texto da escultura no campo ampliado também, talvez uma continuidade para os textos deste livro, ou pelo o menos, talvez, como possibilidade seria um texto sobre o campo expandido na pintura, tem algo assim?!

Bem, escrevi em uma linguagem bem coloquial, fiz várias pausas re-lendo o livro e várias anotações. Inclusive esbocei um eixo para o estudo que pretendo construir: algo sobre 'deambulações sobre a pintura: o ensino de arte em ateliê' ou então, 'de-curso sobre a pintura: o ensino de arte em estúdios de pintura', algo assim, a idéia me vem agora. Eu consegui finalmente resolver a tela que estou trabalhando, ainda aquela paisagem com citação a David Hockney. Coloquei o quadro médio em dobradiça com o grande, e um pequeno pregado no grande, para dar ideia de profundidade, mas também de um quadro sobre outro quadro, algo como paisagens com camadas no sentido figurativo. Assim que finalizar vou enviar uma imagem para você. E agora, confesso que quero mesmo iniciar as pinturas sobre as impressões em fine art, ficaram lindas as impressões, meu desafio será como colocar a cor e construir uma percepção, ao passo, tenho que dizer que isto me apavora também, ao ponto de me fazer parar, parece que há algo que me diz que é preciso um estudo anterior, uma colagem talvez, mas minha vontade é me atirar as tintas mesmo.

I also particularly liked the recommendation for Diderot's The Salon of 1765 review, it is a known text and always good to read, not just because it is the beginning of art criticism, but because it is directly related to Baudelaire's text, which is the beginning of modern thought and the ideal of the revolutionary artist. I admit that I appreciate the creative beliefs of Paul Klee, because I can visualize the paintings he made while I read the fragments, and of course it reminded me of his journal. I missed Kandinsky's text, which was also essential to me, but which does not appear in this book. In the second part of the book, Baudelaire's writings are definitely the most significant, along with Vassari's text, which I admit not having read but which I intend to read. The mythical emphasis still appears in most texts, as saint in one and as divine in the other. I also enjoyed and felt like reading more of Yves Klein's works, because the final text does not have such an overelaborate language and takes me to a closer time.

Well, I wrote in a quite familiar language, stopped many times while rereading the book and took many notes. I have even drafted an axis to the study I intend to construct: something about 'roamings about painting: art teaching in studios' or 'dis-course on painting: art teaching in painting studios', something like this, the idea comes up now. I was finally able to resolve the canvas I am working on, still that same landscape mentioning Hockney. I put the hinged medium frame with the big one, and a little one nailed to other big one, to give the idea of depth, but also of one frame over another frame, something like layered landscapes in the figurative sense. As soon as I finish it I will send you an image of it. And now, I admit that I really want to start on the paintings over the fine art prints, which turned out beautiful, my challenge will be adding the color and building a perception, while I have to say that this also terrifies me, to the point of making me stop, it seems like something is telling me that I need a previous study, perhaps a collage, but my desire is to give myself to the paints.

Para David Hockney
Óleo sobre tela
Oil on canvas

QUESTIONAMENTOS PARA PENSAR:
CORRESPONDÊNCIAS DE MARÇO E ABRIL DE 2012.

MH O que significa, para ti, a participação da paisagem no teu trabalho?
JL No meu trabalho a paisagem surge como tema ou propósito de início para a pintura. Gosto de olhar, apreciar uma paisagem e realizar desenhos e estudos em fotografia, e assim, buscar elementos para uma composição. No entanto, nos estudos iniciais e paisagem mais realista deverá obrigatoriamente ser re-interpretada pela cor, pela pincelada na tela, e assim, tenho buscado desconstruir uma paisagem mais realista ou que se pareça com paisagem para buscar algo que saia da cor e no tratamento e que tenha vínculos abstratos mas ainda seja uma paisagem. Gosto também de pensar em possibilidade para montagens (embora de fato não tenha realizado) usando colagens e interferências nesta paisagem, ou seja, é uma paisagem trabalhada pela cor, com possibilidade a ser sempre ampliada.

MH Quais são os artistas que para ti são referências em termos de pintura e paisagem?
JL Matisse, Kandinsky, Van Gogh e Iberê Camargo (porque vejo paisagens nas construções de Iberê) foram referencias durante muito tempo, até eu iniciar o trabalho com cultura visual, desde então busco referencias mais próximas e que evidenciem arte no campo ampliado. Daí surgiram os estudos sobre Pollock, Beuys, De Kooning, Guilhermo Kuitca, Adriana Varejão e Christo (*The Gates Project*). Na aquarela gosto dos trabalhos de Paula Senderowicz e colagens e construções de Thomas Hirschhon e alguns trabalhos de Jorge Machi. Tenho gostado de artistas em que posso ver a paisagem também em instalações, mas que reconheço a pintura em si.

MH Como vês a situação da pintura na arte contemporânea?
JL Gosto de pensar a pintura hoje de forma mais ampla, mas sem abrir mão dos

QUESTIONS TO THINK ABOUT:
CORRESPONDENCE FROM MARCH AND APRIL, 2012.

MH What does the presence of landscape in your work represent to you?
JL In my work, the landscape appears as a theme or as a reason to begin the painting. I like to look, to admire a landscape and carry out drawings and photography studies and in this way, search for elements for a composition. However, in the initial studies the more realistic landscape will have to be re-interpreted by the color, by the stroke on the canvas and so I have been aiming at deconstructing a more realistic landscape or one that looks like landscape, in order to look for something that comes out of the color and the treatment and that has abstract links but is still a landscape. I also like to think about assembling possibilities (despite not having done it yet) using collage and interferences into the landscape, in other words, it is a landscape worked by the color, with the possibility of always being expanded.

MH Which artists are references to you in painting and landscape?
JL Matisse, Kandinsky, Van Gogh and Iberê Camargo (because I see landscapes in Iberê's constructions) were references for me for a long time, until I started my work with visual culture, and since then I have searched for references which are closer and which reveal art in the extended field. From then arose the studies about Pollock, Beuys, de Kooning, Guilhermo Kuitca, Adriana Varejão and Christo (*The Gates Project*). In watercolors I like the works of Paula Senderowicz and the collages and constructions of Thomas Hirschhon and some works of Jorge Machi. I have been enjoying artists in whom I can see the landscapes also in installations, but I can also recognize the painting itself.

MH How do you see the painting situation in contemporary art?
JL I like to think of painting today in a broader way, but without disregarding

meios pictóricos, porém podemos hoje usar outros processos pós pintura (fotografia e pintura, pintura e gravura, impressão fine art). Não gosto de rotular o que é pintura ou não (escultura usando cor ou gravura), penso como um processo, mas parte de mim, ainda tende a realizar o processo de estudos (colagem e aquarela) e posteriormente a tela. Meu projeto atual interfiro em impressão fine art em tela, imagens fotográficas que eu mesma tirei de viagens (uso a tinta e vou colorindo e desconstruindo a paisagem), no entanto, também penso em inserir usando colagens e nada me impede de fotografar o resultado e novamente imprimir. No meio acadêmico tento evitar a discussão, pois como ministro disciplinas iniciais, o conteúdo paira sobre a técnica, no entanto, claro que mostro os livros dos clássicos, a linha do tempo das vanguardas, textos, e tento incentivar a produção de algo genuíno e mais contemporâneo, não pensando a técnica em si ou a tela em si, mas o conjunto ou o contexto de onde esta tela estaria porque relaciono sempre com a cultura visual, isto acaba chegando ou encostando no graffite, na discussão sobre o olhar da cidade e interferências visuais do cotidiano, o que também chamo de paisagem. Mas como eu vejo, percebo que há ainda uma busca por mostrar a pintura de forma diferente e ampliada do que vimos em um quadro (tecnologia e mídias).

MH Mencionaste o De Kooning e alguns pintores de caráter bem expressivo. Como participa o gesto da tua pintura?
JL Em minha pintura o gesto aparece pelas pinceladas, embora ainda timidamente (porque é sempre um exercício e um desafio ampliar este gesto), mas gosto de pensar na gestualidade da pincelada, em momentos mais marcadas com texturas e saturação de cor ou refazendo várias vezes o mesmo ponto. Também penso no gesto de forma subjetiva ou em uma atitude e coragem em `sair`da tela e pensar no espaço, caso de montagens de imagens também.

MH Tens preferência por algum tipo de paisagem, em especial, ou qualquer imagem de cena exterior te motiva a trabalhar?

the pictorial means, although today we can use other post-painting processes (photography and painting, printmaking and painting, fine art prints). I do not like labeling what is and what is not painting (sculpture using color or printmaking), I think like a process, but part of myself still tries to follow through with the study process (collage and watercolor) and then canvas. In my current project I intervene in fine art prints on canvas, photographic images that I took myself while on vacation (I use paint to color and deconstruct the landscape), however, I also think about inserting with collage and nothing is keeping me from photographing the result and printing it again. In the academic field I try to avoid debating, because since I teach beginner courses, the content hovers over technique, but of course I still show them books of the classics, the avant-garde timelines, texts, and I try to encourage the production of something more genuine and more contemporary, not considering only the technique in itself or the canvas in itself, but the whole or the context of where this canvas would be because I always relate it to visual culture, this ends up arriving at or touching on graffiti, in the discussion about looking at the city and visual interventions in everyday life, which I also call landscape. But as I see it, I notice that there is still a quest for showing painting in a different and broader way from what we see on a canvas (technology and media).

MH You have mentioned Kooning and some quite expressive painters. How does the gesture take part in your painting?
JL In my painting the gesture appears through the strokes, although still timidly (because it is always an exercise and a challenge to expand this gesture), but I like to think of the gesture within the stroke, in moments marked by texture and color saturation or redoing the same spot many times. I also think about the gesture in a subjective way or in a brave attitude to “exit” the canvas and think about the space, which is the case for assembling and images too.

MH Do you have a preference for some kind of landscape in particular, or does any image of an outside scene motivate you to work?

JL Neste momento qualquer imagem de cena exterior me toca e me provoca. Mas fico remoendo muito tempo estas imagens, até realmente levar isto para o trabalho. Visto meu ritmo de pintura ter ficado mais lento em função do tempo que tenho. De todo o modo, tenho buscado referencias para o que chamo de paisagem e tenho tentado levar isto ao trabalho de forma não representativa mas que apresente algo, uma lembrança, um conceito, uma forma que vislumbre o que foi visto - também reconheço isso em trabalhos que não são paisagens mas me recordam diretamente, como os trabalhos de Tápies, que aprecio muito, talvez pelo caráter ou mensagem ou discurso social que há no seu trabalho, embora aprecie o que vejo e sinto, não o discurso da obra.

MH O conteúdo (narrativo, subjetivo, afetivo) de uma paisagem é importante para ti ou vês a paisagem mais como forma?

JL Até meados de 2005, a maior parte de minhas telas foram baseadas em imagens de um vilarejo chamado 'Vale Vêneto na quarta colônia italiana, próximo a Santa Maria'. Eu e meus colegas íamos a este lugar desenhar, e isto marcou e determinou a escolha do meu olhar para a paisagem, ou seja se tornou afetivo. Hoje, depois de meus estudos sobre educação e cultura visual, onde me coloco no olhar do outro, também penso a paisagem no campo ampliado, na cidade, no urbano, e isto acaba me instigando a conhecer outras formas (caso de interferir nas fotos de viagens), no entanto uma parte de mim, tende a voltar as montanhas e minha mão e cérebro tendem a apresentar árvores, montanhas, planos limitados por cores, volumes e texturas - ou seja, a busca por desenvolver meu trabalho é uma luta constante, ou tem sido, a ponto de me fazer desistir de buscar algo novo e aceitar o que me atrai, mas continuo tentando e buscando coisas diferentes. Por exemplo, ontem iniciei uma tela de mais ou menos 1 por 1, iniciei depois que vi imagens do trabalho de David Hockney, pensei nas cores e tons, fiz o primeiro esboço com óleo aquarelado, gostei mas parece que isto também revive o que já fiz, então coloquei outra tela ao lado (vou prender com dobradiças) uma tela menos, e encaixei montanhas, árvores, volumes e cores. A tela vai se chamar 'Para Hockney'.

JL At this point any image of an outside scene touches me and provokes me. But I linger pondering over these images for a long time before I really take them into my work. Since my painting pace got slower considering the time I have available. Anyway, I have been searching for references for what I call landscape and I have been trying to take this to my work in a way that is non-representative but that presents something, a memory, a concept, a form that shows a glimpse of that which was seen - I also recognize this in works that are not landscape but that remind me directly, like the works of Tápies, which I enjoy a lot, perhaps for the character or message or social discourse, although I enjoy what I see and feel and not the discourse in the work.

MH Is the content (narrative, subjective, emotional) of a landscape important to you or do you see the landscape more as a form?

JL Until sometime in 2005, most of my canvases were based on images of a village called 'Vale Vêneto in the 4th Italian colony, next to Santa Maria'. My classmates and I used to go there and draw, and this marked and determined my choice of looking at the landscape, in other words, it became something emotional. Today, after my studies about education and visual culture, where I see through someone else's eyes, I also think about the landscape in the extended field, the city, the urban, and this ends up enticing me to get to know other forms (like intervening on travel photographs), although a part of me tends to go back to the mountains and my hand and brain tend to present trees, mountains, plains bounded by colors, volumes and textures - in other words, the search for developing my work is a constant struggle, or has been, to the point of making me give up on looking for something new and accept what attracts me, but I keep trying and searching for different things. For example, yesterday I started on a canvas of approximately 1 by 1, and I started after having seen images of works by David Hockney, I thought about the colors and shades, did the first sketch with oil and watercolor, I liked it but it also seems to relive what I have already done, so I put another canvas next to it (I will attach them with hinges), a smaller one, and I joined in mountains, trees,

MH O que te impressionou nas pinturas do De Kooning, particularmente, já que não eram paisagens?
JL Gosto mais dos anos de produção de 40 a meados de 75, porque vislumbro grandes planos de cores e cortes que me remetem a paisagens. Também aprecio o uso de colagens, a interferência ou referencia disso na tela e a forma como ele desconstroi a imagens e abstrai tudo em cor, mas ainda, lembram-se figuras. Também gosto do processo dele, da forma como ele pintava no ateliê, usando cavalete, tintas, a desordem organizada. Diferentemente de Pollock - que gosto também pelo o resultado final, mas não aprecio o processo, o acaso em si, ou o formato do trabalho de processo, porém as telas são geniais - mas não vejo como estudo de cor ou como proposições ou nem mesmo vislumbro a paisagem, mas me permito apreciar pela liberdade do gesto do artista mesmo.

MH Mencionaste a possibilidade de a pintura "sair" da tela. O que te parece fazer uma rápida reflexão comparada entre pintores brasileiros e internacionais que se propuseram a esse exercício (levar a pintura para fora do quadro), tanto no Modernismo, quanto na arte contemporânea? Penso, por exemplo, na influência de Mondrian e Malevitch sobre os artistas Lygia Clark e Hélio Oiticica na fase neoconcreta, quando fizeram o salto da cor para o espaço tridimensional. Te interessaria ler e refletir sobre isso?
JL Sim, penso que refletir e ler mais sobre o projeto construtivista brasileiro seria interessante como base para entender melhor o devaneio e 'virada' para um pensamento mais conceitual para entender a pintura - isto é algo que seria válido sim. Houve uma época em meus estudos, quando iniciei o mestrado onde pesquisava sobre moda conceitual e a interface com as artes visuais, que tentei pensar a idéia da paisagem, ou mais propriamente da cor e composição, em formato conceitual, usando objetos, tecidos, roupas construindo objetos e roupas como espaço para performances, mas sempre tendo como base o entendimento da pintura. Foi neste momento que parei de pintar, porém ainda, preciso lembrar, que parte de mim

volumes and colors. It will be called ‘for Hockney’.

MH What particularly impressed you in the paintings of De Kooning, since they were not landscapes?
JL I like better the production years from the 40s to some time in 75, because I see large planes of colors and cuts that take me back to landscapes. I also appreciate the use of collage, the interference or the reference of this on the canvas and the way he deconstructs images and abstracts it all in color, but still, they remind one of figures. I also like his process, the way he painted in the studio, using easel, paints, the organized disorder. Different from Pollock - which I also like for the final result, but do not appreciate the process, the chance in itself, or the format of the process work, but the canvases are excellent - but I do not see them as a color study or as propositions nor do I even catch a glimpse of the landscape, but I allow myself to appreciate it for the artist’s freedom of gesture.

MH You have mentioned the possibility of the painting “exiting” the canvas. What do you think about making a quick comparative reflection between Brazilian and international painters who have taken up this exercise (taking the painting out of the canvas), both in modernism and in contemporary art? I think, for example, about the influence of Mondrian and Malevitch over Lygia Clark and Hélio Oiticica in the Neo-Concrete movement, when they made the color jump into three-dimensional space. Would it interest you to read and think about this?
JL Yes, I think that thinking and reading more about the Brazilian Constructivist Movement would be an interesting basis to better understand the reveries and the veering towards a more conceptual thought to understand painting - this would be valid indeed. There was a time in my studies, when I started my masters where I researched about conceptual fashion and the interface with visual arts, when I tried to think of the landscape idea, or better said, the color and composition idea, in a conceptual format, using objects, fabric, clothes constructing objects and clothes as a space for performances, but always keeping as foundation the

insistia na tela e sentia falta deste meio e processo. Por isto acabei desistindo de tentar realizar a pintura, embora compreendesse pintura vendo os trabalhos de Beth Moisés, por exemplo. Entendia o meu processo como algo pontual naquele momento para aquela pesquisa. Hoje já vislumbro como repertório, não descarto a idéia por exemplo de ter a tela pintada em uma instalação ou revista em processos de impressão ou outros estudos de desconstrução ou que usam a pintura de forma conceitual. Mas também tenho dimensão do retorno de uma pintura mais realista como eixo contemporâneo o que me atrai bem mais para desconstruir, porque me desafia a entender o 'retorno' de algo que sempre esteve aqui. Tenho visto muito o site da Saatichi, http://www.saatchionline.com/ até para pensar melhor sobre este retorno junto a outros meios (fotografia e meio digital) ou outros, mas ainda assim, não me parece mais uma luta pelo conceitual como objeto, mas sim, conceitual como conceito de pintura e representação ou apresentação de ideias.

MH Algo me chamou atenção em tuas respostas; tua identificação com a "desordem organizada" do De Kooning frente a o puro automatismo de Pollock, que já não te atrai tanto como processo. Que papel têm ordem e desordem no teu jeito de trabalhar e de compor uma imagem?

JL Em meu processo organizo a paleta de acordo com a escolha anterior a tela e depois, vou modificando. O que me move muitas vezes é uma imagem, uma figura ou algo que persigo, eu tenho um devir mas com o passar do tempo me parece mais racional ao passo que também é afetivo e fruto de meus desejos, mas raramente trabalho com o acaso na tela e sim com o refazer e refazer até que fique como eu desejo. Nas experiências que tive com estudos me deparando com o acaso ou a esse automatismo o processo me pareceu incompleto, parece que sem o tempo de 'maturidade', mas claro que foram vivências significativas mas não tão afetivas quanto aquelas em que vou remoendo lentamente.

understanding of painting. It was at this moment that I stopped painting, but I still need to remember that part of me insisted on the canvas and missed this mean and process.
For this reason I ended up giving up on trying to achieve painting, although I understood painting seeing the works of Beth Moisés, for example. I saw my process as something brief, at that moment, for that research. Today I see it as repertoire, I do not set aside the idea of for example having the canvas painted on an installation or on a magazine in printing processes, or other studies of deconstruction or that use painting in a conceptual manner. But I also comprehend the dimension of the return of a more realistic painting as a contemporary axis, which attracts me much more for deconstructing, because it challenges me to understand the 'return' of something that has always been here. I have been looking a lot at Saatichi's website http://www.saatchionline.com/ even just to think better about this return along with other means (photography and digital media or others), but still, it does not seem to me to be a struggle for the conceptual as an object, but for the conceptual as a painting concept and a representation or presentation of ideas.

MH Something drew my attention in your answers; your identification with De Kooning's "organized disorder" facing Pollock's pure automatism, which does not engage you so much as a process. What roles do order and disorder have in your way of working and composing an image?
JL In my process I organize the palette according to the choice made prior to the canvas, and then I modify it. What often drives me is an image, a figure or something that I chase, I have a reverie but as time goes by it seems more rational while it is still emotional and an outcome of my desires, but I rarely work with chance on the canvas, I work on redoing and redoing it until it turns out the way I want it to. In the experiences I have had with studies encountering chance or this automaticity the process seemed to be incomplete, it seemed without the 'maturing' time, but of course they were significant experiences but not as emotional as those on which I slowly muse.

ANOTAÇÕES SOBRE O DIÁRIO DE PAUL KLEE

Florianópolis, 19 de maio de 2012.

Finalmente iniciei a re-leitura do Livro 'DIÁRIOS' de Paul Klee da Editora Martins Fontes. Antes disso, fui ao encontro dos catálogo e dos documentários sobre este artista. No youtube há um documentário muito interessante de 55 minutos sobre a vida e obra dele. O livro eu havia lido há muitos anos atrás, ainda no tempo da faculdade de Desenho e Plástica e tive um grato re-encontro, porque agora meu pensamento parece mais denso e assim, começo a ter meus devires mais próximos do que busco. Para facilitar a leitura do texto, e assim como Klee, resolvi abrir meu texto pelas notas de lembranças e depois pela fragmentação ou expansão.

Minhas primeiras experiências estéticas:

1. Até os 18 anos de idade eu morei na Travessa João Manoel, número 18, localizada no bairro centro, próximo a Escola Centenário e a Avenida Dores em Santa Maria no RS. Não sei porque chamavam de travessa, pois assim como hoje em Florianópolis chamam-se ruas sem saída de Servidão, pois a rua era na verdade um beco, ou uma rua sem saída mesmo e beco no sentido literal porque se localizava no barranco, atras da loja da Repneus. Eu morava em uma modesta casa de madeira, pintada de verde por fora, com o teto azul claro e as paredes internas em um tom rosa claro, anos depois minha mãe fez com que meu pai pintasse as paredes de tom verde claro. Na cozinha, havia um azulejo de cada cor e estilo, pois meu pai trabalhava em obras como encanador e fez a casa com restos de materiais dessas construções. O chão da cozinha tinha uma lajota cor de telha bem forte e fazia contraste com estes azulejos. Apesar de minha mãe reclamar que a casa era mal dividida, a casa tinha dois pisos, com uma área externa e uma pequena escada de madeira que dava acesso ao andar de baixo onde ficava o banheiro do lado de fora da casa, a cozinha e o outro cômodo que serviu de quarto para meus irmãos mais velhos, toda esta parte ficava isolada do restante dos quartos e sala em L do andar de cima. No mais, todas as aberturas (janelas e portas da casa) fechavam com pequenas tramelas,

NOTES ON THE DIARIES OF PAUL KLEE

Florianopolis, May 19th, 2012

I have finally started rereading the Book 'THE DIARIES OF PAUL KLEE' by Paul Klee, published by Martins Fontes Publisher. Before that, I went looking for the catalogues and documentaries on this artist. On youtube there is a very interesting 55-minute documentary about his life and works. I had read the book many years ago while still going to college for Drawing and Plastic Arts, and I had a fortunate re-encounter because now my thoughts seem more solid and therefore, I start having my reveries closer to what I am searching for. To make the reading easier, and like Klee, I decided to start my text with notes of memories and then with fragmentation or expansion.

My first aesthetic experiences

1. Until I was 18, I lived on 18 João Manoel Lane, located downtown next to the Centenário School and the Dores Avenue in Santa Maria, RS, Brazil. I don't know why they called it a lane, since just as it is today in Florianópolis, dead-end roads are called Servidão. The road was actually an alleyway, or really just a dead-end road and an alleyway in the literal sense as it was located on the ravine, behind the Repneus shop. I lived in a simple wooden house, painted green on the outside with a light blue ceiling and the inside walls a shade of light pink, years later my mother made my father paint the walls a light green shade. In the kitchen, there were tiles of all colors and styles, because my father worked as a construction plumber and built the house with leftover materials from these structures. The kitchen floor was dark terracotta-colored tile and contrasted with the kitchen tiles. Despite my mother's complaints about the house being poorly divided, it had two floors, an external area and a small wooden staircase that led to the bottom floor where there were the outside bathroom, the kitchen and another room that served as a bedroom for my older brothers, and this whole part was isolated from the rest of the bedrooms and the L-shaped living room on the floor above. Aside from that, all

existindo chave mesmo somente nas portas da frente e da cozinha. Dessa época lembro bem do assoalho lustroso, das coisas hermeticamente arrumadas, de uma estante de livros (que ninguém nunca lia) e que me fascinava simplesmente olhar as capas duras arrumadinhas. Lembro da penteadeira da minha mãe: com guardanapos amarelos e tudo muito limpo e organizado, dos vidros de perfumes (sabe aqueles quadriculados vendidos pela Avon) haviam muitos, de todos os aromas, e eu não podia tocar. Era tudo tão lindo visto pelo reflexo do espelho, além claro, da visão das cortinas brancas e da colcha estampada de tecido delicado sobre a cama, ou da visão do guarda roupa arrumado com portas abertas, com todos os vestidos de prenda da minha mãe, todos coloridos com muitos laços e fitas. (3 ou 4 anos)

2. Meu pai me ensinou a brincar com a terra tabatinga do quintal, a fazer de conta que cozinhava bolos e ele delicadamente achava tudo muito gostoso. Foi ele quem me ensinou a observar as coisas no mundo e a assobiar. Do jeito matuto ou sem estudo como ele dizia, era um homem grande e forte, de mãos imensas, vivia falando de política e do golpe de 64 e das militâncias amargas do PDT. Ele gostava de fazer planos em ter uma vida mais confortável, era um sonhador (morreu com 59 anos de câncer de pulmão). Ele me ensinou a observar borboletas quando levantávamos mais cedo e o sol ainda não estava tão alto aos domingos. Ele gostava mais das amarelas e eu das azuis. No pátio da casa, haviam muitas árvores e muito mato, não jardins cuidados com canteiros, só alguns que meu pai insistia em cuidar, mas a casa era cercada por um mato denso mesmo, com muito capim elefante no terreno detrás. Havia uma sanga que cortava o terreno, quase um esgoto a céu aberto, que tempos depois fora canalizado pela prefeitura. Era a sanga que nascia onde hoje é um shopping center na cidade. Dessa época minhas lembranças tangenciam as árvores: a pitangueira, o abacateiro e as goiabeiras, que haviam muitas. Lembro da primeira vez que tive vontade de desenhar na vida. Peguei uma prancheta pequena (onde ficavam as contas de luz), sentei na calçada que ficava do lado de casa e olhei aquela goiabeira esplendorosamente verde. Eram tantos tons de verdes. Eu com minha lapiseira e uma folha oficio, e meus olhos percorrendo o

of the openings (windows and doors) locked with small latches so that there were only keys for the front door and the kitchen door.
From this time I remember vividly the shiny floor, the hermetically arranged things, a shelf of books (that no one read) and that just looking at their arranged hard-covers fascinated me. I remember my mother's vanity table: with yellow napkins and everything very clean and organized, there were many perfume bottles (you know those square patterned ones sold by Avon) of all scents, and I could not touch them. It was all so beautiful seen through the reflection in the mirror, besides of course the sight of the white curtains and the delicate-fabric patterned bed cover over the bed, or the sight of the tidy wardrobe with the doors open, with all of my mother's traditional prenda dresses, all colorful and full of bows and ribbons. (3 or 4 years old)

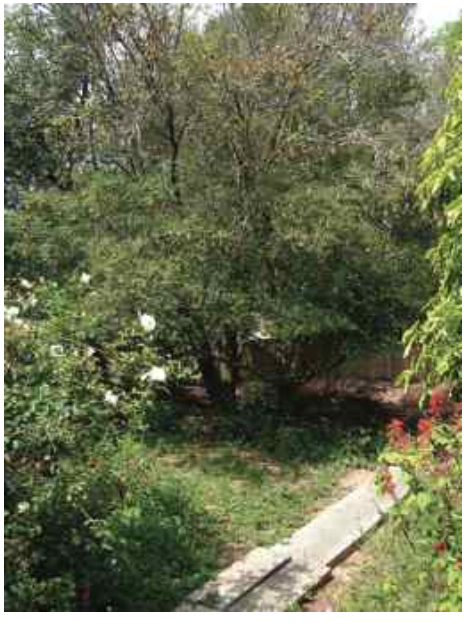
2. My father taught me to play with the tabatinga dirt in the yard, and to pretend I was making cakes and he delicately found everything very tasty. He was the one who taught me to observe the things in the world and to whistle. With his unsophisticated way or "without study" as he used to say it, he was a big and strong man, with huge hands, who was always talking politics, the 64' coup and the bitter military life of the PDT (Democratic Working Party). He liked making plans to have a more comfortable life; he was a dreamer (he died at 59 from lung cancer). He taught me to observe butterflies, on Sundays when we got up earlier and the sun was not so high yet. He preferred the yellow ones and I, the blue ones.
In the yard there were many trees and bushes, not neat gardens with flower beds, just a few that my father insisted on taking care of, but the house was surrounded by thick bushes, with a lot of elephant grass in the plot of land behind. There was a gully running through the land almost like an open sewer, which later was plumbed by the city. Its stream started where today there is a mall in the city. My memories from this time brush the trees: the Brazilian cherry tree, the avocado tree and the guava tree of which there were many. I remember the first time in my life I felt like drawing. I got a small clipboard (where the electricity bills used to be), sat on

tronco e galhos atentamente. Guardei este desenho por anos, depois ele se perdeu no tempo. (6 ou 7 anos)

3. Da adolescência até o inicio da vida adulta é a época que menos tenho lembranças das cores. Naqueles anos minha vida ficou cinza. Com a morte do meu pai, minha vida em família acabou, é verdade que minha mãe ficou mais doce nestes anos. Eu, minha irmã e minha mãe tivemos uma vida muito difícil nestes anos, onde meu único apego era o estudo ou a escola ou os sonhos de ter um futuro melhor. Foi estranho amadurecer e perceber, que o mato tomou conta do pátio, que a casa que era bonita e organizada, agora já quase se desmanchava em meio ao tempo. (17 ou 18 anos)

the sidewalk that was next to my house and looked at that guava tree, splendidly green. There were so many shades of green. Me, my mechanical pencil and a sheet of paper, and my eyes attentively traveling the trunk and branches. I kept this drawing for years, and then it got lost in time. (6 or 7 years old)

3. From my adolescence until the beginning of adulthood is the time that I have fewer memories of colors. In those years my life got gray. With the death of my father my family life ended, it is true that my mother got sweeter in those years. My mother, my sister and I had a very difficult life then, and my only bonds were to studying or school or the dreams of a better future. It was strange to grow up and notice that the bushes took over the house, and that the once beautiful and organized house now almost fell apart through time. (17 or 18 years old)



4. Da vida adulta e já casada lembro primeiro dos aromas (do cheiro das casas onde moramos, das receitas que fiz) e da descoberta das tintas quando desisti de fazer arquitetura e fui estudar artes. Cursar o ateliê 1336 foi a melhor escolha que fiz na vida. Foram 4 anos em meio a tintas e a natureza e aos livros. Dessa época eu lembro dos amarelos andando pelo vilarejo de Vale Vêneto na quarta colônia italiana, onde desenhávamos, eu, meus colegas e o professor Alphonsus Benetti. Foram anos intensos. (22 ou 25 anos)

4. From my adult married life I remember first the scents (the smells of the houses where we lived, the things I cooked) and the discovery of paints when I gave up on studying architecture and decided to study art. Taking the Studio 1336 class was the best choice I've made in my life. It was 4 years amidst paint, nature and books. From this time I remember the yellows strolling through the Vale Veneto village in the 4th Italian colony, where my classmates, professor Alphonsus Benetti and I used to draw. Those were intense years. (22 or 25 years old)
brings serenity and it is quite true that I feel at ease here. Even so I miss the heat of a warmer color. (34 years old and until now)

Série *Vale Vêneto (2002-2003)*
Óleo sobre tela
Oil on canvas

5. Depois da faculdade de Desenho e Plástica e de formada em pintura, fui instigada a seguir em frente nos estudos. Fui trabalhar como professora na Universidade (substituta), fiz Mestrado em Educação e com 27 anos fui para a USP fazer Doutorado em Artes Visuais. Agora eu sentia a pintura de longe, em meio ao ensino, mas com gana ainda de uma paixão que deixou de existir. Fiz concurso para ser professora efetiva em Florianópolis. Esse período me remete a uma cor negra de matiz escura, densa e pastosa. Foram tempos de escolhas e caminhos difíceis, de trabalho árduo e solitário, onde o tempo e o espaço me obrigaram a estar longe de tudo e todos. No dia de Natal de 2010 sepultei minha mãe. (30 ou 33 anos)

6. O inicio da deambulação: me mudei para uma casa na praia do Campeche em Florianópolis. Precisava de mais espaço e de mais tempo para a vida. Queria morar perto do mar. Finalmente retomei meu ateliê e o encontro com as tintas e com a natureza novamente. A casa, o jardim e a família. Agora ciente de que não é mais o lugar e sim o conceito sobre o tempo e o espaço que me move. Desse novo e ainda recente ciclo percebo os sons: da gralha azul e dos pássaros que circulam a casa toda manhã, do mar que vislumbro da janela, do vento que chega de manhã cedo e a noitinha quase como um suspiro. Nunca fui apaixonada por Florianópolis, escolhemos a cidade pela qualidade de vida e pela paisagem, mesmo assim a paixão nunca chegou, talvez, ainda é uma dúvida, uma dia ela venha. A cidade me remete ao brilho de uma tinta azul cobalto.

5. After graduating from Drawing and Plastic Arts and obtaining my painting degree, I was instigated to continue my studies. I went to work as an assistant professor at the university, got a Masters in Education and at 27 went to USP (São Paulo University) to get a doctorate in Visual Arts. Now I felt painting from a distance, amidst teaching, but still with the desire of a passion that ceased to exist. I interviewed to be a professor in Florianópolis. This period takes me to a black color with a dark, dense and thick hue. Those were times of choices and difficult paths, of hard and lonely work, where time and space forced me away from everything and everyone. On Christmas Day, 2010 I buried my mother. (30 or 33 years old)

6. The beginning of the roaming: I moved to a house at Campeche beach in Florianópolis. I needed more space and more time for life. I wanted to live near the ocean. I finally resumed my studio work and encounters with paints and nature again. The house, the garden and the family. Now I am aware that it is no longer the place but the concept of time and space that moves me. From this new and still recent cycle I perceive the sounds: the azure jay and the birds that circle the house all mornings, the ocean I can contemplate from the window, the wind that arrives early in the morning and at dusk with a sigh. I've never been in love with Florianópolis, we chose the city for the quality of life and the scenery, even so the passion never came, but maybe, it is still in doubt, maybe it will come one day. The city takes me to the brightness of a cobalt blue paint.

Frágil e firme ao mesmo tempo. Há dias em que sinto uma nuança violeta no céu que me acalma, me traz uma serenidade e é bem verdade, me sinto a vontade aqui. Ainda assim sinto falta do calor de uma cor mais quente. (34 anos e até agora)

Fragile and firm at the same time. There are days in which I feel a purple nuance in the sky that soothes me, brings serenity and it is quite true that I feel at ease here. Even so I miss the heat of a warmer color. (34 years old and until now)

Jardim suspenso na casa de vidro, Praia do Campenche
Hanging gardens in the glass house, Campeche Beach

Fragmentos do agora e a inconstância do tempo de uma semana:

7. 26 de maio de 2012: hoje preparando meus planos de aula, encontrei um livro de desenho de figura humana do Ray Smith (2004). Neste livro há lições ou exercícios para o desenho de figura humana e seu estudo, como por exemplo: iniciar com linhas sobre a fotografia, usar um objeto 3D como modelo, copiar um postal de uma pintura, usar o modelo como referência ainda, usar o museu como campo de estudos e re-ler esculturas e pinturas. Os exercícios todos fazem o direcionamento para olhar a forma ou o todo. Pensei que na falta de um modelo ou figura humana, que copiar as telas (me lembrei da tela do quarto de Van Gogh porque trouxe uma reprodução da última viagem). Penso que vou usá-la para exercitar o estudo de cor e forma. Mas voltando a figura humana, pesquisando sobre retratos encontrei bons trabalhos de Alex Katz e de Elizabeth Peyton. Gostei porque nas telas renascentistas ou de uma figuração exagerada, me parece um estudo mais solto (apesar do rigor formal), gostei sobre tudo das pinceladas e das cores que os ambos utilizam. Gostaria de ter mais tempo para me dedicar a figura humana e ao retrato, mas para isto, além de tempo é preciso disciplina e coragem.

http://www.thegorgeousdaily.com/elizabeth-peyton/
http://www.alexkatz.com/

Fragments of now and the inconstancy of a week's time:

7. May 26th, 2012: today while preparing my class, I found a drawing book of human figures by Ray Smith (2004). In this book there are his studies and lessons or exercises for drawing the human figure, like for example: starting with lines over a photograph, using a 3D object as a model, copying a postcard from a painting, using the model as a reference, using the museum as a study field and re-reading sculptures and paintings. All of the exercises direct one to looking at the form, the whole. I thought that when lacking a model or human figure, copying canvases (I remembered the canvas in Van Gogh's bedroom because I brought a representation of it from my last trip). I think I will use it to exercise the study of color and form. But back to the human figure, while researching about portraits I found some good works by Alex Katz and Elizabeth Peyton. I liked them because they are not renaissance nor have an exaggerated figure, I got the impression of a looser study (in spite of the formal rigor), I liked especially the strokes and colors that both make use of. I would like to have more time to dedicate to the human figure and portraits, but for that I need not only time but also discipline and courage.

Estudos em aquarela para retrato de Lola, 2012
Watercolor studies for Lola's portrait

8. 27 de maio de 2012: hoje iniciei uma nova tela. Usando a paisagem ainda como referência. Parte da tela é um recorde de uma impressão fine art de uma fotografia de NY, o restante são partes da paisagem do Central Park. Levei uma tarde passando o desenho usando o carvão, mas não ficou como eu queria, mesmo assim, já imagino as cores. Farei sem esboço de cor, mas ainda assim em camadas. Quero experimentar a liberdade.

Óleo sobre tela e impressão Fine Art
Oil on canvas and Fine Art print

8. May 27th, 2012: today I started a new canvas. Still using the landscape as a reference. Part of it is a clipping from a fine art print of a photograph of New York, and the rest are parts of the Central Park scenery. I spent an afternoon getting the drawing using charcoal, but it did not turn out as I wanted it to, but even so I already imagine the colors. I will do it without a color draft, but still in layers. I want to experience freedom.

Vista do estúdio em maio de 2012.
View from the studo in May 2012.

9. 28 de maio de 2012: hoje minha encomenda da Koralle chegou. Recebi finalmente meus pincéis e lápis aquarelados. No final de semana ou nos próximos dias de feriado espero que faça um bom tempo, vou me arriscar na paisagem e no desenho ao ar livre, que há tempos penso em fazer. Penso em vislumbrar mais as possibilidades do desenho ao ar livre e olhar a paisagem. Buscar a paixão.

9. May 28th, 2012: today my Koralle order arrived. I finally have my watercolor brushes and pencils.
I am hoping for good weather over the weekend or the next holidays, I will venture into landscape and open-air drawing, which I have been thinking of doing for some time. I am thinking about contemplating more the open-air drawing possibilities and watching the landscape. Looking for the passion.

Estudos do jardim suspenso
na casa de vidro, 2012.
Studies of the hanging gardens
of the glass house.

10. 03 de junho de 2012: hoje fez um lindo domingo de sol em Florianópolis, mesmo assim, resolvi ficar em casa e assistir um vídeo que eu havia encomendado: o filme de Raúl Ruiz sobre a história de Klimt, com John Malkovich. A história linda em meio a loucura e o imaginário do artista. Em minha última viagem vi algumas obras de Gustav Klimt, obras deslumbrantes. Eu gosto especialmente da cor aveludada na figura humana, das veladuras, das transparências e do jeito inacabado na figura retorcida como no espelho. A vontade de pintar re-aparece.

Estudos de aquarela na casa de vidro
maio de 2012.

Watercolor studies in the glass house
in May 2012.

10. June 3rd, 2012: today was a beautiful sunny Sunday in Florianópolis but even so I decided to stay home and watch a video that I had ordered: the movie by Raúl Ruiz about Klimt's story, with John Malkovich. The beautiful story amidst the madness and the imagination of the artist. On my last trip, I saw some Gustav Klimt works, stunning works. I especially like the velvety color in the human figure, the glaze, the transparencies and the unfinished way of the twisted figure as in the mirror. The desire to paint reappears.

ANOTAÇÕES SOBRE O DIÁRIO DE FRIDA KAHLO

Resolvi escrever em um único arquivo e assim, colocar algumas imagens para tecer minhas reflexões sobre o Diário da Frida Kahlo. Eu li o texto introdutório de autoria de Carlos Fuentes, onde o autor descreve a primeira vez que viu Frida em um teatro, com suas jóias e roupas opulentas, coloridas, grandes e enfáticas na cor; depois o outro segue em um comparativo de Frida com figuras míticas, que cultuam nosso imaginário: deusas, mulheres astecas, guerreiras.

Na página 227, Frida anuncia sua realidade e não seus sonhos: em torno de uma mancha que mistura o verde com o negro, ela escreve: *mundos cobertos de tinta – terra livre e minha. sóis distantes que me chamam porque faço parte de seus núcleos. Tolices. O que eu poderia fazer sem o absurdo e o efêmero? 1953 há muitos anos compreendo o materialismo dialético.* Ela não pintava sonhos, pintava sua realidade e o mundo que a circulava - seu amor por Diego e as dores da vida.

O que se espera de um diário? Eu me perguntei quando comecei a reler o diário. Eu encontrei um livro muito belo, uma excelente publicação da área de artes, uma referencia de História da Arte e de fato, os escritos de uma artista que amava sobre tudo pintar. Folhei o diário descomprometidamente várias vezes, a impressão que tive: uma lindeza, diferentes cores, camadas, fragmentos, bons desenhos, rabiscos descomprometido com um formato legitimado. Me pareciam gritos. Lembrei do espiritual na arte de Kandinsky. E lendo os escritos (aquelas camadas e fragmentos de cor e tinta aguada) viraram muitas vezes gritos. No sentido figurado, claro, me perguntei depois se seria possível isto.

Ah do que a Arte é capaz! Transcender, transfigurar, burlar. Foi por isso que também me apaixonei um dia, por um sentimento que poderia me fazer eu me perder de mim mesma. Que loucura né?!

Frida deve ter sido uma mulher fascinante. Tenho vontade de estudar mais os trabalhos dela, quem sabe viajar ao México. Confesso: é a cor que me atrai, muito mais que qualquer representação criada. A cor é o que faz a diferença, que nada sutil desvia o olhar para uma ferida, um buraco, pintado de outra forma não me chamaria tanta atenção. Lembro das pinturas de Goya, fascinantes também com aquele ar taciturno, evidenciando a violência, a guerra e toda a dor - mas a cor não

NOTES ON THE DIARY OF FRIDA KAHLO

I decided to write in a single file and thus, add some images to birth my reflections about the Diary of Frida Kahlo. I read the introductory text written by Carlos Fuentes, where the author describes the first time he saw Frida in a theater, with her jewelry and her opulent, colorful, large, color-emphatic clothes; then, the other follows with a comparison between Frida and mythical figures that our imagination worships: goddesses, aztec women, warriors.
On page 227, Frida announces her reality and not her dreams: around a stain that mixes green and black, she writes: *inky worlds - a freeland and mine. distant suns that call to me because I am part of their nuclei. Rubbish. What would I do without the absurd and the ephemeral? 1953 for many years I have understood dialectical materialism*. She didn't paint dreams, but her reality and the world that surrounded her - her love for Diego, and the sorrows of life.

What to expect from a diary? I asked myself when I started rereading the diary. I found a very beautiful book, an excellent publication in the arts field, an Art History reference and indeed, the writings of an artist that loved painting above all. I flipped through the diary without commitment many times, and the impression I had: a beauty, different colors, layers, fragments, good drawings, uncommitted scribbles in a legitimate format. They looked like screams to me. It reminded me of the spiritual in the art of Kandinsky. And while reading the writings (those layers and fragments of a watery paint color) they became many times screams. Figuratively, of course, and I later wondered if this would be possible.
Oh what art is capable of! Transcend, transfigure, deceive. That is why I also fell in love one day, with a feeling that could make me lose myself within myself. Crazy, isn't it?!
Frida must have been a fascinating woman. I feel like studying her works more, maybe who knows travel to Mexico. I admit it: it is the color that attracts me, much more than any created representations. The color is what makes the difference, anything but subtly diverting the eye to a wound, a hole, which painted any other way would not draw my attention. I remember Goya's paintings, also fascinating

me choca, me choca a representação, entende o que digo?! Com as imagens que Frida criou, eu sinto vontade de saber mais, de ver mais. Cores fortes, quentes, uma paleta certamente derivada do contexto cultural mexicano, claro - e linda.
Depois de passar página a página de forma descomprometida com a leitura e somente para o prazer de meu devir sobre que estava visto, resolvi então, iniciar a leitura dos escritos.
Na primeira página há uma lista de palavras, isto segue em outros momentos do escrito, são palavras soltas, algumas frases desconexas, palavras apaixonadas, redundantes, adjetivos, subjetivos, jogo de palavras. Algumas palavras quase somem na aguada de cor ocre. Pareceu escrito com ponta seca e eis, que na quinta página, há um escrito a caneta azul, algo como uma bic.
Parece um poema, mas é um jogo de palavra. Tudo se refere a Diego, com amor e raiva, com crença e devoção. Aquele escrito a caneta, a caligrafia marcante me remete a uma situação que não sei ao certo se devo descrever ou lembrar, um nó em minha garganta ainda insiste em aparecer quando lembro de tudo. Duas situações: depois do sepultamento de minha mãe, que chamo de carinhosamente de Lola, depois de seu sepultamento dia 25 de dezembro de 2010 lá em Santa Maria, quando eu entrei no seu quarto, ainda sentindo a presença dela ali avistei ao lado da cama uma lista de compras e algumas anotações sobre seu livro. Com aquela caligrafia trêmula, com caneta azul, o formato do S, do N, do C me pareceu semelhante. Parei. O artista identifica o seu mundo em sua arte, o mundo dele é de todos os Outros, mas cada um

Desenho realizado no ipad em setembro de 2011.
Drawing done on iPad in September.

with that taciturn air, revealing the violence, the war and all the pain - but the color does not shock me, what shocks me is the representation, you see?!
With the images that Frida created, I feel like knowing more, seeing more. Strong, hot colors, a palette which certainly derived from the Mexican cultural context, of course - and beautiful.
After having flipped page by page without committing to reading and just indulging on my reveries about what had been seen, I then decided to begin reading the writings.
On the first page there is a list of words, and this continues in other moments of the writing, they are loose words, some disjointed phrases, loving words, redundant, adjectives, subjective, word games. Some words almost disappear in the watery ocher color. It seemed to be written with a dry tip and behold that on the fifth page, there is a blue ink writing, something like a bic pen.
It looks like a poem, but it is a word game. Everything refers to Diego, with love and rage, with belief and devotion. That pen writing, the evident calligraphy takes me to a situation that I am not entirely sure if I should describe or remember, a knot in my stomach still insists on appearing when I remember it all. Two situations: after burying my mother, who I tenderly call Lola, after her burial on December 25th, 2010 over in Santa Maria, when I entered her room, still feeling her presence there, I spotted next to the bed a shopping list and some notes about her book. With that trembling calligraphy, with the blue pen, the S, N and C shapes looked similar. I halted. The artist identifies his world in his art, his world is everybody Else's, but each with their own stories, sorrows, and loves.
Some days later I found the images created by Adriana Varejão, which I added as a start to this text. The idea of death and art, of death and life, seems relevant to the understanding of what we call contemporary art, doesn't it? I need to read more about this, regarding painting. I feel an overwhelming desire to create a study with Lola's image.
I looked for photographs and of course, I found a black and white portrait that she gave each of her children some time ago. We all liked that photograph, her in her

com suas histórias, dores e amores.
A idéia de morte e arte, de morte e vida, me parece relevante para o entendimento do que chamamos de arte contemporânea não é? Preciso ler mais sobre isto, em relação a pintura. Sinto uma vontade avassaladora de criar um estudo com a imagem da Lola.
Procurei as fotografias e claro, encontrei um retrato em PB que ela deu a cada filho um tempo antes. Todos nós gostávamos daquela fotografia, ela com 20 e poucos anos. Eu não quero e nem gosto de pintar figura humana, sempre tive meus medos em relação ao desenho, mas aquele sentimento de necessidade foi ainda maior.

Nesta página Frida fala um pouco das cores e do seu significado. Por exemplo: Para ela amarelo significava loucura. O verde tépida e boa luz. O vermelho "Sangue, talvez, quem sabe!"

As vezes penso em encarar meus medos frente a figura humana e estudar mais. Por hora é algo que ainda são planos. Mesmo assim, me atrai mais pensar em paisagens - me parece mais apaixonante. Finalmente terminei a tela que comentei a tempos. Aquela que o título é 'para Hockney', porque foi depois de ver algumas imagens dos trabalhos dele que me veio a vontade de pintar novamente.

twenties. I do not want to nor like to paint human figures, I have always had my fears regarding the drawing, but that feeling of necessity was even greater.

On this page Frida talks a little about the colors and their meaning. For example: to her, yellow meant madness. Green, lukewarm good light. Red, “blood, maybe, who knows!”

Sometimes I think about facing my fears of the human figure and studying more. For now these are only plans. Even so, thinking about landscapes attracts me more - it seems more charming. I have finally finished the canvas that I commented on some time ago. That one is entitled ‘to hockney’ because it was after seeing some of his works that I felt the desire to paint again.

Esquerda: Pintura óleo realizada em dezembro de 2011
Left: Oil painting done in december.
Direita: Pintura realizada sobre a primeira em março de 2012.
Right: Painting done over the first one in March.

E agora em meu cavale está finalmente também, a tela em fine art da fotografia de New York que pretendo re-trabalhar interferindo tinta a imagem em PB. As fotografias e as impressões ficaram lindas e tenho pesquisado artistas que se utilizam desde processo também. Esta é a vista do ateliê até agora, e tudo isto me faz ter vontade também em ler mais sobre espaços de ateliês hoje, principalmente pintores, ou artistas que trabalham com a linguagem pictórica.
Voltando ao diário, me sinto melhor por ter feito o estudo de aquarela da Lola. Agora posso voltar a reler o diário da Frida.

Vista do ateliê em maio ou junho de 2012.

View from the studo in May ou July 2012.

And now on my easel finally there is also the fine art canvas from the New York photograph that I intend to work on again, incorporating paint to the black and white image. The photographs and prints turned out beautiful and I have been researching about artists who also use this process. This is the studio view up to now, and all of this makes me want to read more about the studio spaces of today, especially painters, or artists that work with the pictorial language. Back to the diary, I feel better for having done that Lola watercolor study. Now I can go back to rereading the diary of Frida.

Algo marcante nos escritos: a descrição do amor que nunca foi seu. Frida descreve Diego:

Diego. princípio
Diego. construtor
Diego. meu bebê
Diego. meu noivo
Diego. pintor
Diego. meu amante
Diego. meu marido
Diego. meu amigo
Diego. meu pai
Diego. minha mãe
Diego. meu filho
Diego. eu
Diego. universo
Diversidade na unidade.
Porque é que lhe chamo Meu Diego?
Ele nunca foi e nem será meu.
Ele pertence a si próprio.

Que amor louco. Doente. Mas qual o amor que não é louco e doente. Mais lembranças me voltam. Toda a relação é melancólica, doentia e desmedida. Frida teve uma vida muito sofrida, mas agradecia por estar viva, mesmo sentindo seu corpo esvanecer - que fortaleza era essa mulher. E ao meu ver, Diego, era apenas Diego, não tinha nada de brilho, o brilho dele foi o amor dela. Claro que isto é especulação minha em relação aos escritos que se referem a ele.
Há outras passagens do diário que me foram relevantes: a ênfase em figuras míticas, como deuses e criaturas. As divagações unidas pela ênfase ao corpo que sofre. Sim, é impossível não lembrar daquela figura do olho sendo cortado, do filme *Cão Andaluz* do Buñel. E tambéme recordo das cenas do *Asas do Desejo* do Wim Wenders. Nestas cenas há uma foco para a mutilação como libertação, também me parece presente este nó nos escritos da Frida - me refiro as passagens onde ela narra seu sentimento quando amputaram a perna direita. Mesmo nestes momentos, sempre foi Diego e o amor por ele que a mantinham viva, e claro, a pintura era a forma de apresentar o amor.

Something outstanding in the writings: the description of a love that never was hers. Frida writes about Diego:

Diego. beginning
Diego. builder
Diego. my child
Diego. my sweetheart
Diego. painter
Diego. my lover
Diego. my husband
Diego. my friend
Diego. my father
Diego. my mother
Diego. my son
Diego. I
Diego. universe
Diversity in unity.
Why do I call him My Diego?
He never was and he never will be mine.
He belongs to himself.

What a mad love. Sick. But which love is not mad and sick. More memories come back. All relationship is melancholic, sick and undue. Frida had a very troublesome life, but she was thankful for being alive, even as she felt her body wane - what a fortress she was. And to my understanding Diego was only Diego, and did not have any brightness, his brightness was her love. Of course this is only my speculation regarding the writings about him.
There are some other parts of the diary that were relevant to me: the emphasis on mythical figures, like gods and creatures. Her digressions are united by the emphasis on the body that suffers. Yes, it is impossible not to think of that figure of the eye being cut, from Buñel's *An Andalusian Dog* movie.
I also remember the scenes in Wim Wenders' *Wings of Desire*. In those scenes there is a focus on mutilation as liberation, and this knot also seems present in Frida's writings - I refer to the passages where she describes her feelings when they amputated her right leg. Even in those moments, it was always Diego and the love for him that kept her alive, and of course painting was the way of depcting love.

ANOTAÇÕES SOBRE CARTAS A THÉO

17 de março de 2013

Olá Maria Helena, quanto tempo não é mesmo?! Há tempos estou com o seu email marcado na minha caixa de emails, mas hoje finalmente, criei coragem e achei o tempo para iniciar minhas memórias em meio ao livro *Cartas a Théo*. Sua crônica é muito linda, obrigada por partilhar comigo. Reler *Cartas a Théo*, me fez deambular um pouco sobre minhas memórias e meus desejos (um tanto diferente do diário de Paul Klee), quando a memória foi mais forte do que o desejo. Revendo estas cartas me vem a mente o futuro, o desejo de dias melhores e algumas amarguras, dessas que eu acredito que todos carregam ou que não conseguem desapegar. **Assim, vou fazer ao longo da semana que segue um exercício: escrever todos os dias uma pequena carta e junto dela colocar uma ilustração (feita por mim) de uma obra que eu goste e que tenha a ver com o assunto.** Então: serão sete cartas e sete ilustrações. Será como um desafio também, pois é claro que ceder tempo para isto requer um afastamento da urgência do cotidiano. Penso desta forma, porque quando Van Gogh escrevia para seu irmão, um tom de confissão, também como um pedido, ou de compartilhar cada momento e pincelada enquanto produzia, em meio a angústia. Diferente da proposta sobre o diário de Paul Klee (onde eu me atirei densamente em uma dimensão do meu EU como confissão), onde citei fatos que constroem minha identidade pessoal, e neste momento, optei por trazer reflexões sobre as vivências que tive em meu trabalho como professora. Então, as cartas podem funcionar como **relatos (ou crônicas)**.

NOTES ON DEAR THEO

March 17th, 2013

Hello Maria Helena, it's been a long time hasn't it? I've had your e-mail marked in my inbox for a while, but finally today I summoned up the courage and found the time to get started on my memories amid the book Dear Theo. Your chronicle is very beautiful, thank you for sharing it with me. Re-reading Dear Theo made me roam a bit over my memories and my desires (somewhat different from Paul Klee's diary), when the memory was stronger than the desire. Seeing these letters again makes me think of the future, of the desire for better days and of some grudges, from the kind that I believe everyone drags along or can't let go of. Hence, throughout the week I will do an exercise: write each day a small letter and attach to it an illustration (done by me) of a work that I like and that has to do with the topic. So: there will be seven letters and seven illustrations. It will be like a challenge as well, because certainly making time for this means getting away from the urgency of everyday life. I think this way, because when Van Gogh wrote to his brother he used, from my understanding, a tone of confession, also like a request, or one of sharing each moment and brushstroke as he produced, amid his anguish. Differently from the plan for Paul Klee's diary (where I intensely dove into a dimension of myself like a confession), where I mentioned facts that build my personal identity, this time I chose to bring forward reflections about experiences that I had in my work as a professor. So, the letters may work as accounts (or chronicles).

Segunda-feira, 18 de março de 2013
CARTA 1

Gostaria de escrever hoje sobre ser professor. A escolha, hoje me parece mais sobre a coragem. Não me refiro em coragem para salvar, porque acredito que nenhum professor poderá salvar nada, talvez nem a si mesmo. Mas a coragem de meter-se, de entrar em uma profissão que em nosso país, lamentavelmente, vale muito pouco, ou quase nada. Uma lástima isto. Assisto à reportagens sobre Escolas praticamente abandonadas pelo poder público onde eu vivo e quase não acredito. Eu sei que isso não acontece só aqui no Brasil, em muitos outros países também, mas me choco com tudo o que vejo, é como se a Educação ficasse a margem de tudo e de todos. Então concluo que a Educação não é a prioridade do poder público. Antes, vem sim o circo e o pão, a diversão e o futebol, o carnaval e o espetáculo. Há 10 anos eu trabalho como professora na Universidade (comparado há alguns colegas é bem pouco tempo). Mesmo assim, já vivenciei tantas coisas, mas por alguma razão, minhas maiores lembranças são das coisas ruins e do que não deu certo e praticamente, esqueci o que foi bom. Estranho? Não é não. Como disse é preciso coragem, para poder conviver com isto dentro do peito. E sim, talvez alguma esperança louca que um dia as coisas mudem, talvez um pouco de ingenuidade e doses de **paciência** consigo mesma. Neste meio tempo me lembro da sensação de ver o olhar perdido de alguns alunos (eu sempre me lembro da obra de Joseph Beuys: como ensinar arte para uma lebre morta), claro, eu vivo em uma cidade cheia de praias e com uma linda natureza e que por acaso há duas Universidades Públicas e quando se é jovem, a distração e a tentação são bem maiores. Antigamente isso me consumia (claro, eu planejava minhas aulas com esmero, os alunos chegavam atrasados, sem terem lido os textos, e saiam mais cedo), resultado: fiquei aborrecida com isso e resolvi mudar minha prática educativa diversas vezes. Eu mostro o caminho, ensino, oriento e tento pensar apenas no aluno que corresponde a minha expectativa. E os outros? Ora, eles que leiam os textos e cumpram as regras e cresçam. Porque afinal das contas, buscamos na

Monday, March 18th, 2013
LETTER 1

Today I would like to write about being a professor. Today, the choice seems more about courage. I do not mean courage to save, because I believe that no professor could save anything, perhaps not even himself. But the courage to permeate, to enter a profession that in our country, sadly, is worth very little, or almost nothing. It is a shame. I watch news stories about Schools that have been practically abandoned by the public authorities where I live, and I almost can't believe it. I know that this does not happen only here in Brazil, in many other countries as well, but I am shocked by all that I see, it is as if Education were secluded from everything and everyone. Then I conclude that Education is not the priority of the government. Before it, indeed come bread and circuses, fun and soccer, the carnaval and the show. I have worked as a professor at the University for 10 years (which is little compared to some colleagues). Still, I have experienced so many things, but for some reason, my most intense memories are of bad things and of what didn't work out and I have practically forgotten what was good. Odd? No, it is not. As I have said, one needs courage, to be able and live with this inside. And yes, maybe a crazy hope that one day things might change, maybe a little bit of naiveness and doses of patience with oneself. During this time I remember the feeling of seeing the lost look on some students' faces (I always remember Josh Beuys' work: how to explain pictures to a dead hare), of course, I live in a city with lots of beaches and beautiful nature that happens to have two Public Universities, and when one is young, the distractions and the temptations are much bigger. Before, this used to consume me (of course, I planned my classes with care, the students arrived late, not having read the texts, and left early), the result: this upset me and I decided to change my educational practice several times. I show the way, I teach, I guide, and I try and think only about the student that meets my expectations. And the others? Well, let them read the texts, follow the rules and grow up. Because after all, we are looking for a professional education at University, aren't we? Now I have realized that I have

Universidade uma formação profissional, não é mesmo? Hoje em dia, me dei conta que já vi algumas gerações passarem, com elas muitos currículos, mas é comum o aluno tirar satisfação com o professor porque recebeu um oito (em alguns casos isso até é uma grande nota), afinal como a criatura pensa em ser professor se não lê, não estuda, não aprende a criticar, não consegue observar um contexto e ser capaz de pensar em conteúdos. Não sei porque, o ramo das artes visuais atrai o perfil torpe de aluno. Há sim, os bons e comprometidos, mas são cada vez mais raros. A grande maioria veste a figura do artista descomprometido com o mundo (e olha que isto nunca existiu na minha percepção), ou então, do revolucionário socialista que se revolta contra o sistema.

already seen some generations go by, and with them many résumés, but nowadays it is common for the student to have it out with the professor for receiving an eight (which in some cases is even a large grade), after all how does the person consider being a professor if he does not read, does not study, does not learn to criticise, can't observe a context and be able to think of content. I do not know why the branch of visual arts attracts students with a dull profile. There are some good and committed ones, but they are becoming more and more rare. Most put up the costume of the artist who is unconcerned with the world (and in my opinion this has never existed) or of the socialist revolutionary who revolts against the system.

Joseph Beuys:
"como ensinar arte
para uma lebre morta"
"how to explain pic-
tures to a dead hare"

Terça-feira, 19 de março de 2013
CARTA 2

Ainda sobre ser professor ou conversas no jantar:
São necessários pelo o menos três ou quatro artigos em bons periódicos, um livro publicado, ter orientações de mestrado, doutorado, e na graduação; fazer projetos de pesquisa e extensão e ministrar aulas duas ou três vezes durante a semana e sem esquecer, que se você ocupa um cargo administrativo (sim a Educação é política também), você deve esforçar-se e correr o risco, de resolver muitos problemas para tudo funcionar (e depois, em alguns casos, aprenda: não irão dar nenhum reconhecimento e dizer que o seu trabalho foi bom, pelo contrário, sempre tem um colega que vai querer acabar com o que você fez). Este foi o meu cenário durante os últimos 10 anos. Não é tão ruim, comparado com outras Instituições, eu já vi coisas muito piores e com níveis de exigências extremas. Então devo ficar contente? Não. Mas fico desconfiada hoje. E esta é minha segunda **lição** como professora e a segunda palavra mágica: desconfiar. Você precisa desconfiar de você mesma, para não ficar igual ao que criticou; deve desconfiar quando ajudam você, porque sempre irão pedir algo em troca; deve desconfiar se o aluno leu de fato o texto e se fez o trabalho, porque o acesso a informação é rápido, mas ao conhecimento é lento; deve desconfiar que sua vida não gira em torno do seu trabalho e que ser professor de arte é parte de sua vida, ou seja: fazer arte é sobreviver e ensinar arte a outras pessoas é uma opção. E por fim, mas não menos importante: é preciso desconfiar de seu conhecimento e permitir-se fazer mudanças e ler e escrever todos os dias. Na semana passada em um jantar com alguns ex colegas de faculdade, que hoje fazem doutorados e alguns já ministram aulas em Universidades, lembrávamos dos tempos de Faculdade. Um amigo disse: "*vocês lembram de quando a professora nos dizia que arte era tudo o que me fazia pensar, e quando nos davam listas de conceitos?*" Todos rimos e lembramos de que naquele tempo, as respostas eram mais importantes do que as perguntas. Meu amigo continuou: "*E aqueles livros sobre processo de criação, lembram: a coragem de criar*", disse ele com uma gargalhada.

Tuesday, March 19th, 2013
LETTER 2

Still about being a professor or dinner conversations: It is necessary to have at least three or four articles in good journals, a published book, be guiding masters, doctorate, and undergraduate students; take part in research and outreach projects and teach classes two or three times a week and let us not forget that if you also have an administrative post (yes, Education is also politics) you must toil and take the risk of solving many problems for everything to work (and then, in some cases, do learn: nobody will recognize it and say that you did good work, on the contrary, there will be always a colleague wanting to crush what you have accomplished). This has been my scenario in the past 10 years. It is not that bad, compared to other Institutions, I have seen much worse and with an extreme level of demands. So should I be happy? No. But today I feel mistrustful. And this is my second lesson as a professor and the second magical word: to mistrust. You need to mistrust yourself, so you do not become the same as something you've criticized; you must mistrust when someone helps you, because they will always ask for something in return; you must doubt that the student has indeed read the text and done the assignment, because access to information is fast, but knowledge is slow; you must suspect that your life may not revolve around your job and that being an art professor is part of your life, that is to say: doing art is surviving and teaching art to other people is an option. And last, but not least: you must mistrust your knowledge and allow yourself changes and read and write everyday. Last week over dinner with some old classmates from the university, which are now doctorate students and some already teach at Universities, we were recalling our undergraduate times. A friend said: "*Do you remember when the teacher used to tell us that art was everything which made me think, and when they gave us lists of concepts?*" We all laughed and remembered that at that time, the answers were more important than the questions. My friend continued: "*And what about those books about the creative process, remember: the courage to create*", he said laughing. I naively, or perhaps

Eu ingenuamente, ou talvez maldosamente, respondi: "*Ah, me dei de presente a última edição do livro gesto inacabado, sobre processo criativo, agora tenho todas as edições*". Ouvi um silêncio na mesa e um olhar de susto até outra amiga perguntou: "*Mas por quê você usaria um livro desses, tão antigo?*". Respondi com paciência: "*Ora, porque o livro é bom, é um clássico e necessário para quem ensina arte e pensa e produz arte*". A resposta da minha amiga foi certeira: "*Claro, você ministra aulas de pintura*". Eu deveria ter respondido e seguido a discussão e ter dito, que todos os professores de arte precisam saber experienciar o processo criativo, mas preferi calar, afinal a comida e o vinho estavam bons e não é porque as pessoas discordam de você ou não conhecem o que você faz (e mesmo assim julgam) que você precisa fazer o mesmo. Eu preferi desconfiar calada.

William Bouguereau
"Dante e Virgilio no Inferno"
"Dante and Virgil in Hell"

maliciously, answered: "*Oh, I bought myself the last edition of the book unfinished gesture, about the creative process, now I have all the editions*". I heard nothing but silence at the table and a look of shock and even another friend asked: "*But why would you use such an old book?*". I answered patiently: "*Well, because the book is good, it is a classic and necessary for who teaches art and thinks and produces art*". My friend's answer was fast: "*Of course, you teach painting classes*". I should have answered and gone on with the discussion and said that all art professors need to know how to experience the creative process, but I chose to be silent, after all the food and the wine were good and it is not because people disagree with you or do not know what you do (and still judge it) that you need to do the same. I chose to mistrust silently.

Quarta-feira, 20 de março de 2013
CARTA 3

Lembro exatamente do dia em que, após ter concluído o curso de pintura, optei por estudar assuntos sobre a docência. Não me arrependo disso, porque hoje tenho discernimento do todo, e como bacharel e licenciada também, tenho mais confiança no trabalho que desenvolvo como professora/artista/pesquisadora. Eu realmente acredito que é possível uma formação conjunta e de boa qualidade e que forme professores competentes. Mas sabemos que na própria Universidade há uma desconfiança sobre isso. Tenho muitos exemplos de colegas artistas que ministram aulas e execram os alunos de licenciatura, como se a formação docente fosse somente horas de estágio, ou técnicas do tipo 'faça fácil'. E há também o grupo de professores artistas que pensa que não forma professores, ignora esta condição (que seus alunos irão ministrar aulas também), não lembram nada sobre metodologia ou prática de ensino. Eu lembro de um colega de Universidade dizendo que a função dele como professor/artista era 'moldar caráter'. A docência é como uma tragédia grega. Ocupamos diferentes papéis ao longo do tempo. Somos trágicos, dramáticos, heróicos e cômicos em diferentes momentos da vida como docente. É claro que precisamos ponderar sobre o lugar que estamos e saber que a Arte que ensinamos na Universidade é diferente da Arte que se ensina na Escola, que é diferente da Arte que circula no Mercado. Mas devemos pensar então, sobre o processo artístico. Para ser professor de arte é preciso ser artista e ser pesquisador. Ser artista quer dizer experimentar, viver a experiência; e pesquisar quer dizer saber procurar articulações e construir caminhos metodológicos de acordo com contexto e conteúdo.
Eu gosto de dizer aos meus alunos para serem transgressores, mas não no sentido da manipulação ou de fazer algo contra, mas sim no sentido de serem inventivos, criativos e sobre tudo, articulados entre o contexto e o conteúdo. Lembro-me de que houve um semestre em que o professor do laboratório de criatividade lançou um tema para o trabalho dos alunos dele sobre 'descontinuidade' e naquele semestre

Wednesday, March 20th, 2013
LETTER 3

I remember clearly the day when, after having completed my painting degree, I chose to study professorship subjects. I do not regret this, because today I can discern the whole, and also having both a bachelors and an art teaching degree, I trust more the work that I do as a professor/artist/researcher. I really believe that it is possible for there to be a high quality joint formation and one that forms qualified professors. But we know that even inside the University there is a distrust of this. I know many examples of artist colleagues who teach classes and loathe the teaching license students, as if professor education were only the hours spent on internships or quick and easy techniques. And there is also the group of artist professors who think that they do not educate professors, ignore this condition (that their students will also be teaching), do not remember anything about methodology or teaching practice. I remember a University colleague saying that his job as a professor/artist was to "shape characters". Professorship is like a Greek tragedy. We take on different roles at different times. We are tragic, dramatic, heroic and comic in different moments of our lives as professors. Surely we need to consider the place where we are and know that the Art we teach at the University is different from the Art that circulates in the Market. But then we must think about the artistic process. In order to be an art professor one needs to be an artist and a researcher. Being an artist means experimenting, living the experience; and being a researcher means knowing how to look for connections and build methodological paths according to context and content. I like to tell my students to be transgressors, but not in the sense of manipulating or infringing, but in the sense of being inventive, creative above all, connected between the context and the content. I remember that there was a semester in which the creative lab professor proposed a theme for his students' assignments about 'discontinuity' and in that semester all of the students who were doing their internship wanted to do something unusual. A student came to my class and told me that he would like to have a workshop at the

todos os alunos que estavam fazendo a disciplina de estágio queriam fazer algo diferente do usual. Um aluno chegou em minha aula e me disse que gostaria de fazer uma oficina na escola sobre ensinar a fazer pão. Perguntei para ele como ele iria articular o conteúdo de História da Arte ou Fundamentos da Linguagem Visual e ele não soube responder. Ele só conseguiu falar sobre a integração que a proposta poderia causar no contexto escolar. Eu dei exemplos de como ele poderia perceber o conteúdo de arte naquela proposta, afinal deveria ter uma diferença entre ele, futuro professor de artes visuais, e a senhora que trabalha na escola e que faz o pão. Meu aluno demorou um semestre se debatendo entre suas idéias e as teorias sobre experiência e acabou desistindo do projeto e abandonando a disciplina. A lição que fica, é preciso entender que é necessário fazer algo diferente, mas é preciso saber articular, saber como fazer. A boa idéia em sí precisa de recheio. Caso contrário, corre-se o risco de ficar no vazio e a 'descontinuidade', ser um grande embuste dos tempos contemporâneos.

school about teaching how to make bread. I asked him how he would connect that to the content of Art History or Fundamentals of Visual Language and he couldn't answer. He could only talk about the integration that the project could lead to in the school context. I gave him examples of how he could perceive the art content in that project, after all there should be a difference between him, future professor of visual arts, and the lady who works at the school making the bread. My student spent the semester struggling within his ideas and the theories about experience, and ended up giving up on the project and abandoning the class. The lesson that remains, one needs to understand that it is necessary to do something different, but that it is necessary to know how to connect, know how to do it. The good idea in itself needs a filling. Otherwise, one runs the risk of staying in the void and having the 'discontinuity' be a big hoax of contemporary times.

Capa de Lucy Orta,
Óleo sobre papel.
Cover of Lucy Orta,
Oil on papel.

Quinta-feira, 21 de março de 2013
CARTA 4
sobre saber olhar o mundo ou o que fazer com o espetáculo.

A primeira viagem que fiz a Europa me lembrou a sociedade do espetáculo de Debord e algumas de suas teses. Meu coração disparou quando eu entrei no Museu Van Gogh em Amsterdã na Holanda. Ver as obras de perto, foi como me deliciar com um chocolate. Eu estava muito concentrada, com o olhar atento, percorri as obras ao menos três vezes, eu me maravilhei com as tintas, com cada pincelada colorida. Lógico que para quem estuda uma obra, conhecer e ver de perto a obra é um como estar em um sonho. O Museu estava cheio naquele dia, pois era período de férias na Europa. Meu marido me chamou a atenção para um a discussão de um casal, logo na entrada da exposição, em frente a um painel gigantesco com as lápides de Théo e Vincent. O casal discutia em português sobre de quem seria a lápide ao lado de Vincent. A moça dizia “acho que é a mãe dele”, enquanto o rapaz respondia: “não pode ser a mãe dele, olha a data, é algum outro parente”. Havia um letreiro bem grande em frente ao casal em holandês e inglês explicando a história dos irmãos, além do mais, no Museu oferecem audio em várias línguas, incluindo espanhol. Passaram-se 10 minutos enquanto o casal discutia sobre a imagem, até que outro casal aproximou-se e outro rapaz falou: “vamos para um pub beber cerveja, que será mais divertido”. Eu pensei: não basta ter acesso, é preciso saber o que fazer com o conhecimento. Quando cheguei a Berlim, me apaixonei pela cidade. Linda e renascida. Com um povo acolhedor e repleta de histórias vivas. Com certeza um lugar para voltar muitas vezes. Levei alguns choques, com as imagens de antes, do tempo da guerra e com a renovação e tive a certeza de estar em um lugar onde a energia circula de forma avassaladora. O grupo que eu fazia parte resolveu ir fazer turismo nos antigos Campos de Concentração. Eu resolvi seguir meu roteiro sozinha e claro, fui aos Museus e a Catedral de Berlim. Estive também no Checkpoint Charlie e fiquei intrigada porque tantos turistas gastavam seus euros em fotografias junto a representação dos soldados. Naquele lugar haviam

Thursday, March 21st, 2013
LETTER 4
about knowing how to see the world or what to do with the show.

My first trip to Europe reminded me of Debord's spectacle society and some of his theses. My heart beat fast when I entered the Van Gogh Museum in Amsterdam in the Netherlands. Seeing the works from up close was like indulging in chocolate. I was very focused, and with an attentive look I browsed the works at least three times, I marveled at the inks, at each colorful brushstroke. Of course that for who studies a work, knowing it and seeing it up close is like being in a dream. The Museum was crowded on that day, because it was vacation season in Europe. My husband called my attention to a couple that was debating, at the entrance of the exhibition, in front of a gigantic panel with the gravestones of Theo and Vincent. The couple was debating in Portuguese about whose gravestone it would be next to Vincent's. The woman said, "I think it's his mother's", while the man answered: "it can't be his mother's, look at the date, it's some other relative". There was a large sign in front of the couple in Dutch and in English explaining the story of the brothers, and moreover, at the Museum they offer audio in many languages, including Spanish. Ten minutes went by as the couple debated about the image, until another couple approached and another man said: "let's go to a pub and have some beer, it will be more fun". I thought: it is not enough to have access to knowledge; it is necessary to know what to do with it. When I arrived in Berlin, I fell in love with the city. Beautiful and reborn. With welcoming people and full of live stories. Definitely a place to go back to several times. I was shocked at times, by the images of before, of war times, and with the renovation I felt certain that I was in a place where the energy circulates overwhelmingly. The group I belonged to decided to go and see the old Concentration Camps. I decided to follow my itinerary on my own and of course, went to the Museums and the Cathedral of Berlin. I also was at Checkpoint Charlie and was intrigued as to why so many tourists spent their Euros on pictures with representations of soldiers. In that place there were huge

painéis gigantescos com imagens de como era o lugar na época quando existia o lado oriental e ocidental. Eu achei bizarro a especulação e a lembrança de que aqueles turistas buscavam daquele tempo. Segui meu passeio para o que restou do Muro de Berlim, lá é como uma galeria a céu aberto, gostei de ver as cores e a representação da arte em meio ao contexto político. Terminei minha viagem pela Europa no Museu do Louvre. E descobri que é importante ter um mapa em um Museu tão grande. Também entendi porque a Monalisa é a obra mais fotografada.

Monalisa no Louvre. Monalisa on Louvre

panels with images of what the place was like when there was still an eastern and a western side. I considered odd this speculation and the memories that those tourists seeked from those times. I continued my tour, and headed to what is left of the Berlin Wall, there it is like an open gallery, I liked seeing the colors and the representation of art amid the political context. I finished my trip through Europe in the Louvre. And I discovered that it is important to have a map at such a big Museum. I also understood why Monalisa is the most photographed work.

Muro de Berlim na Alemanha, Berlin Wall, 2012.

Sexta-feira, 22 de março de 2013
CARTA 5
Voltar ao processo, retomar as tintas e ver o mundo pelas cores:

Em algum lugar na minha correria docente eu deixei de produzir. Eu produzi muitos textos, artigos, projetos. Mas deixei de produzir minha pinturas. Saí do espaço do ateliê e fui exercitar meu olhar sobre um contexto contemporâneo de Educação. Hoje eu já sei: não era preciso ter separado as coisas. O ateliê, minha produção e o trabalho como professora. Acredito que todo o professor de arte deve ser artista e deve produzir arte. Não se trata de circular no mercado de arte. Trata-se em ter uma produção para si mesmo, para sua sanidade. O trabalho com o ensino é árduo. Exigem coragem e disciplina. O trabalho no ateliê é também árduo e exige foco e persistência. Trabalhar com arte significa um devir constante.

Friday, March 22nd, 2013
LETTER 5

Return to the process, pick the inks back up and see the world through colors:

Somewhere along my hectic professor life I stopped producing. I produced many texts, articles, projects. But I stopped producing my paintings. I left the studio and went on to exercise my look on a contemporary Education context. Today I know: it wasn't necessary to separate things. The studio, my production and the work as a professor. I believe that every artist professor must be an artist and produce art. It is not about being in the art market. It is about having a production for oneself, for one's own sanity. The work with education is tough. It demands courage and discipline. The studio work is also tough and demands focus and persistence. Working with art means constantly musing.

A Vitória de Samotrácia,
Óleo e grafite sobre papel.
Winged Victory of Samothrace, Oil and pencil on papel.

Sábado, 23 de março de 2013
CARTA 6

Eu sempre sonho que não consigo chegar no lugar. O sentimento de pressa e urgência, toma conta da minha mente. Acordo com o coração sempre acelerado e com vontade de chorar. Eu olho para o lado e meu marido continua dormindo um sono justo. O que há na minha mente que não me deixa dormir. Faço mentalmente uma lista das coisas que preciso resolver no outro dia. As horas começam a passar e o meu sono não vem. Fecho os olhos e a lembrança das pessoas queridos apertam meu coração. Abro os olhos e me reviro na cama e penso nos livros que estou lendo. Tenho vontade de pegar meu telefone celular ao lado e acessar meus emails. Paro e penso na estupidez, preciso me concentrar e dormir. Aos poucos a sensação de ver o tempo passar torna-se a maior angústia. Aos poucos adormeço, sabendo que logo será hora de começar meu dia. Quando o relógio desperta pela segunda vez eu já estou atrasada. Acordo mal humorada, cansada, irritada com meu marido. Brigamos antes do café da manhã. Quando chego na reunião de departamento, a discussão já está calorosa, em função dos cortes de gastos da Universidade. Todos se queixam e falam ao mesmo tempo. Depois de 3 horas a reunião termina com atraso. O almoço é na lanchonete da Universidade mesmo, como um sanduíche e bebo um café ruim, enquanto respondo meus emails. No inicio da tarde, inicio minha aula, de uma turma de 20 alunos, apenas 6 estão em sala. O calor no lugar é insuportável porque o ar condicionado está quebrado e todos reclamam. Meu estômago dói. Inicio minha aula com uma apresentação sobre cultura visual mas o projetor está tão danificado que as imagens projetadas aparecem em tons de sépia. Termino minha aula, e já tenho uma reunião com o grupo de pesquisa. Os alunos chegam aos poucos, todos apressados e incomodados porque a reunião é no intervalo entre os turnos. Mais duas horas de reunião e todos reclamam porque há atraso na compra dos materiais e como ministrar aulas de artes sem materiais. Saio apressada no fim da reunião, preciso ir ao supermercado. Mas fico trinta minutos no trânsito. Quando chego no supermercado, já não há mais o pão que gosto.

Saturday, March 23rd, 2013
LETTER 6

I always dream that I can't get to the place. The feeling of hurry and urgency takes over my mind. I always wake up with my heart beating fast and wanting to cry. I look over to the side and my husband still sleeps a well-deserved sleep. What is in my mind that won't let me sleep. I mentally make a list of all the things I need to get done the next day. Hours start going by and my sleep doesn't come. I close my eyes and the memory of loved ones pinches my heart. I open my eyes and toss and turn and think about the books I am reading. I feel like grabbing my phone next to me and checking my e-mails. I stop and think it is stupid, I need to focus and sleep. Little by little the sensation of watching time go by becomes the greatest anguish. Little by little I fall asleep, knowing that soon it will be time to start my day. When the alarm goes off for the second time I am already late. I wake up in a bad mood, tired, irritated with my husband. We argue before breakfast. When I arrive at the department meeting, the discussion is already heated, due to University budget cuts. Everybody complains and talks at the same time. After 3 hours the meeting finishes, late. Lunch is at the University cafeteria, I eat a sandwich and drink a bad coffee, while answering my e-mails. In the afternoon I start my class, of about 20 students, only 6 are in the classroom. The heat is unbearable because the air conditioning is broken and they all complain. My stomach hurts. I start my class with a presentation about visual culture but the projector is so damaged that the projected images show up in sepia. I finish my class, and I immediately have a meeting with the research group. The students arrive little by little, all in a hurry and bothered because the meeting is during the break between classes. Two more hours of meeting and they all complain, why the purchase of the materials is late and how can one teach art classes without materials. I leave in a hurry at the end of the meeting, I need to go to the grocery store. But I get stuck in traffic for thirty minutes. When I arrive at the store, they are already out of the bread I like. I need to fix dinner, because my stomach still hurts, maybe it is hunger. I arrive home

Preciso organizar o jantar, pois meu estômago continua doendo, talvez seja fome. Chego em casa e encontro meu marido ao telefone, pois naquele dia ele trabalhou em casa, ele me fala do dia cansativo dele, e eu escuto, enquanto lavo a pilha de louça suja antes de iniciar o preparo do jantar. Minha cabeça começa a doer. Preparo um macarrão. Jantamos comentando as notícias do jornal. Finalmente um banho quente, descanso meu corpo, enquanto leio o livro para o projeto que estou fazendo. Aproveito para responder os emails pendentes. Ainda tenho que corrigir trabalhos dos alunos. Bebo um chá enquanto meu marido já está na cama. Meu corpo começa a dar sinal de que precisa dormir. Já é tarde quando eu resolvo ir dormir. "*Você precisa fazer exercício físico, ter uma boa alimentação, horas de descanso, sair do trabalho e deixar as coisas do trabalho no trabalho, ter horários específicos para suas coisas*" disse minha terapeuta. Eu odeio fazer qualquer tipo de exercício, adoro ficar em casa lendo, estudando e comendo chocolates e bebendo café. Mas na fase em que eu estou, eu preciso ser lúcida, preciso mudar. Mas não sei ao certo como fazer isto. Nesta noite, antes de dormir, eu resolvi rezar.

Pensar na imagem 'Isso não é um cachimbo' de René Magritte.

Para Leonilson
Aquarela

and find my husband on the phone, because on that day he worked from home, he tells me about his exhausting day, and I listen, while I wash the pile of dirty dishes before getting started on dinner. My head begins to ache. I make pasta. We have dinner talking about the news. Finally a hot shower, I rest my body, while I read the book for the project I am working on. I also answer some pending e-mails. I still have to correct student assignments. I have some tea while my husband is already in bed. My body starts to signal that it needs to sleep. "*You need to exercise, eat well, have hours of rest, leave work and leave work things at work, have specific times for your things*", said my therapist. I hate all kinds of exercise, I love to stay home reading, studying and eating chocolates and having coffee. But at this stage I am at, I need to be clearheaded, I need to change. But I do not know how to do this. Tonight, instead of sleeping, I decided to pray.

Think about the image 'This is not a pipe' by René Magritte.

Domingo, 24 de março de 2013
CARTA 7

Há dias em que o cansaço me assola e tudo parece ser mais difícil. Eu sei que há pessoas bem piores. Mas por mais que eu tente sempre lembro das coisas ruins. Dos dias de raiva no trabalho, das noites mal dormidas porque eu precisava terminar o trabalho, dos desaforos que eu literalmente engoli, porque resolvi apenas escutar, para não me tornar como as pessoas que são mal exemplos. Quando você está entranhado em um trabalho, mesmo que inicialmente gostando e por iniciativa própria (sim porque eu sempre me perguntei porque eu permiti chegar no ponto em que chegou e a única resposta que tive, por escolha minha). Eu amo estudar arte, amo pintar, amo ler sobre arte, amo ensinar arte. Um dia eu amei trabalhar com arte na Universidade. Não sei se ainda amo. Eu sou do tipo de pessoa que se envolve com tudo. E quando, por vontade própria eu ocupei um cargo de coordenação de curso e chefia de um departamento (eu nunca pensei que seria fácil), me dei conta que trabalhar com a Educação é bastante perverso as vezes, ainda mais se você não sabe lidar bem emocionalmente com algumas situações. Eu sei, eu me perdi em muitas tentativas de fazer tudo ser certo. Na Universidade, talvez nas Escolas ou em outras instituições seja assim também, mas o mundo universitário poder ser bem escuro. Há tantos egos, de todos os tamanhos e alguns não cabem em uma única sala. Todos só pensam em sí mesmos, em suas pesquisas, em seus alunos (sim, descobri que lá alunos tem donos). O egoísmo é bem peculiar neste espaço. Até aí, tudo bem. É preciso ter jogo de cintura, organizar seu pensamento e tentar seguir. Mas há a turma do contra, aquele seu colega que na reunião de departamento não deixa ninguém falar e para tudo tem uma opinião e interrompe a todos quando descorda. Essas figuras existem. E se você não está do lado dela, ela entende, fatalmente, que você está contra ela. Trabalhar com pessoas é complicado. Eu precisei de dez anos para entender que é preciso ter um estômago gigante, que você precisa desconfiar a cada instante, e que você não pode remoer. Conclusão: dez anos valeram por trinta.

Pensar na imagem da obra de Duchamp, por exemplo, ‘A fonte’.

Sunday, March 24th, 2013
LETTER 7

For days fatigue has been devastating me and everything seems to be more difficult. I know that there are much worse people. But as much as I try, I always remember the bad things. The days of anger at work, the nights when I slept poorly because I needed to finish my work, the effronteries I had to put up with, because I decided only to listen, in order not to become like the people that are bad examples. When you are deep-seated at a job, even if you liked it at the beginning and if it was your own choice (yes because I always asked myself why I let it come to this point and the only answer I had was, because I chose it). I love to study art, I love to paint, I love to read about art, I love to teach art. One day I loved to work with art at the University. I don't know if I still love it. I am the kind of person that gets involved in everything. And when, out of my own will, I took a position of course coordinator and department chair (I never thought it would be easy), I realized that working with Education is cruel at times, specially if you do not know how to deal emotionally with some situations. I know, I lost myself in many attempts to do everything right. At University, maybe at Schools and other institutions it is the same, but the University world can be very dark. There are so many egos, of all sizes and some of them do not fit in a single room. Everyone only thinks about themselves, about their research, their students (yes, I discovered that there they own their students). Selfishness is quite peculiar in that space. Up to this point, it is ok. One needs to be flexible, to organize one's thoughts and try and go on. But there are those going against the grain, like that colleague that during the department meeting won't let anybody speak and has an opinion about everything and interrupts everyone when he disagrees with something. These characters exist. And if you are not on their side, they fatally understand that you are against them. Working with people is complicated. It took me ten years to understand that one needs to have a huge stomach, mistrust at every step, and that you can't brood over anything. Conclusion: ten years that were worth thirty.

Para Duchamp
Aquarela

Think about the image in Duchamp's work, for example, the 'Fountain'.

Adesivo na porta de entrada do Programa de Arte e Arte Educação do Teachers College na Columbia University. New York, Maio de 2013

Sticker on the entrance door of the Art and Art Education Program at Columbia University Teachers College. New York City, May 2013

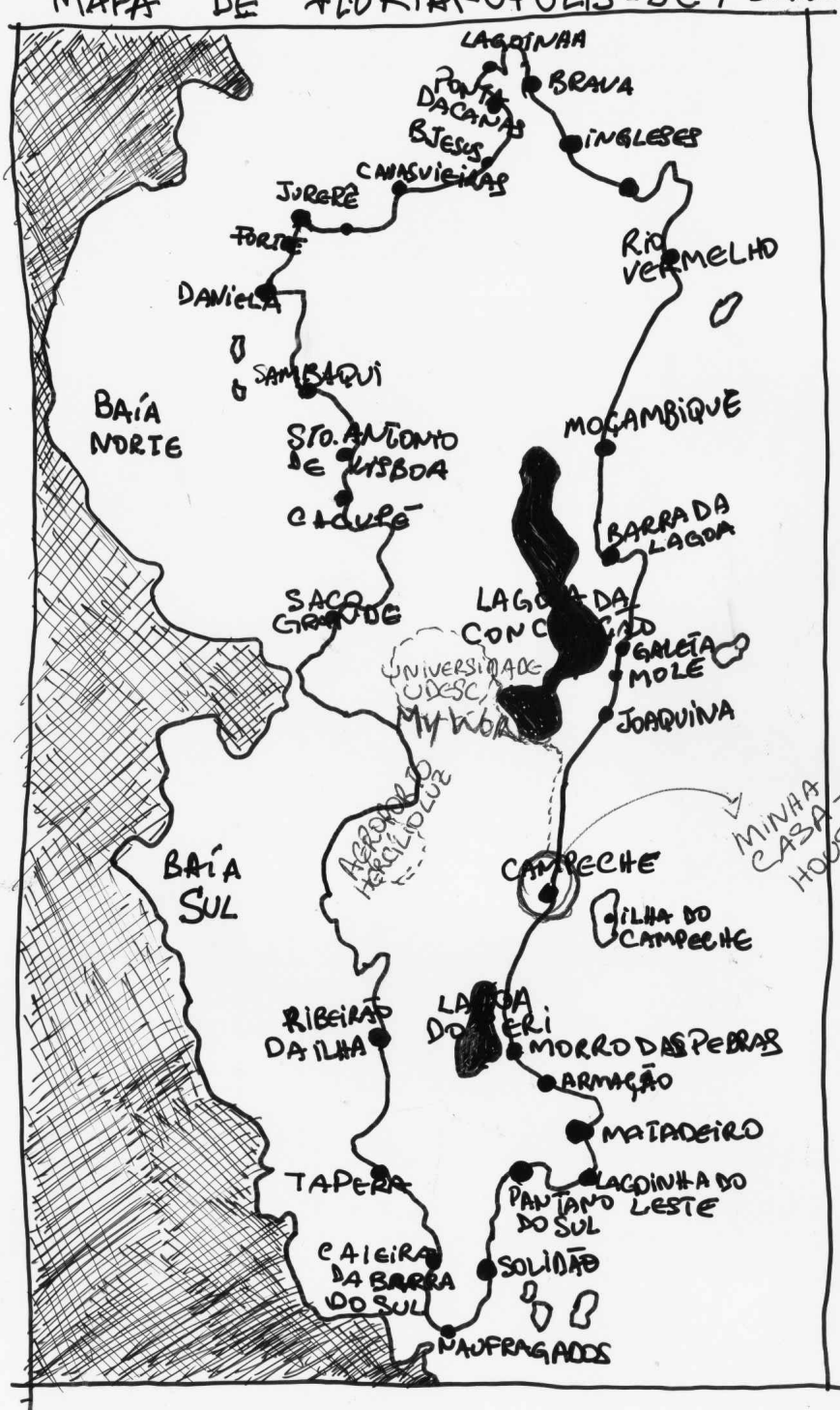
PARTE 2

Caderno de Viagem: Deambulações sobre New York

PART 2

Travel Journal: Meanderings About New York City

MAPA DE FLORIANÓPOLIS-SC / BRAZIL



DEPARTU

RETURN

★ 4 MO
AS

DE
RI
PO

De

NEW Y
COLUMBI
TEACHERS
FIELD RES
ART STU

RE FROM FLORIANÓPOLIS: APRIL 26, 2013.

TO FLORIANÓPOLIS: AUGUST 27, 2013.

UTH SCHOLARSHIP FROM FULBRIGHT
A VISITING PROFESSOR/SCHOLAR !

EVELOPMENT
ESEARCH
OST DOC

STINATION:
ORK
A UNIVERSITY
S COLLEGE
EARCA IN THE
DENTS

SUBJECTS:
TEACHING PAINTING
ART AND ART EDUCATIO
TEACHER AS ARTIST
ARTISTIC PROCESSES
BETWEEN THEORY AND
PRACTICE

LEAGUE OF NEW YORK

Cronograma de Abril e Maio:

- ir a Museus e Galerias de arte

No Teachers College:

- entender como funciona o ensino americano nas escolas públicas (ver sobre materiais)
- conhecer alguns professores e pesquisadores
- saber melhor sobre as aulas de pintura (qual metodologia?)
- fazer aulas particulares de inglês com o David

Cronograma de Junho e Julho:

- pintar no estúdio de pintura do Teachers College (desenvolver projeto de paisagem)
- ir nas aulas na Art Students League of New York (figura humana, aquarela, encáustica, monotipia, estudos de paisagem)
- entender melhor a metodologia das aulas na Art Students League of New York
- continuar indo nas exposições em Museus e Galerias
- ir até Washington DC e Philadelphia (pelo o menos dois dias para conhecer os Museus)
- continuar a fazer aulas particulares de inglês com o David

Cronograma de Agosto:

- ir a Vermont Studio Center para realizar projeto sobre paisagem de duas semanas (ainda tenho dúvidas, fiquei sabendo que recebi uma Menção Honrosa em 03 de junho)
- mostrar finalização do projeto para a professora Judy Burton (TC)
- retorno ao Brasil: 26 de agosto

Chegadas e partidas do Val (meu marido):

- vem para New York comigo em 15 de abril
- volta ao Brasil em 27 de abril
- retorna a New York em 07 de maio
- volta ao Brasil em 18 de maio
- retorna a New York em 17 de junho
- volta ao Brasil em 02 de julho
- julho?
- retorna a New York em 17 de agosto
- voltamos juntos ao Brasil em 26 de agosto

Schedule for April and May:

- go to art Museums and Galleries

At Teachers College:

- understand how American education in public schools works (see about materials)
- meet some professors and researchers
- know more about the painting classes (which methodology?)
- take private English classes with David

Schedule for June and July:

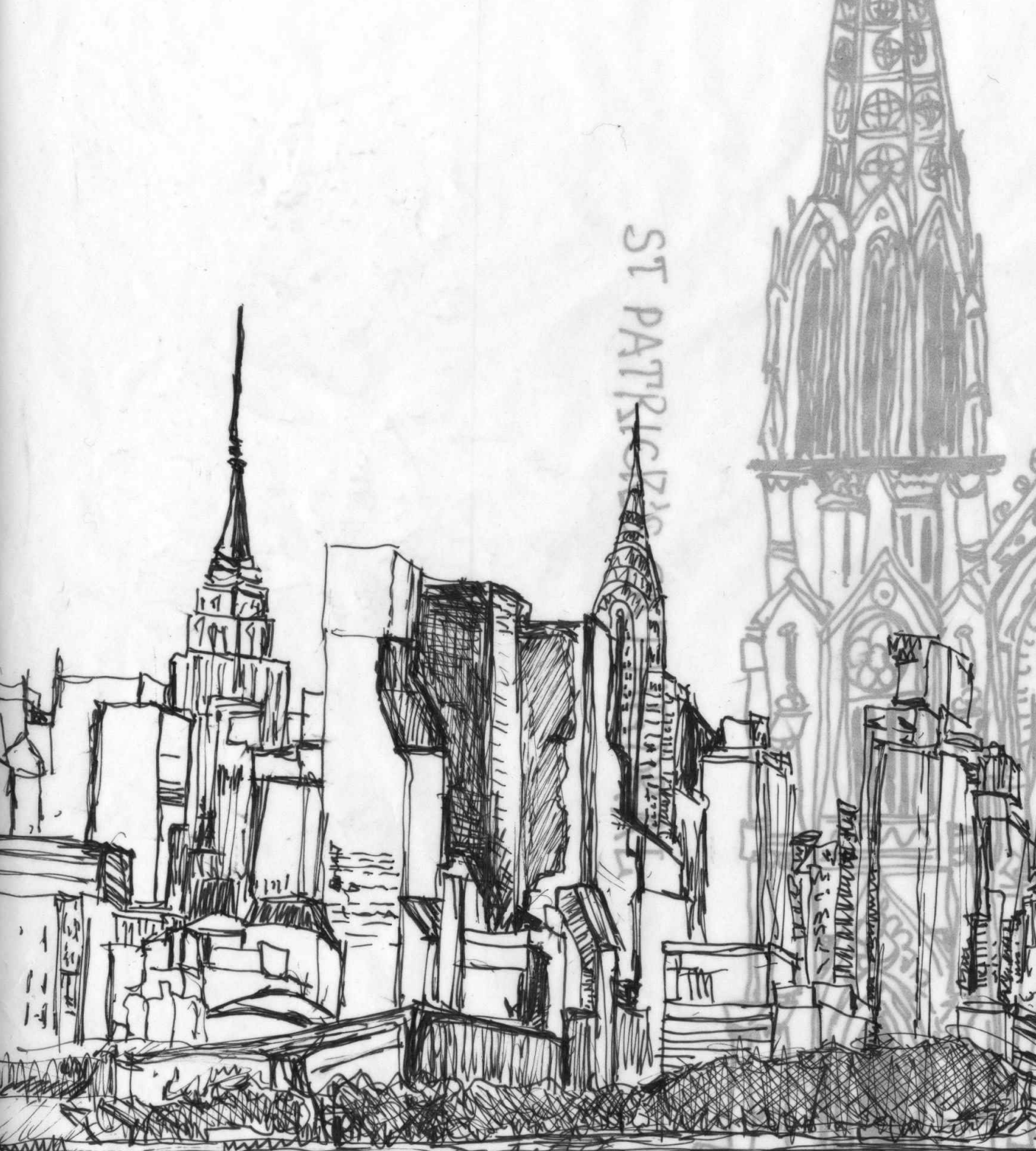
- paint at the Teachers College painting studio (develop landscape project)
- go to classes at the Art Students League of New York (human figure, watercolors, encaustic, monotype, landscape studies)
- understand better the methodology of the classes at the Art Students League of New York
- keep going to exhibits in Museums and Galleries
- go to Washington DC and Philadelphia (at least two days to see the Museums)
- keep taking private English classes with David

Schedule for August:

- go to Vermont Studio Center to develop a 2-week landscape project (I am still not sure, I was informed on June 3rd that I was awarded a fellowship)
- show completion of the project to professor Judy Burton (TC)
- return to Brazil (August 26th)

Val's comings and goings (my husband):

- comes to New York with me on April 15th
- goes back to Brazil on April 27th
- returns to New York on May 7th
- goes back to Brazil on May 18th
- returns to New York on June 17th
- goes back to Brazil on July 2nd
- july?
- returns to New York on August 17th
- we go back to Brazil together on August 26th


ST PATRICK'S

27 de abril de 2013.
Val voltou para o Brasil. Fiquei totalmente sozinha comigo mesma. A primeira constatação que me fiz: "eu planejei esta viagem para ser algo bom e produtivo". Lembrei dos dois anos de terapia que fiz, lembrei do trabalho que fiz na Universidade e que muitas vezes não foi reconhecido, lembrei de minha gatinha e dos meus cachorros, lembrei do sol que tem na casa de vidro onde vivo e do café da manhã de sábado. Pensei em chorar. Depois comecei a pensar na possibilidade desta viagem e que, estar longe do meu cotidiano, seria bom. Exercitar o desapego e re-visitar meu coração com as tintas e o sentido de uma arte educação que funcione.

New York, 28 de abril de 2013.
Minha primeira caminhada sozinha no Central Park. Descobri um lugar que vende sucos orgânicos, comprei e saí andando com meu fone de ouvidos. Queria me sentir nativo (porque todos que não são turistas usam fones de ouvido, carregam copos com café e sucos e estão sempre correndo). Fui caminhar pelo Central Park. Quando eu estava caminhando tive o sentimento de me perguntar: para onde eu estou indo? Eu sorri sozinha porque não sabia a resposta. Não me lembrava mais da última vez que saí na rua sem precisar chegar em algum lugar. Sentei em um banco e vi vida passar. Fiz alguns desenhos que ficaram péssimos.

New York, 30 de abril de 2013.
Conheci Judy Burton, que é a diretora do Programa de Arte e Arte Educação e também a responsável por eu estar em New York, já que foi ela quem escreveu a carta convite. Ela foi encantadora. Ficamos uma hora conversando em inglês sobre minha pesquisa. No inicio meu coração batia mais rápido, depois fui desacelerando, precisava falar tanta coisa: meus planos, meu objetivo, meu pós doutorado, minhas pinturas, meus alunos, minha pesquisa, meu contexto. Conversamos. Aconteceu naturalmente. Ela foi muito gentil. Me sinto entusiasmada com tudo o que pode acontecer. Lembrei de como foi difícil chegar até aqui, é como se fosse um sonho, afinal eu vim do interior do Rio Grande do Sul, minha família mal tinha o que comer

New York, April 27th, 2013.
Val has returned to Brazil. I was left completely alone with myself. My first realization was: “I planned this trip so it would be good and productive”. I recalled the two years of therapy that I did, recalled the work I did at the University and that often times was not recognized, recalled my little cat and my dogs, recalled the sun that abounds in the glass house where I live and the Saturday morning breakfasts. I thought about crying. Then I started thinking about the possibility that this trip, and that me being away from my normal life, would be good. Exercising letting go and re-visiting my heart with the paints and the meaning of an art education that works.

New York, April 28th, 2013.
My first walk alone in Central Park. I discovered a place that sells organic juices, bought one and went for a walk wearing my headphones. I wanted to feel like a native (because all of those who are not tourists wear headphones, carry coffee or juice cups and are always running around). I went for a walk in Central Park. As I was walking I had the feeling of asking myself: where am I heading? I just smiled because I did not know the answer. I could not recall the last time I had gone out on the street not needing to get somewhere. I sat on a bench and saw life pass by. I did some drawings that turned out awful.

New York, April 30th, 2013.
I met Judy Burton, who is the director of the Art and Art Education Program and who is also responsible for me being in New York, since it was she who wrote the offer letter. She was lovely. We talked for an hour about my research in English. At the beginning my heart beat fast, but then I started to slow down, I needed to talk about so much: my plans, my goal, my postdoctorate, my paintings, my students, my research, my context. We talked. It all happened naturally. She was very kind. I feel excited about everything that can happen. my students, my research, my context. We talked. It all happened naturally. She was very kind. I feel excited about

e eu nunca fui a Museus ou Galerias quando era criança, não fazíamos viagens de férias, não viajávamos, nunca fiz cursos de inglês ou de informática. A única coisa que tive foi uma formação de caráter forte, com uma educação política ética e o desejo de estar sempre junto aos livros.

New York, 01 de maio de 2013.
Comecei minhas leituras e pesquisas. Entrei pelo MY TC que é o sistema acadêmico do Teachers College. Primeiro fiquei impressionada como o sistema é funcional e prático. Há de tudo lá dentro. Desde de links com diferentes bibliotecas, chats (salas de bate papo virtual), sistema para realizar matrícula e todas as informações que um aluno ou professor venha a precisar. Todas as teses e dissertações estão on-line. Lendo algumas pesquisas, me dei conta de que quase todos as pesquisas são realizadas sobre estudos de caso, que apontam problemas, desenvolvem hipóteses, e posteriormente esclarecem ou resolvem ou elucidam os problemas com intervenções. Os estudos são densos. Mesmo que tenha algo prático, a teoria se sobressai (mas há articulação entre ambos). Em uma das dissertações li sobre o projeto que o TC desenvolveu para a escola pública Heritage School que fica no Harlem, bairro também da Columbia University. A escola tinha muitos problemas (como qualquer outra escola pública tem em qualquer lugar do mundo). E a professora Judy Burton, desenhou um novo currículo para esta escola pautado no ensino de arte. Na escola hoje é possível encontrar estúdios de pintura, laboratórios de música e teatro; alguns projetos são abertos para a comunidade e em alguns estúdios e laboratórios há participação dos artistas em alguns projetos em conjunto com os professores da sala. Me parece que as outras disciplinas também têm projetos em comum com a Arte. Incrível! Primeira vez que vejo isto. No Brasil (ok, sem comparações), pense em quantas escolas públicas existem nos bairros próximos as Universidades. Pense quais Universidades se destacam no alcance ao que ela mesmo chama de comunidade. Onde eu trabalho, há pelo o menos 5 escolas próximas a Universidade. Nestes espaços a maior parte dos alunos desenvolve estágios, mas em nenhuma destas escolas, nenhum curso

everything that can happen. I remembered how hard it was to get here, it is as if it were a dream, after all I came from the interior of Rio Grande do Sul, my family had barely enough to eat and I never went to Museums and Galleries when I was a child, we did not go on vacation trips, we did not travel, I never took English or computer classes. The only thing I had was a strong upbringing, along with an ethical political education and the desire of always being next to books.

New York, May 1st, 2013.
I have gotten started on my readings and my research. I logged in through My YC, which is the academic system at Teachers College. At first I was impressed at how functional and practical the system is. There is everything in there! From links to different libraries, online chat rooms, a system for enrolling to all the information that a student or professor may come to need. All of the dissertations and theses are online. While reading some of the research I realized that almost all the research is based on case studies, that they point to problems, develop hypotheses, and then clarify or solve or explain the problems with interventions. The studies are dense. Even when there is something practical, the theory sticks out (but there is an articulation between both). In one of the theses I read about the project that TC developed for the Heritage public school, which is in Harlem, the same neighborhood as Columbia University. The school had several problems (as any other public school anywhere in the world). And professor Judy Burton designed a new curriculum for the school, based on art education. At this school today one can find painting studios, music and theater labs; some projects are open to the community and in some studios and labs the artists take part in some projects along with the classroom teachers. It seems like the other disciplines also share projects with Art. Amazing! It is the first time I have ever seen this. In Brazil (ok, no comparisons), but think about how many public schools there are in neighborhoods, which are close to Universities. Think about which Universities stand out in reaching what the University itself defines as the community. Where I work, there are at least 5 schools close to the University. In them, most students

universitário propôs algum tipo de projeto piloto. No Brasil só lembro das escolas de aplicação, que pertencem a Universidades, mas mesmo assim, os Cursos de Educação ou Artes, não propõem currículos. Porque será?!

New York, 06 de maio de 2013.
Não me sinto sozinha. Mas sinto saudade de casa. Val vem me ver amanhã.

New York, 19 de maio de 2013.
Val voltou para o Brasil ontem. Tive uma noite ruim e quando consegui dormir, sonhei com minha mãe. Acordei com a sensação de um abraço.

New York, 22 de maio de 2013.
Dia de recepção para os alunos que terminaram os cursos no Programa de Arte e Arte e Educação do TC. Fui conversar com a pesquisadora portuguesa Marta Cabral, que trabalha como professora assistente no TC e faz doutorado também e também ministra aulas no jardim de infância que fica dentro do TC. Foi muito gentil em aceitar conversar comigo, me apresentar as pessoas, me mostrar como funciona tudo por lá. Diferente ouvir o português de Portugal. É bonito e acelerado. Conheci vários professores neste dia. Havia uma recepção de fato, com mesa posta para os alunos. Judy chamou a todos os convidados, fez um brinde e desejou sucesso. Foi lindo ver como as pessoas têm orgulho em estar naquele lugar. A festa foi na Macy Art Gallery. Nas paredes havia uma exposição sobre os estágios que os professores que estudam no TC realizaram nas escolas públicas de New York. Sim, no curso de Pós Graduação eles fazem estágios em escolas! Ver o brinde naquele cenário foi um presente. Inevitável não fazer comparações com a realidade onde vivo (claro que é algo incomparável).

New York, 27 de maio de 2013.
É feriado em New York. Eu não sabia e ainda assim, marquei minha primeira aula de pilates. Dormi mal na noite anterior. Pensei em desistir da aula. Mas algo me

carry out their internships, but for none of these schools did a university course ever propose any sort of pilot project. In Brazil I can only think of the “application schools“, which belong to Universities, but even in them, the Education or Art courses do not propose curricula. I wonder why?!

New York, May 6th, 2013.
I do not feel lonely. But I miss my home. Val is coming to see me tomorrow.

New York, May 19th, 2013.
Val went back to Brazil yesterday. I had a bad night and when I managed to fall asleep, I dreamed of my mother. I woke up with the sensation of a hug.

New York, May 22nd, 2013.
Day of reception for the students that have finished their classes at the TC Art and Art Education Program. I went to talk with the Portuguese researcher Marta Cabral, who works as an assistant professor at TC and is also working on her doctorate and also teaches classes in the kindergarten that is inside TC. It was very nice of her to agree to talk to me, to introduce me to people, to show me how everything works around here. It was different to listen to the European Portuguese. It is beautiful and sped up. I met many professors on this day. There was indeed a reception, with a table set for the students. Judy called everyone who was there, made a toast and wished them success. It was beautiful to see how people are proud of being in that place. The party was at Macy Art Gallery. On the walls there was an exhibit about the internships that the professors who study at TC carried out in public schools of New York. Yes, they do internships at schools during their Post-Graduate studies! It was a gift to watch the toast in that scenario. Hard not to compare it with the reality in which I live (of course, it is incomparable).

New York, May 27th, 2013.
It is a holiday in New York. I didn’t know it and even so, I scheduled my first

disse: “levante e vai”. Eu fui. Peguei um metrô que nunca tinha usado antes e desci bem no lugar certo. A professora era americana e falava italiano. Foi a melhor aula que já fiz de pilates. Todinha em inglês. Saí de lá como se estivesse flutuando e fui tomar café da manhã com salada de frutas, mel e iogurte.

New York, 29 de maio de 2013.
Conheci a professora Olga Hubard, professora do TC no Programa de Arte e Arte Educação, da área de pintura e educação em museus. Me tratou super bem, foi extremamente atenciosa. Apesar de ser mexicana, conversamos em inglês durante uma hora. Eu mostrei a ela fotografias das minhas aulas, dos meus trabalhos artísticos e falei sobre o meu trabalho no Brasil. Fiz algumas perguntas, sobre o trabalho dela no TC, sobre as aulas de pintura e as aulas nos museus da cidade de New York. Eu já havia lido os artigos que ela escreveu, incluindo a tese, mas conversar com ela foi algo muito bom. Isto porque ela tem uma abordagem muito parecida com a minha, e sua história de vida também. Fez arte, depois estudou arte educação e trabalha com ambos na Universidade. Ela quis saber sobre como é a arte educação no Brasil. Falei de Ana Mae claro, e sobre o ensino nas Universidades. Sobre a relação entre cursos de Bacharelado e Cursos de Licenciatura em Arte. Falei também sobre a relação teoria e prática em cursos de Pós Graduação em Artes Visuais. Fiquei muito motivada quando ela me disse que eu poderia usar o estúdio de pintura para produzir meus trabalhos. Sai da reunião e fui comer um bolo de chocolate na Magnolia Bakery. Estou muito feliz.

New York, 30 de maio de 2013.
Fui ao MoMa pela terceira vez. É perto de casa e eu fiz a carteira de membro, o que me deixa bastante à vontade para ir e voltar de lá muitas vezes. Fiquei duas horas observando a obra “Les demoiselles d’Avignon” de Picasso. Ouvi o aúdio pelo o menos cinco vezes. Observei as crianças, os adultos, a moça que fez a mediação. Parei algum tempo enfrente a obra “Estúdio Vermelho” de Matisse e ao trabalho “Broadway Boogie Woogie” de Mondrian (é possível ver as pinceladas).

pilates class. I slept badly the night before. I thought about not going to the class. But something said to me: “get up and go”. I went. I caught a subway line that I had never been on before and got off just in the right place. The instructor was American and spoke Italian. It was my best pilates class ever. All in English. I left there feeling as if I were flying and went out to have breakfast, with fruit salad and honey and yogurt.

New York, May 29th, 2013.
I met professor Olga Hubard, professor at the TC Art and Art Education Program, in the field of painting and education in museums. She was very kind to me, extremely attentive. In spite of her being Mexican, we spoke in English for one hour. I showed her photographs of my classes, of my artistic works and spoke about my job in Brazil. I asked her some questions, about her work at TC, about the painting classes and the classes in the New York museums. I had already read the papers that she wrote, including her dissertation, but talking to her was something very good. Mainly because she has an approach that is very similar to mine, and her life story too. She studied art, then studied art education, and works with both at the University. She wanted to know about what art education is like in Brazil. I spoke of Ana Mae of course, and about education at Universities. About the relationship between the Bachelor’s degree and the Teaching degree in Art. I also spoke about the relationship between theory and practice in the Post-Graduate courses in Visual Arts. I felt very motivated when she told me that I could use the painting studio to produce my works. I left the meeting and went to eat a chocolate cake at Magnolia Bakery. I am very happy.

New York, May 30th, 2013.
I went to MoMA for the third time. It is close to my house and I got a membership card, which makes me feel at ease for coming and going as I please. I was observing Picasso’s work “Les Demoiselles d’Avignon” for two hours. I heard the audio at least five times. I observed the children, the adults, the lady who did the mediation. I

New York, 03 de junho de 2013.
Começaram as aulas da *Art Students League of New York*. A aula de pintura da manhã (estúdio 8) está cheia de alunos. Funciona assim: todos sempre ocupam os mesmos cavaletes. O mesmo modelo vestido faz a mesma pose durante duas semanas. A mesma pose é repetida por 20 minutos e descansa 10 minutos. A professora vem duas vezes na semana e faz críticas aos trabalhos dos alunos. O restante do tempo, o monitor está presente (e fica pintando também), e só atende quando é solicitado. A aula de noite, de aquarela (estúdio 12), também está cheia. O professor está presente em todos os encontros. Ele fez uma demonstração sobre como os trabalhos deveriam ser feitos, falou sobre o material que deveria ser usado, e falou sobre sua história de vida. O modelo nú ficou ao centro da sala. Todos em silêncio. O professor passava de tempos em tempos para ver os trabalhos e conversava individualmente.

New York, 04 de junho de 2013.
Minhas costas doem. Dois dias pensando integralmente nas formas da figura humana. Noite passada fui dormir 4 da manhã. Fiquei desenhando no chão da sala, tentando praticar e pensar mais nas formas do rosto, no movimento, na luz. Nunca gostei de figura humana, mas sei que neste momento é necessário iniciar por este caminho. Tenho vontade de desistir da aula da manhã, mas eu sei, preciso re-aprender a olhar melhor e com mais tempo. Me canso fácil.

New York, 06 de junho de 2013.
Hoje não teve aula na Art Students League of New York porque todos os alunos foram convidados para ir ao Open Studio de Mary Beth Mckenzie que é professora e artista na League. O estúdio fica na 525 west 45th street - 3rd floor. Um experiência fantástica. Acho que todos os professores que produzem arte deveriam fazer isto (é bem melhor do que reclamar que não está no mercado ou circuito de arte). Saí com meu mapa nas mãos e fui na direção correta, mas acabei me atrasando e

stopped for some time in front of the work “L’atelier Rouge” by Matisse and the work “Broadway Boogie Woogie” by Mondrian (it is impossible to see the brushstrokes).

New York, June 3rd, 2013.
My classes at the Art Students League of New York have started. The morning painting class (studio 8) is full of students. This is how it works: everyone always takes the same easel. The same dressed model does the same pose for two weeks. The same pose is repeated for 20 minutes followed by a 10-minute rest. The instructor comes by two times a week to comment on the students’ works. The rest of the time it is the monitor who is present (and also painting), and he only comes to you when he is called. The night class, watercolors (studio 12), is also full. The professor is present in all classes. He showed how the works should be done, spoke about the material that should be used, and spoke about his story of life. The nude model was in the center of the room. Everyone quiet. The professor came by from time to time to see the works and talked to each of us individually.

New York, June 4th, 2013.
My back hurts. Two whole days thinking about the forms of the human figure. Last night I went to bed at 4 in the morning. I was drawing on the living room floor, trying to practice and think more about the forms of the face, the movement, the light. I have never liked human figure, but I know that at this moment it is necessary to get started on this path. I feel like giving up on the class tomorrow, but I know, I need to re-learn how to look better and with more time. I get tired easily.

New York, June 6th, 2013.
Today there were no classes at the Art Students League of New York because all of the students were invited to go to Mary Beth Mckenzie’s Open Studio. She is an instructor and artist at the League. The studio is on 525 W 45th Street, 3rd floor. A fantastic experience. I think that all professors who produce art should do this (it is

precisei andar mais rápido. Chegando no endereço, apertei o interfone e alguém abriu a porta. Escadas de madeira e um corredor que só uma pessoa poderia passar (pensei como ela conseguia tirar os quadros de lá). Entrei. Me apresentei para a professora que me disse sorrindo: “bem vinda ao meu estúdio e a casa dos meus cães”, me mostrando o espaço. Comecei a andar pela casa (sensação estranha andar em uma casa desconhecida) mas haviam muitas pessoas e todas conversavam e sorriam muito. Na sala de estar havia uma mesa com comes e bebes, um piano fechado, uma estante com esqueletos de cabeças de animais, algumas plantas e várias pastas com monotipias que a artista produziu. Haviam duas salas fechadas que eu suponho, seriam os quartos da casa. No terceiro quarto, as paredes repletas de quadros de figura humana. Passando pelo hall e seguindo, a entrada do estúdio: uma estante com livros, uma escrivaninha revirada, quadros com gatos e mais figura humana (mulheres na grande maioria). Próximo a janela o cavalete (grande) e um carrinho que seria de paleta com camadas de tintas e alguns tubos de terebentina pelo chão. Em uma das paredes alguns alicates. Espalhados em jarros pelo chão, vários pincéis de cabos longos. Todas as pessoas percorriam os ambientes sorridentes, paravam em frente aos quadros, olhavam, davam um passo para traz outro para frente e olhavam e sorriam. O trabalho da artista é encantador e apaixonante. Não há como não sorrir, não ficar espantado com a força do traço preciso. Saí de lá flutuando e com vontade de pintar.

much better than complaining about not being in the art market or circuit). I left with my map in hands and went in the right direction, but ended up running late and had to walk faster. Upon arriving at the address, I rang the intercom and somebody opened the door. Wooden stairs and a hallway in which only one person could fit (I thought about how she could possibly take the paintings from there). I got in. I introduced myself to the professor, who said smilingly: “welcome to my studio and the home of my dogs”, while showing me around. I started walking around the house (weird sensation of walking around an unknown house) but there were many people and all of them chatted and smiled a lot. In the living room there was a table with food and drinks, a closed piano, a shelf with skeletons of animal heads, some plants, and many folders with monotypes that the artist produced. There were two closed rooms, which I assumed to be the bedrooms of the house. In the third room, the walls were covered with pictures of the human figure. Passed the hall and a little further ahead was the entrance to the studio: a shelf with books, a jumbled up desk, pictures with cats and more human figures (mostly women). Next to the window the easel (large) and a small trolley which would be the palette with layers of paints, and some tubes of turpentine around the floor. On one of the walls, some pliers. Spread in jars around the floor, many brushes with long handles. All of the people wandered around the place smilingly, stopped in front of the pictures, looked, took a step backwards then another one forward and looked and smiled. Her work is enchanting and captivating. It is impossible not to smile, not to be amazed at the strength of the precise trace. I left the place as if I were flying and with a desire to paint.

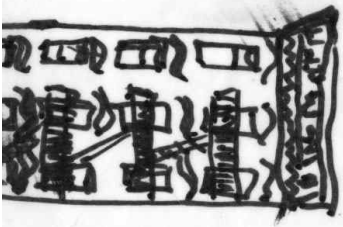
Fotografias: Jociele Lampert

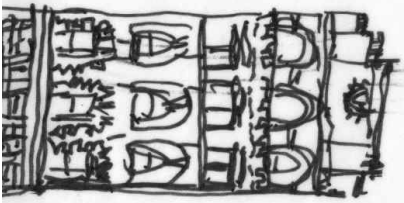
New York, 07 de junho de 2013.
Minhas costas doem muito. Hoje tenho aula de inglês. Preciso continuar estudando a figura humana e só penso em paisagens. Chove muito em Manhattan. Tenho que terminar as leituras sobre arte educação ainda. Não gosto de receber emails do Brasil sobre trabalho na Universidade, fico irritada e ofendida com isto. Preciso ter foco no que vim fazer aqui e preciso me desligar. Meta para a próxima semana: não responder emails do Brasil (sobre coisas de trabalho de lá).

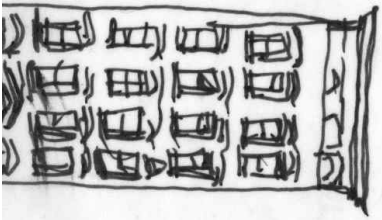
New York, 08 de junho de 2013.
Acabei de chegar do Whitney Museum. Vi a exposição dos desenhos e pinturas de E. Hopper. Fiquei encantada com o que vi e com o que senti. Ele realmente pintou o silêncio. Também vi lá um vídeo do D. Hockey e acabei comprando alguns DVDs sobre estes artistas. Quando cheguei em casa imediatamente assisti. Queria saber mais, ver mais, pesquisar sobre os lugares onde eles passaram. Começo a entender a paisagem, a figura humana e a natureza morta. As cores começam a surgir nos meus sonhos como uma pincelada de aquarela. Na segunda-feira começo o curso de encáustica. Hoje terminei meu bloco de aquarela.

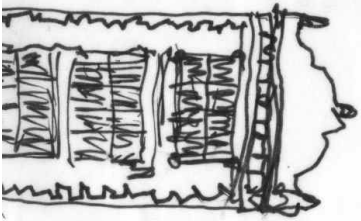
New York, June 7th, 2013.
My back hurts very much. Today I have English class. I need to keep studying the human figure but all I can think of are landscapes. It is raining a lot in Manhattan today. I still need to finish the readings about art education. I don't like getting e-mails from Brazil about work at the University, it annoys me and offends me. I need to focus on what I came here for and I need to disconnect. Goal for the following week: not answer any e-mails from Brazil (about work issues there).

New York, June 8th, 2013.
I have just arrived from the Whitney Museum. I saw the exhibition on E. Hopper's drawings and paintings. I was amazed at what I saw and at what I felt. He really did paint silence. Also there I saw a video of D. Hockney and ended up buying some DVDs about these artists. When I arrived home I watched them right away. I wanted to know more, see more, research about the places where they went. I start to understand the landscape, the human figure and still life. The colors start to appear in my dreams like a watercolor brushstroke. On Monday I start the encaustic painting course. Today I finished my watercolor pad.

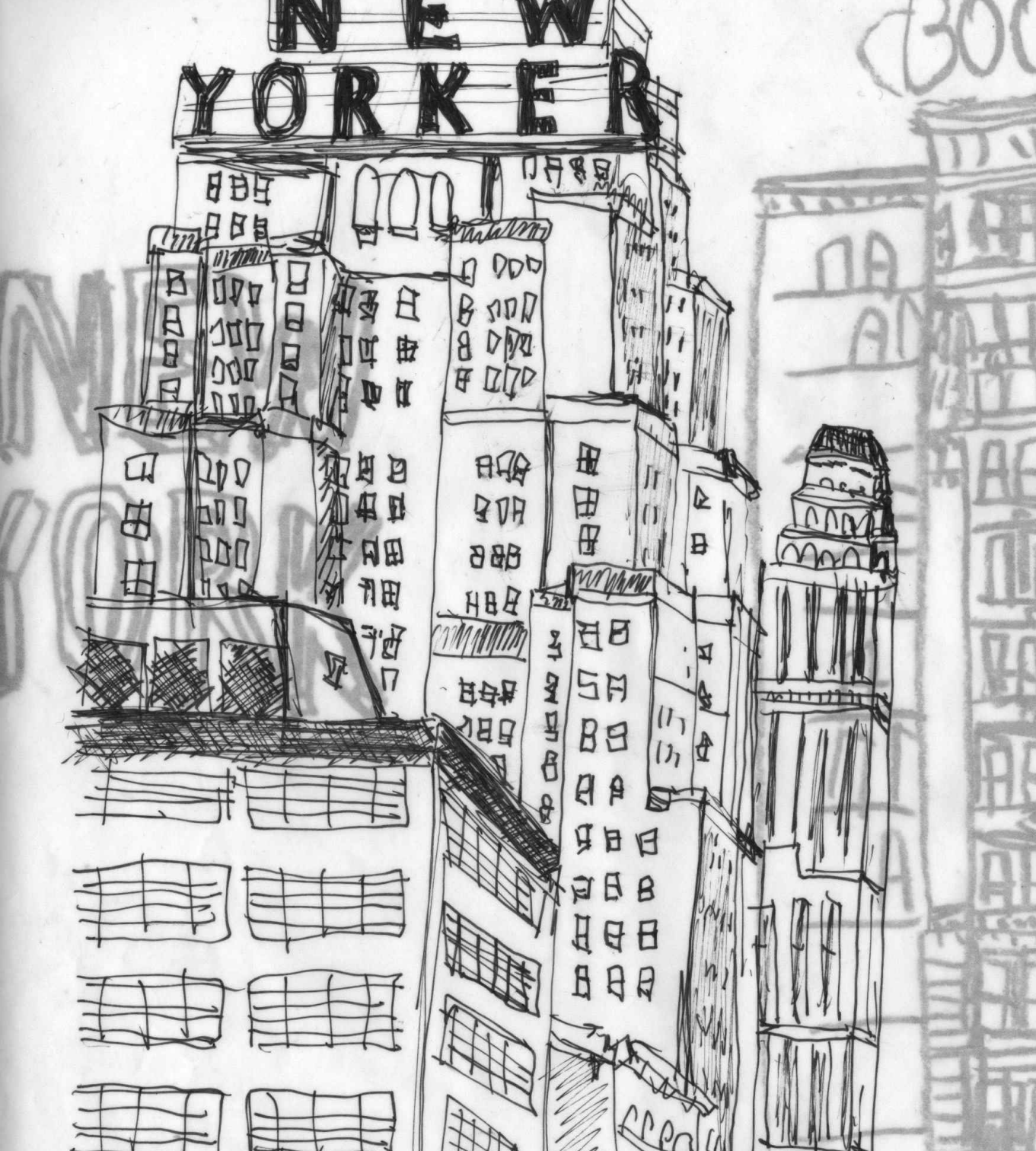






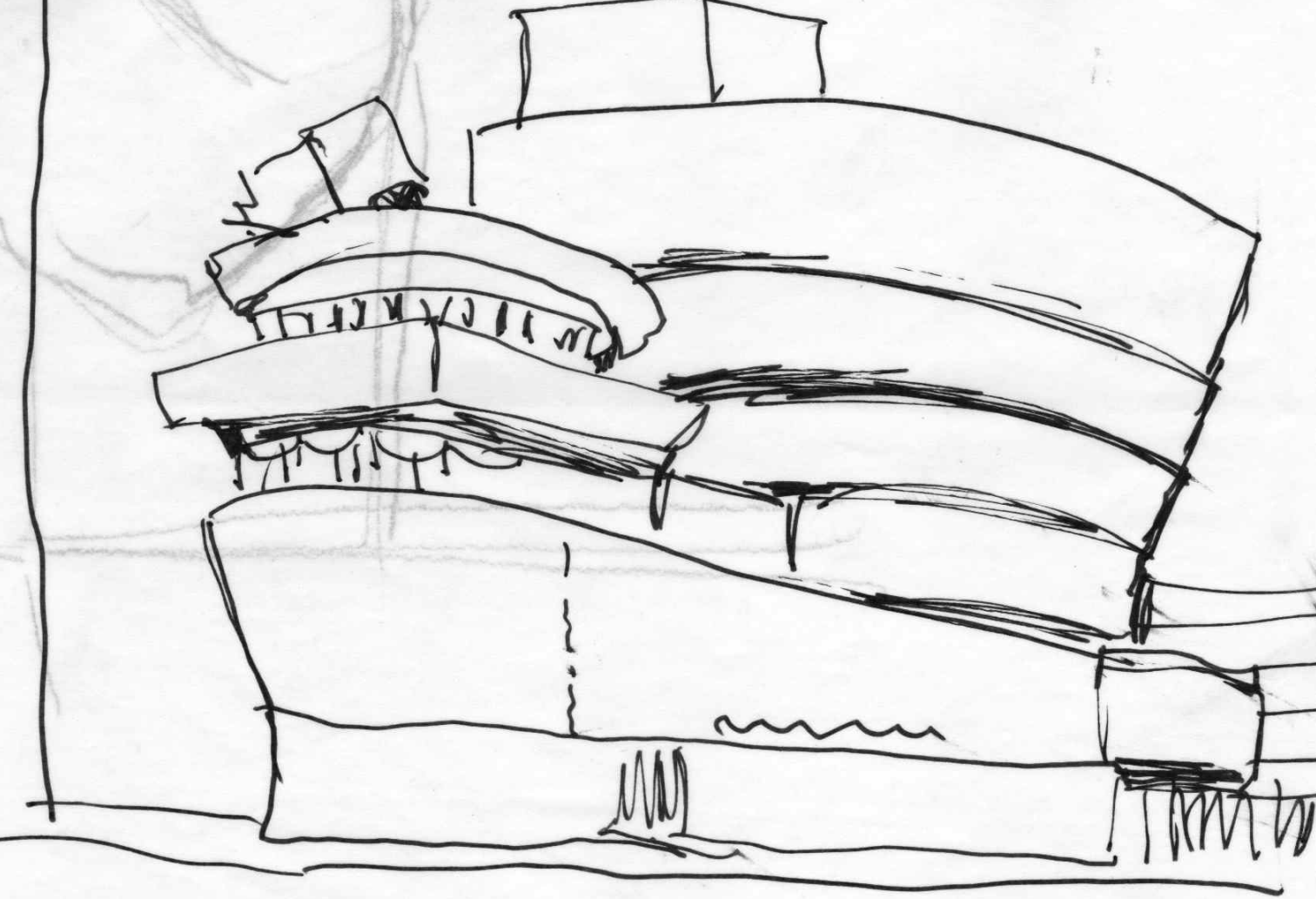


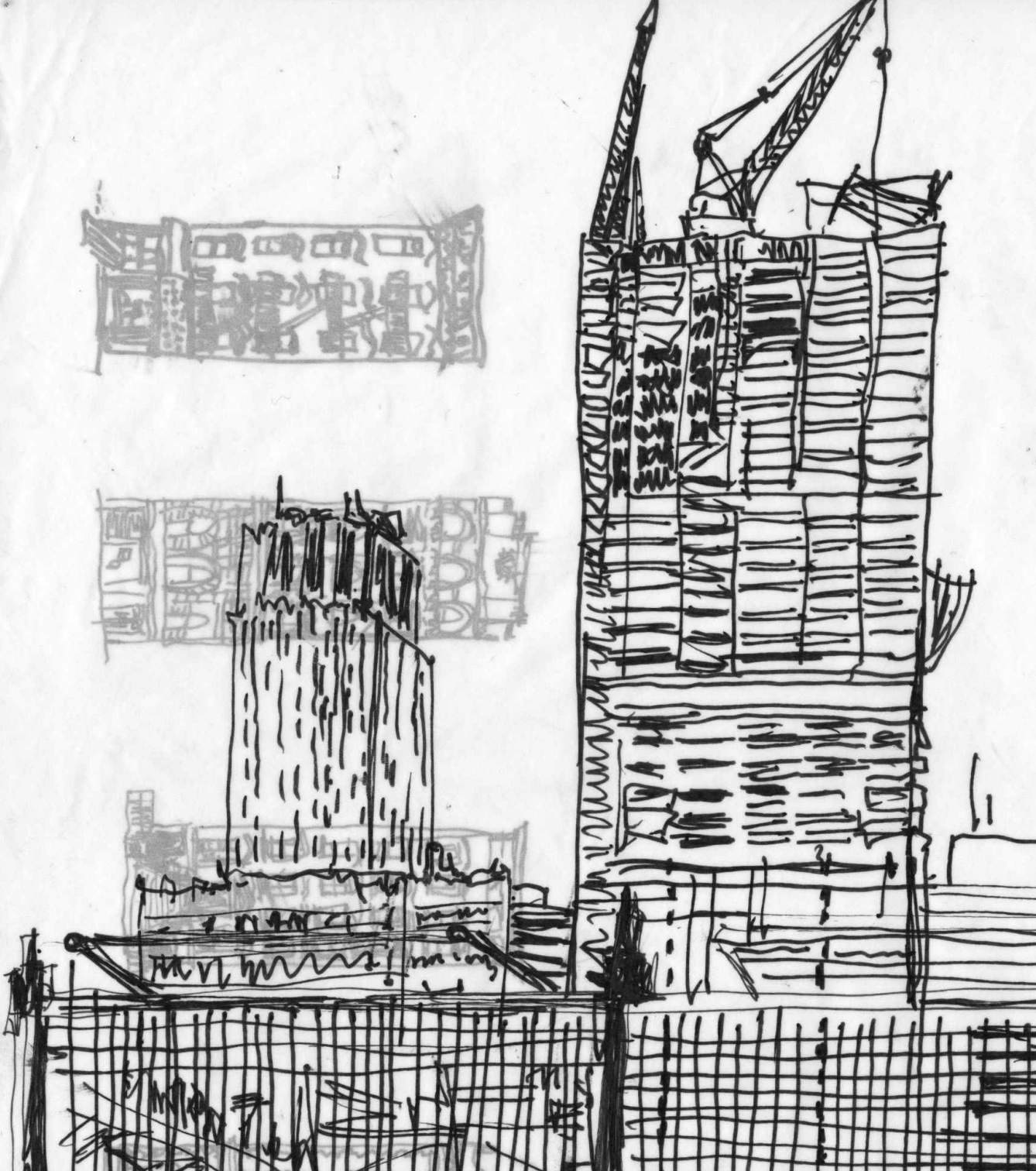
NEW YORK STOCK EXCHANGE


NEW
YORKER

OKSTORE

HOMELESS
HUNGRY
GOD BLESS YOU





NEW YORK STOCK EXCHANGE

Coisário

(onde eu guardo coisas, pode ser uma gaveta, um pote, bolsa ou um bloco onde anoto coisas diferentes). Palavra que não existe em português.

Aula de Painting From Life.

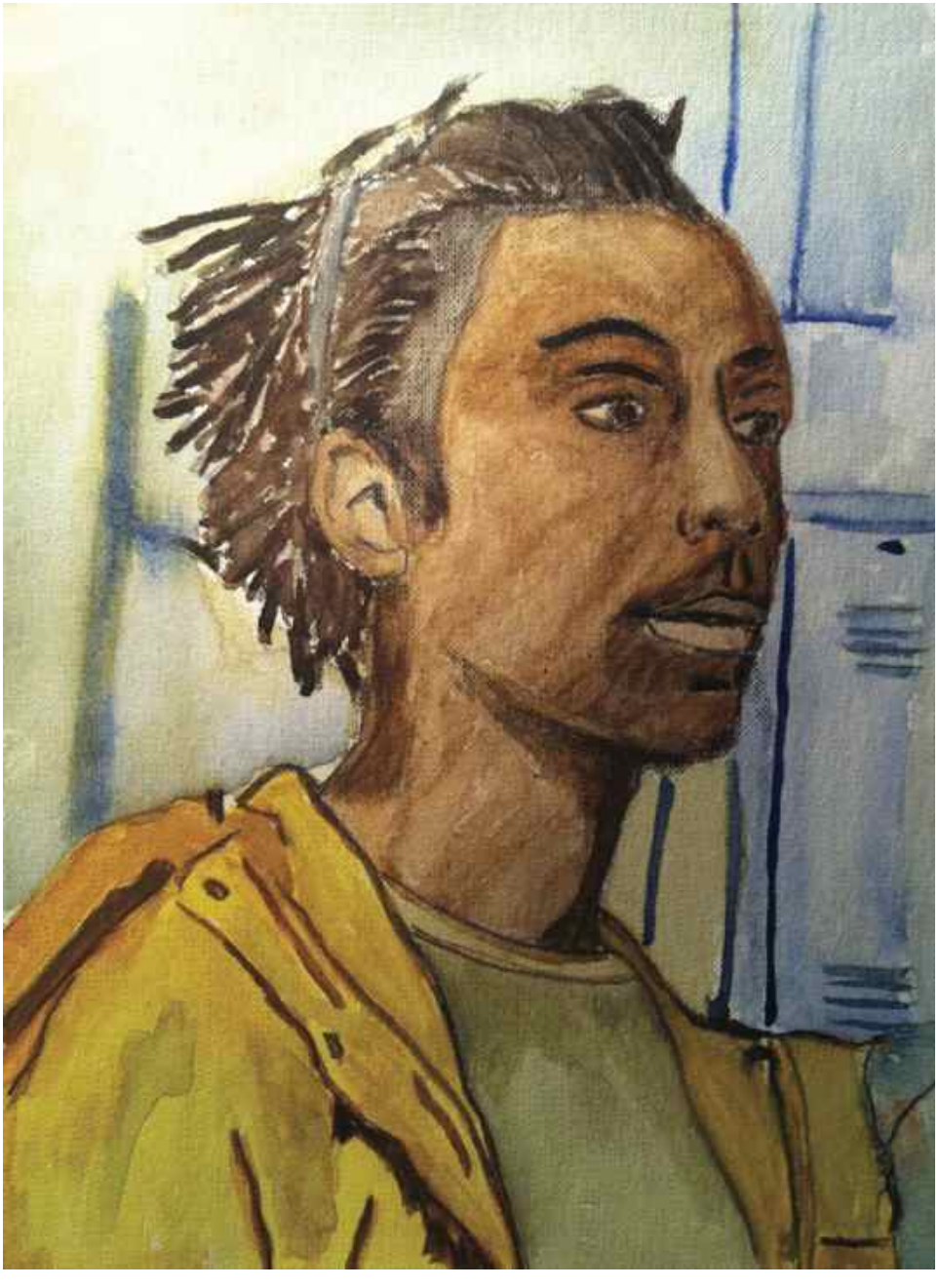
É tensa. E muito densa. Dura 4:30 minutos. São 30 alunos dentro do mesmo estúdio, 15 em cada lado, com modelos diferentes. O modelo faz a mesma pose durante 2 semanas, poses repetidas a cada 20 minutos, com intervalos de 10 minutos. Cada aluno tem duas banquetas e um cavalete, não há tapumes na sala. Cada aluno tem seu próprio material. Há dois monitores em sala, que ficam pintando e controlando o tempo. E só atendem quando solicitados. A professora orienta duas vezes na semana. Nos outros dias ela está em outros estúdios (escolas) pela cidade. Artista conceituada, com quadros em acervos como o do MET. No open stúdio haviam trabalhos por $30 mil dólares, que podem ser adquiridos direto com a artista. Ela vai de cavalete em cavalete, coloca-se no lugar do aluno, e organiza sua composição: mostra fazendo como é, e fala para seguir em frente até a próxima orientação. E ela pede para ver o processo, porque há alunos que pintam três telas por semana e outros uma, quando muito! É querida e atenciosa. Na primeira aula explicou como era o processo e entregou uma lista de materiais. No open stúdio contava suas histórias. É muito querida, tem um jeito tímido de senhora. Fala baixo. Nesta aula a maioria dos alunos usam fones e ouvem música. Há regras de ouro nesta aula (fixadas na porta): não comer, se chegar atrasado não entrar (esperar o intervalo), respeitar as marcações no chão de cada cavalete, não ouvir música com volume que incomode o colega, fazer silêncio durante as poses. Nos intervalos os alunos circulam entre os cavaletes. Apenas a professora faz críticas dos trabalhos, nem colegas e nem monitores fazem. Deve-se seguir a paleta da professora. Regra de ouro, que vale ouro mesmo!

Para saber mais:
http://www.marybethmckenzie.com/

(where I keep things, could be a drawer, a container, a bag or a pad where I take various notes). A word that does not exist in Portuguese.

Painting From Life class.

It is dense. Very dense. It lasts 4 hours and 30 minutes. We are 30 students inside the same studio, 15 on each side, with different models. The model does the same pose for 2 weeks, which are repeated every 20 minutes with 10-minute intervals. Each student has two stools and an easel, there are no dividers in the room. Each student has their own material. There are two monitors in the class, who paint and control the time. They only come when they are called. The instructor tutors twice a week. On the other days she is in other studios (schools) around the city. A renowned artist, with pictures in collections such as the MET. At the Open Studio there were works for $30 thousand dollars, which can be purchased directly from the artist. She goes from easel to easel, puts herself in the place of the student, and organizes their composition: she demonstrates it by doing it how it is, and tells us to keep moving ahead until the next tutoring section. And she asks to see the process, because there are students who paint three canvases a week and others, one at the most! She is nice and attentive. In the first class she explained what the process was like and handed out a list of materials. At the open studio she told her stories. She is very nice, has a shy sort of manner. She speaks low. In this class most students wear headphones and listen to music. There are valuable rules in this class (attached to the door): do not eat, if you arrive late do not come in (wait until the break), respect the markings on the floor around each easel, do not listen to music so loud that you could disturb your classmate, be silent during the poses. During the breaks, the students go around to the easels. Only the instructor criticizes the works, neither classmates nor monitors do it. One must follow the palette of the instructor. A valuable rule that really does have value!



Aula de watercolor painting:

São 4 horas de aula. Toda a aula o professor (que é chinês) faz uma introdução: mostra os materiais, fala sobre a técnica e faz uma demonstração de 30 minutos. Mostra os erros e os acertos de uma boa watercolor painting. O modelo mudou essa semana, agora temos uma menina, em poses de 20 minutos, com 5 minutos de intervalo, sendo que o intervalo mais longo tem 10 minutos (ninguém nem sai da sala). As portas da sala ficam encostadas e as mesas são organizadas em formato de U . Os alunos são incentivados a andar pela sala e ver os trabalhos dos colegas. Na mesma sala, há pessoas que usam o modelo, outras estudam paisagens e ainda há que faça still life. O professor fica em um canto desenhando também, e de tempos em tempos vai passando um por um e falando o que cada um tem que mudar e tentar fazer. Ele é um artista premiado pelas suas aquarelas, circula em acervos dos EUA, e mostrou no inicio das aulas as imagens de seu estúdio em NY. Ele conta piadas e conta histórias dos lugares de onde estudou e ensinou. Fala três idiomas e um inglês maravilhoso e usa suspensórios!

Para saber mais:
http://www.frederickwong.org/

Watercolor painting class:

It is a 4-hour class. Each class the instructor (who is Chinese) makes an introduction: shows the materials, speaks about the technique and demonstrates it for about 30 minutes. He points out the rights and wrongs of a good watercolor painting. The model changed this week, now we have a girl, in 20-minute poses with 5-minute intervals, considering that the longest interval is 10 minutes (nobody even leaves the room). The classroom doors are left ajar and the tables are organized in a U-shape. The students are encouraged to walk around the room and see the works of their classmates. In the same room, there are people who use the model, others who study landscapes and others yet who are working on still life. The instructor stays at a corner also drawing, and from time to time he goes from student to student telling them what they ought to change and try to do. He is an artist awarded for his watercolors, his works in collections in the US, and when the classes first started he showed us some images of his studio in NYC. He tells jokes and tells stories of the places where he studied and taught. He speaks three languages and wonderful English and wears suspenders!

Aula de Encaustic painting:

somente 12 alunos na classe para cada workshop. Quando cheguei, a sala já estava toda organizada e havia um lugar para cada aluno com todo o material separado. Recebemos uma apostila. A professora fez uma aula sobre história da arte da Encaustic painting, mostrou exemplos de trabalhos dela, mostrou imagens do seu estúdio em NY, mostrou livros sobre a técnica e depois cada aluno foi desenvolver seu projeto. Foram 6 horas de aula, com intervalo de almoço (porque ninguém come dentro das salas), mas há vezes em que ninguém sai da sala e segue trabalhando. Na sala todos os alunos andavam entre a mesa de material e sua mesa de trabalho, mas não havia muita conversa, todos prestavam atenção sempre no que a professora falava. Dois alunos chegaram atrasados (algo de 15 minutos) ela parou a aula e ficou olhando para eles até que eles sentassem e ficassem em silêncio. Em um momento a professora percebeu que um aluno não conseguia desenvolver a técnica, ela foi até ele e explicou tudo de novo e o ajudou a fazer (o menino foi o último a deixar a sala). Muito bom ter aulas com artistas que são professores. A professora é representada por galerias e faz parte da sociedade de Encaustic painting. E ela não usa nenhuma pedagogia da opressão, porque é artista e sabe muito, mas sim, ela dividiu tudo o que sabia sobre a técnica. E detalhe, mostrou exemplos, fez demonstração mas não colocou a mão em nenhum trabalho de aluno. Toda a explicação usava e mostrava um exemplo. O primeiro workshop foi tão bom, que quando saí resolvi me inscrever no workshop sobre encaustica tridimensional e continuar meus estudos!

Para saber mais:
http://www.deborahwiniarski.com/

Encaustic painting class:

only 12 students in class for each workshop. When I arrived, the classroom was already all arranged and there was a place for each student with all of the material sorted out. We were handed a booklet. The instructor lectured on encaustic painting art history, showed examples of her works, showed images of her studio in NYC, showed books about the technique and then each student went off to develop their own project. It was a 6-hour class, with a lunch break (because nobody eats inside the rooms), but sometimes nobody leaves the room and we keep working. In the classroom, all students walked from the materials desk to their own work desk, but there wasn't much talking, they all always paid attention to what the instructor said. Two students arrived late (something like 15 minutes) and she stopped the class and stared them down until they sat and became quiet. At some point the instructor realized that one of the students couldn't develop the technique, so she went to him and explained everything again and helped him do it (this boy was the last one to leave the room). It is very good to have classes with artists who are also professors. The instructor is represented by galleries and is part of the Encaustic painting society. And she doesn't make use of any oppression pedagogics, because she is an artist and knows a lot, but yes, she shared everything she knew about the technique. And importantly, she showed examples, demonstrated but didn't touch any of the students' works. For each explanation she used she showed an example. The first workshop was so good that when I left I decided to enroll for the tridimensional encaustic workshop and continue my studies!

14 de junho de 2013

Os noticiários de vários canais de TV mostram o que aconteceu no Brasil. Meu professor de inglês me perguntou o que acontecia no Brasil. Eu expliquei algo que é inexplicável: corrupção a perder de vista, falta de política para educação, saúde e transporte. Normal que um dia o povo se revolte e saia as ruas. O que não é normal, é que a polícia mal preparada atire balas de borracha a esmo, enquanto prefeito e governador do maior estado brasileiro, estão em Paris em um encontro político. No final de semana foi o início da copa das confederações, a presidente do país foi vaiada em público. O que esperar de um governo que ainda age dando pão (velho) e circo para seu povo? Lembrei do documentário "Pro dia nascer feliz: uma lente sobre a educação" de direção de João Jardim, que realmente mostra o que acontece com a Escola em um país tão grande e que não tem uma boa política para o ensino.

Para saber mais:
https://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=W6QVLE8PQJ8#!
http://passapalavra.info/2010/02/19335

June 14th, 2013

The news programs on many TV channels are showing what has happened in Brazil. My English teacher asked me what was going on in Brazil. I explained something that is unexplainable: corruption as far as your eyes can see, lack of policies for education, health and transportation. It is only natural that one day the people would revolt and take to the streets. What is not natural, is that the poorly prepared police would randomly shoot rubber bullets, while the mayor and the governor of the greatest Brazilian state are in Paris for a political meeting. Over the weekend it was the beginning of the confederations cup, and the president of the country was booed in public. What to expect from a government that still acts by giving (old) bread and circuses to its people? Remember the documentary: "Pro dia nascer feliz: uma lente sobre a educação " directed by João Jardim, which really shows what happens and what doesn't happen in Schools in a country that is so big and that doesn't have a good policy for education.

26 de junho:
Aula de Still Life and Landscape.

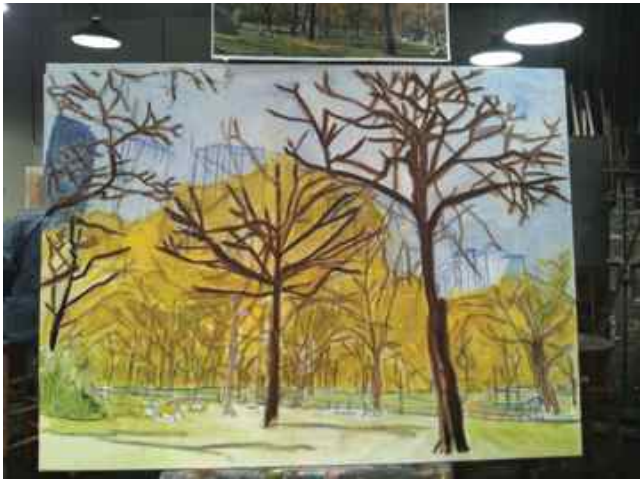
O professor é um conhecido artista em New York, dos velhos e novos tempos. Hoje ele vive em New Jersey. É uma figura encantadora: homem alto de cabelos e barba branca, usando óculos, tem um estilo despojado (mas bem cuidado e simples), tem olhos verdes que parecem azuis (ou azuis que parecem verdes). É daquele tipo de pessoa que faz a gente se sentir bem, e que desperta a vontade de ficar perto. Ele adora conversar sobre arte nas aulas: nestas duas semanas falou sobre o mercado de arte americana, sobre arte contemporânea, sobre novas gerações, sobre ser pintor, sobre figura humana e paisagem. Levou alguns livros para as aulas indicando como pesquisa e mostrando que conhecia bem os artistas: Wayne Thiebaud, Alice Neel a Raimonds Staprans. Hoje falou sobre Cézanne e Diego Rivera. Ele ministra aulas na Art Students League of New York há pelo o menos 27 anos, antes ministrava aulas na universidade (saiu da universidade, porque lá "segundo ele, a arte servia como serviço social"). Morava em NY até o aluguel subir e desde então, mudou-se para New Jersey. Ele pinta paisagens, mas não paisagens tradicionais ou cartões postais, ele pinta o mundo onde ele gostaria de viver! Muito atencioso, sempre entrava e saia da sala e ia acompanhado o trabalho de cada aluno. A faixa etária da turma: média 50 anos (apenas eu com trinta e tantos e outra jovem com 20). Alguns faziam modelo vivo, outros paisagens (usando fotografias), ou natureza morta. No primeiro dia de aula ele me disse: pintar paisagem dentro do estúdio usando fotografia é como uma travessura, porque a paisagem está fora do estúdio. Falou que era preciso pensar em escala (e não fazer a tela com o mesmo tamanho do estudo). Falou sobre arte bizantina e arte egípcia e sobre Giotto como exemplo de boa perspectiva. Na sala um colega pintava uma paisagem em perspectiva usando esquadro; outro usava a escala com grades. Com a tela em andamento todas as orientações foram exatas e perfeitas. Ele raramente interfere no trabalho dos alunos. Interferiu em alguns, como exemplo, para mostrar onde estava a luz e a sombra (principalmente sobre o retrato). No meu trabalho: falou sobre os planos, sobre a variação e valor das cores, me mostrou como encontrar a cor certa usando sap green, me mostrou um exemplo de como usar a

June 26th:
Still life and landscape class.

The instructor is a known artist in New York, from the old and recent times. Nowadays he lives in New Jersey. He is a lovely character: a tall man with white hair and beard, wears glasses, has a casual style (but well kept and simple), green eyes that look blue (or blue eyes that look green). He is that kind of person that makes you feel good, and that makes you want to be near them. He loves to talk about art during class: in these two weeks he talked about the American art market, about contemporary art, about new generations, about being a painter, about human figure and landscape. He brought some books to the class as a research suggestion and told us he knew the artists well: Wayne Thiebaud, Alice Neel and Raimonds Staprans. Today he talked about Cézanne and Diego Rivera. He has been teaching classes at the Art Students League of New York for at least 27 years, before he used to teach at the university (he left the university because there, according to him, "art served as social work"). He lived in NY until the rent went up and then moved to New Jersey. He paints landscapes, but not traditional landscapes nor landmarks, he paints the world he would like to live in! Very kind, he would always enter and leave the room and follow the work of each student. The age bracket in the classroom: average of 50 years old (only me in the late thirties and another woman who is 20). Some were working on life models, others on landscapes (using photographs), still life? On the first day of class he told me: painting landscapes in the studio using a photograph is tricky because the landscape is outside the studio. He said that it was necessary to think in scale (and not make the canvas the same size as the study). He talked about Byzantine art and Egyptian art and about Giotto as an example of good perspective. In the classroom a classmate was painting a landscape in perspective using a set-square; another was using the Albertian veil. With the canvas in progress all tutoring sessions were exact and perfect. He rarely interferes in the work of the students. He interfered in some, like for example, to show where the light and the shadow were (especially over the portrait). In my work: he talked about the planes, about the variation and the value of colors, showed me how to find the right color using sap green, showed me an example of how to use

espátula, de como criar tons e contrastes diferentes na mesma área, sempre empolgado. No horário do almoço, ele comia um sanduíche sentado no banco no hall de entrada da League, pessoa simples, mas com grande coração e paixão. Ele vive como um pintor, que também, ensina pintura. Sim, ele vive em NY de arte. Alguns críticos escreveram sobre o trabalho dele que é absolutamente fantástico. Quando eu pedi o email dele, ele me disse que os computadores o deixavam nervoso, então ele me deu o seu endereço. Do Brasil ele conhece apenas a Música, mas talvez nos próximos anos ele pense em ir até lá. Ele já viajou muito antes, agora ele prefere não sair tanto. Ele é um Mestre, com certeza, e eu me apaixonei por ver a paixão dele. Se eu pudesse faria mais aulas com ele!

Para saber mais:
http://www.youtube.com/watch?v=lC8M2atZfDA



the spatula, how to create different shades and contrasts in the same area, and he was always excited about it. At lunchtime, he would eat a sandwich sitting on the bench in the League entrance hall, a simple person, but with a great heart and passion. He lives like a painter, who also teaches painting. Yes, he lives in NY off of art. Some critics have written about his work, which is absolutely fantastic. When I asked for his email address, he told me that computers made him nervous, then he gave me his mailing address. He knows only the music of Brazil, but perhaps in the near future he may consider going there. He has traveled a lot in the past, now he prefers not to leave so much. He is a Master, no doubt about it, and I fell in love with seeing his passion. If I could I would take more classes from him!

28 de junho de 2013.

Meu aniversário. Fui orar em St. Patrick's: agradeci a vida, orei por meus pais (sem eles nada disso seria possível e se eles estivessem aqui eu teria contado para eles tudo de bom que tem me acontecido e que tenho aprendido), orei por eles. Agradeci meu medos, culpas, anseios, angustias e a capacidade que tenho tido de encarar isto. Agradeci meus erros e acertos, meus caminhos, novos sabores e outros olhares, que me levaram a mudar de fato a forma como eu me sinto no mundo. Virei a página! Era preciso. Vou voltar ao mesmo lugar, mas certamente diferente. Porque eu tenho aprendido que meus problemas irão comigo para qualquer lugar, que eu preciso ainda, ter mais paciência com a vida e com meu coração. Que a felicidade não é onde você chega, mas o caminho que você faz para chegar onde você acha que quer estar! Comigo tem sido assim. Que não existe homem ou mulher perfeitos, nem relacionamentos, nem amizades, mas que é preciso saber a hora de dar um passo para frente e outro para o lado. Aprendi que não existe o trabalho perfeito, pois quando você tem um foco na vida, você precisa dizer não a muitas outras coisas ao seu redor, e ainda assim, é preciso ter paixão sobretudo. Por fim, tenho aprendido que é preciso mudar o ponto de vista, é preciso ampliar mais, crescer mais, livrar-se de pré-conceitos, das amarras, daquilo que me deixava triste. Como?! Vivendo um dia de cada vez, uma batalha em cada momento e espaço, apenas assim, eu posso seguir, com um pé no futuro (nos meus sonhos), e outro no meu coração, vivendo no presente, porque o agora é uma dádiva! Assim, fui mais um ano olhar meus horizontes e desfrutar o que Deus concedeu: a vida, o ar, o amor, a felicidade, a alegria, o partilhar instantes, a deriva, os problemas, as frustrações, os medos, os anseios, tudo dentro do mesmo espaço, no meu coração.

June 28th, 2013.

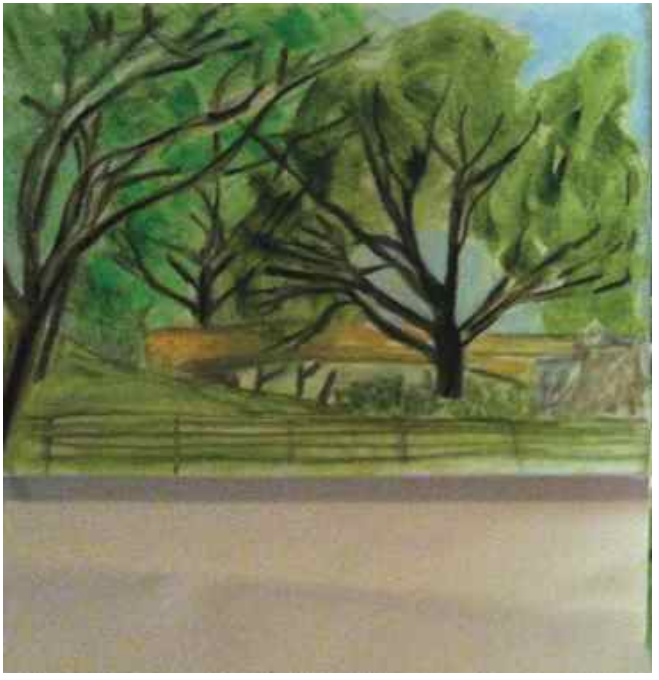
My birthday. I went to pray at St. Patrick's: I thanked God for life, prayed for my parents (without them none of this would be possible and if they were still here I would have told them about all of the good things that have been happening to me and that I have been learning), I prayed for them. I was thankful for my fears, my regrets, my longings, my sorrows, and the ability that I have had to face this. I was thankful for my rights and wrongs, my roamings, new flavors and different viewpoints, which led me to actually change the way I feel in the world. I have turned the page! I had to. I will return to the same place, but certainly different. Because I have learned that my problems will follow me anywhere I go, that I still need to have more patience with life and with my heart. That happiness is not where you get to, but the path that you take to get where you think you want to be! It has been like this for me. That there aren't perfect men or women, nor relationships, nor friendships, but that one needs to know when it is time to take a step forward and another one to the side. I learned that there is no perfect job, because when you have a focus in life, you need to say no to many other things around you, and still, you need to have passion above all. Finally, I have learned that it is necessary to change the viewpoint, to enlarge more, grow more, get rid of prejudices, of strings, of what made me sad. How?! Living one day at a time, one battle at each moment and space, only this way can I go on, one foot in the future (in my dreams) and another one in my heart, living in the present, because now is a gift! Thus, for another year I looked at my horizons and enjoyed what God has given me: life, air, love, happiness, joy, the sharing of moments, the drifting, the problems, the frustrations, the fears, the longings, everything inside the same space, in my heart.

Workshop de Plein Air Landscape Painting, 8 a 12 de julho.

No plano de ensino do curso havia uma indicação de referência para leitura e uma longa lista de materiais. O professor que ministra este curso, também é professor na Columbia University com Pós-Graduação na Escola de Artes Visuais. No primeiro dia de aula, ele recebeu cada aluno na porta da sala com um aperto de mão. Pareceu um homem feliz quando falava de arte, de pintura, da paisagem. Disse a mesma coisa sobre usar fotografias de paisagens para pintar dentro do estúdio: "é como uma travessura, porque a fotografia representa o real, e a pintura representa o que o artista percebe". Ele é um pintor exímio, realista e bastante detalhista. Sair da League (que fica na rua 57 street) e ir caminhando e carregando um cavalete francês (até a altura da 69 street dentro do Central Park), é literalmente algo romântico e realmente muito pesado. Todos se esforçam para carregar seus materiais, não é algo leve, cerca de 15 quilos, em cada ida e em cada retorno. Mas ao chegar no park e perceber a luz, a sombra, o frescor. "É como estar dentro de uma vista de um filme do Woody Allen" disse o professor. Olhar para a paisagem e perceber pinceladas, claro, escuro, tonalidades de cores é algo deslumbrante. O professor falou de Matisse, Cezanne e Van Gogh. Escolher a paleta é fundamental. Nunca usar cores direto do tubo. É necessário pensar a mistura das cores em várias tonalidades e saber onde o quadro está entre o claro e o escuro. Ao final da semana eu estava muito feliz com esse curso, mas minhas costas quebradas. Lembrei muito do tempo em que íamos a Vale Vêneto, quarta colonia italiana no sul do Brasil, perto da cidade de Santa Maria. Íamos desenhar e pintar, mas não carregavamos os cavaletes, apenas o básico para estudos de cor. Era algo que eu amava fazer. Era como meditar. Sentar sozinha, me sentir segura em meio a paisagem, longe de tudo e todos. Apenas eu, minha aquarela e a paisagem linda, me sentia seduzida pelo Vale. Conseguia enxergar nas árvores cores, espatuladas e pinceladas. Sei exatamente o momento em que perdi isto, ou me afastei e foi por opção de vida naquele momento. Mas agora, em outro momento de vida, me sinto finalmente livre. Escrevi para o meu professor de pintura, meu Mestre, que me ensinou a olhar a paisagem com paixão. Fazia anos que não falava com ele. Ele continua o mesmo homem generoso de sempre, espero que a vida me dê oportunidade em ficar mais próxima de pessoas assim.

Workshop of Plein Air Landscape Painting, July 8-12.

In the course syllabus there was a suggestion of references for reading and a long list of materials. The professor who teaches this course is also a professor at Columbia University with a Postgraduate degree in the School of Visual Arts. On the first day of class, he greeted each student with a handshake at the door. He looked like a happy man when he talked about art, painting, landscape. He said the same thing about using photographs of landscapes to paint inside the studio: "it is tricky because the photograph represents reality, and the painting represents what the artist perceives". He is an outstanding painter, realistic and quite meticulous. Leaving the League (on 57th Street) and walking carrying a french easel (until 69th Street inside Central Park) is literally something very romantic and very heavy. Everyone tries hard to carry their own materials, it is not something light, about 15 kilograms, each coming and going. But upon arriving at the park and perceiving the light, the shade, the freshness. "It is like being inside a Woody Allen movie," said the professor. Looking at the landscape and seeing brushstrokes, light, dark, shades of colors, is something breathtaking. The professor spoke of Matisse, Cezanne and Van Gogh. Choosing the palette is essential. Never use colors directly from the tube. One needs to think about the color mixing in many shades and know where the picture is between light and dark. By the weekend I was very happy with this course, but my back was busted. It reminded me a lot of the times when we used to go to the Veneto Valley (Vale Veneto), fourth Italian colony in the south of Brazil, close to the town of Santa Maria. We used to go to draw and paint, but we didn't carry the easels, only the basics for color studies. It was something that I loved to do. It was like meditating. Sitting alone, feeling safe amidst the landscape, far from everything and everyone. Only me, my watercolors and the beautiful landscape, I felt seduced by the Valley. I could see colors in the trees, strokes of spatulas and brushes. I can pinpoint the exact moment when I lost this, or distanced myself from it, it was a life choice at that moment. But now, at another moment of my life, I finally feel free. I wrote my painting professor, my Master, who taught me to look at the landscape with passion. I hadn't talked to him for years. He is still the same generous man he has always been, I hope that life will give me the opportunity to be closer to people like this.



Community Art Studio Painting at TC/Columbia University
(12 de julho a 31 de julho).

Quando estou lá, sempre penso que sou uma pessoa de muita sorte e agradeço em ter a oportunidade de estar dentro da História da Arte e da Arte Educação. O Teachers College é realmente um espaço de saber. E estar na casa de John Dewey é uma emoção, é como ver todos os textos que li e tudo o que aprendi em arte e educação virar realidade. No Programa de Arte e Arte Educação há aulas de prática artística, além claro, das aulas teóricas. Então há espaços/estúdios de pintura, gravura, cerâmica, desenho, multi mídia e alguns destes espaços, no verão são oferecidos a comunidade para uso e experiências. Resolvi pintar uma série de pintura sobre Manhattan, algo como impressões em fine art e depois aplicação de tinta óleo. Ao meu ver funciona como um dispositivo essa técnica, para pensar a paisagem, a cor, detalhar a paleta e pensar em como abstrair a paisagem ou pensar em montagens para uma paisagem. Também nestes dias eu produzi algumas montagens/colagens usando o próprio livro do Dewey. Eu tenho lido muito sobre ser artista/professor (há teses e dissertações fantásticas no TC) e isto tem me feito perceber melhor minha realidade. E embora eu não aborde como um referencial teórico específico isto, eu já escrevi dois artigos usando os textos que tenho lido e pretendo escrever meus projetos de pesquisa, quando eu voltar. Sobre voltar, é algo assustador ainda. Eu espero realmente voltar diferente e agora, com um olhar para o que realmente me interessa: a pintura e o ser artista/professor.

Community Art Studio Painting at TC/Columbia University
(July 12-31).

When I am there, I always think I am a very lucky person and feel grateful for the opportunity of being inside Art History and Art Education. Teachers College is really a place of wisdom. Being in the house of John Dewey is so thrilling, it is like seeing all of the texts that I read and all that I learned in art and education come true. In the Art and Art Education Program there are artistic practice classes, besides of course, the theory classes. So there are rooms/studios for painting, printmaking, ceramics, drawing, multimedia and some of these rooms in the summer are offered to the community for use and experimentation. I decided to paint a series of paintings about Manhattan, something like fine art prints and then oil paint. As I see it this technique works like a device, to think about the landscape, the color, detail the palette, and think about how to abstract the landscape or think about compositions for a landscape. In these days I have also produced some compositions/ collages using Dewey's book. I have been reading a lot about being an artist/professor (there are fantastic dissertations and theses at TC) and this has made me perceive my reality better. And although I may not approach this as a theoretical frame of reference, I have already written two papers using the texts that I have been reading and I intend to write my research projects when I go back. About going back, it is still scary. I really hope to finally go back different and now, with a look towards what really matters to me: painting and being an artist/professor.

MINHA MANHATTAN,
julho de 2013.
Óleo sobre tela, fine art (pintura alla prima).

MY MANHATTAN
July 2013.
Oil on canvas, fine art (alla prima painting).

MINHA MANHATTAN,
julho de 2013.
Óleo sobre tela, fine art (pintura alla prima).

MY MANHATTAN
July 2013.
Oil on canvas, fine art (alla prima painting).

MINHA MANHATTAN,
julho de 2013.
Óleo sobre tela, fine art (pintura alla prima).

MY MANHATTAN
July 2013.
Oil on canvas, fine art (alla prima painting).

MINHA MANHATTAN,
julho de 2013.
Óleo sobre tela, fine art (pintura alla prima).

MY MANHATTAN
July 2013.
Oil on canvas, fine art (alla prima painting).

Lista de Artistas Estudados

Hans Hofmann
Georgia O'keefe
Elizabeth Peyton
Dana Schutz
David Hockney
Edward Hopper
Peter Doing
Jennifer Bartlett
Chuck Close
Alex Katz
Maureen Gallace
Wayne Thiebaud

Do Brasil:

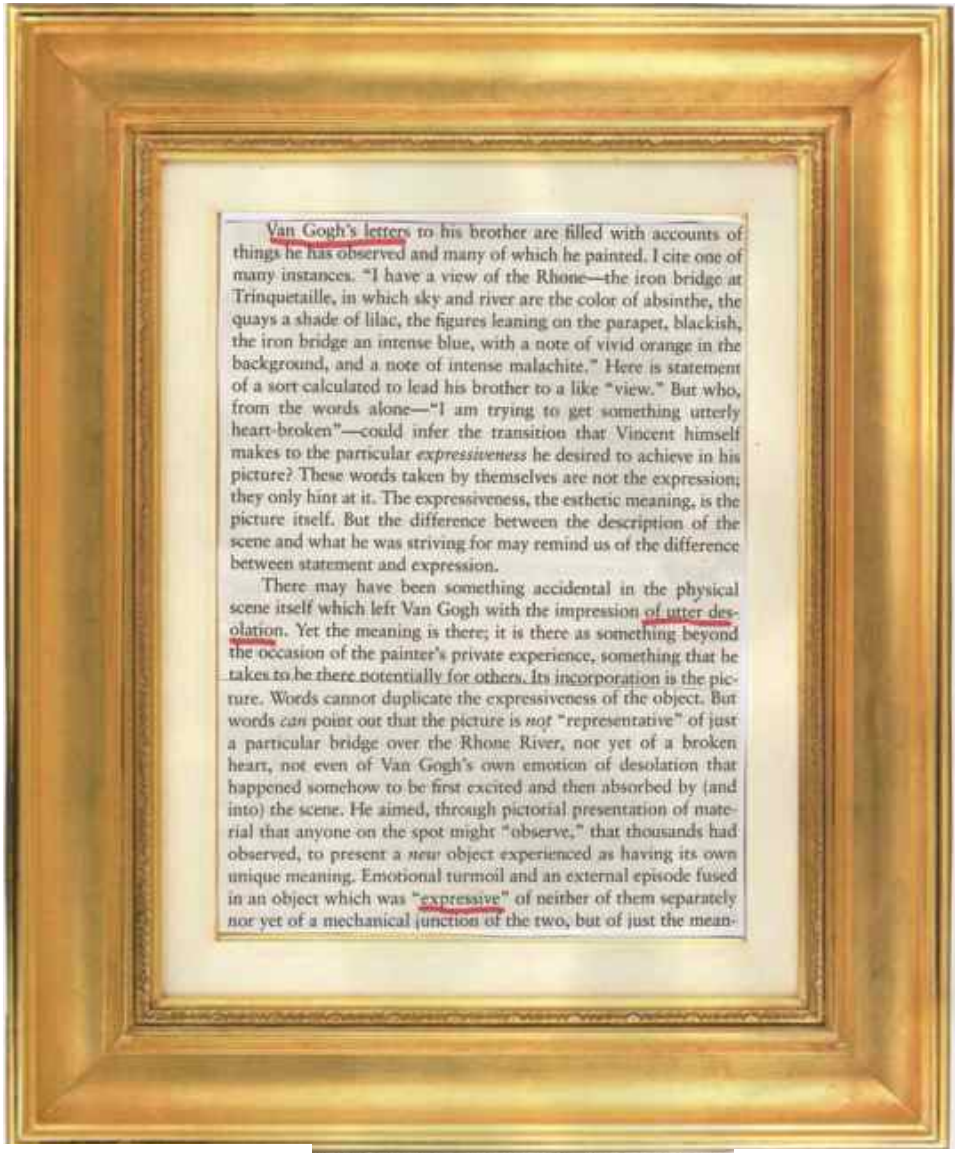
Iberê Camargo
Paulo Pasta
Marco Giannotti
Teresa Poester
Lúcia Laguna
Alphonsus Benetti

List of Studied Artists

Hans hofmann
Georgia O'keefe
Elizabeth Peyton
Dana Schutz
David Hockney
Edward Hopper
Peter Doing
Jennifer Bartlett
Chuck Close
Alex Katz
Maureen Gallace
Wayne Thiebaud

From Brazil:

Iberê Camargo
Paulo Pasta
Marco Giannotti
Teresa Poester
Lúcia Laguna
Alphonsus Benetti



Van Gogh's letters to his brother are filled with accounts of things he has observed and many of which he painted. I cite one of many instances. "I have a view of the Rhone—the iron bridge at Trinquetaille, in which sky and river are the color of absinthe, the quays a shade of lilac, the figures leaning on the parapet, blackish, the iron bridge an intense blue, with a note of vivid orange in the background, and a note of intense malachite." Here is statement of a sort calculated to lead his brother to a like "view." But who, from the words alone—"I am trying to get something utterly heart-broken"—could infer the transition that Vincent himself makes to the particular *expressiveness* he desired to achieve in his picture? These words taken by themselves are not the expression; they only hint at it. The expressiveness, the esthetic meaning, is the picture itself. But the difference between the description of the scene and what he was striving for may remind us of the difference between statement and expression.

There may have been something accidental in the physical scene itself which left Van Gogh with the impression of utter desolation. Yet the meaning is there; it is there as something beyond the occasion of the painter's private experience, something that he takes to be there potentially for others. Its incorporation is the picture. Words cannot duplicate the expressiveness of the object. But words *can* point out that the picture is *not* "representative" of just a particular bridge over the Rhone River, nor yet of a broken heart, not even of Van Gogh's own emotion of desolation that happened somehow to be first excited and then absorbed by (and into) the scene. He aimed, through pictorial presentation of material that anyone on the spot might "observe," that thousands had observed, to present a *new* object experienced as having its own unique meaning. Emotional turmoil and an external episode fused in an object which was "expressive" of neither of them separately nor yet of a mechanical junction of the two, but of just the mean-

utterly heart-broken." He did not pour forth the emo-
lation; that was impossible. He selected and organized
subject matter with a view to something quite
n expression. And in the degree in which he succeeded
s, of necessity, expressive.

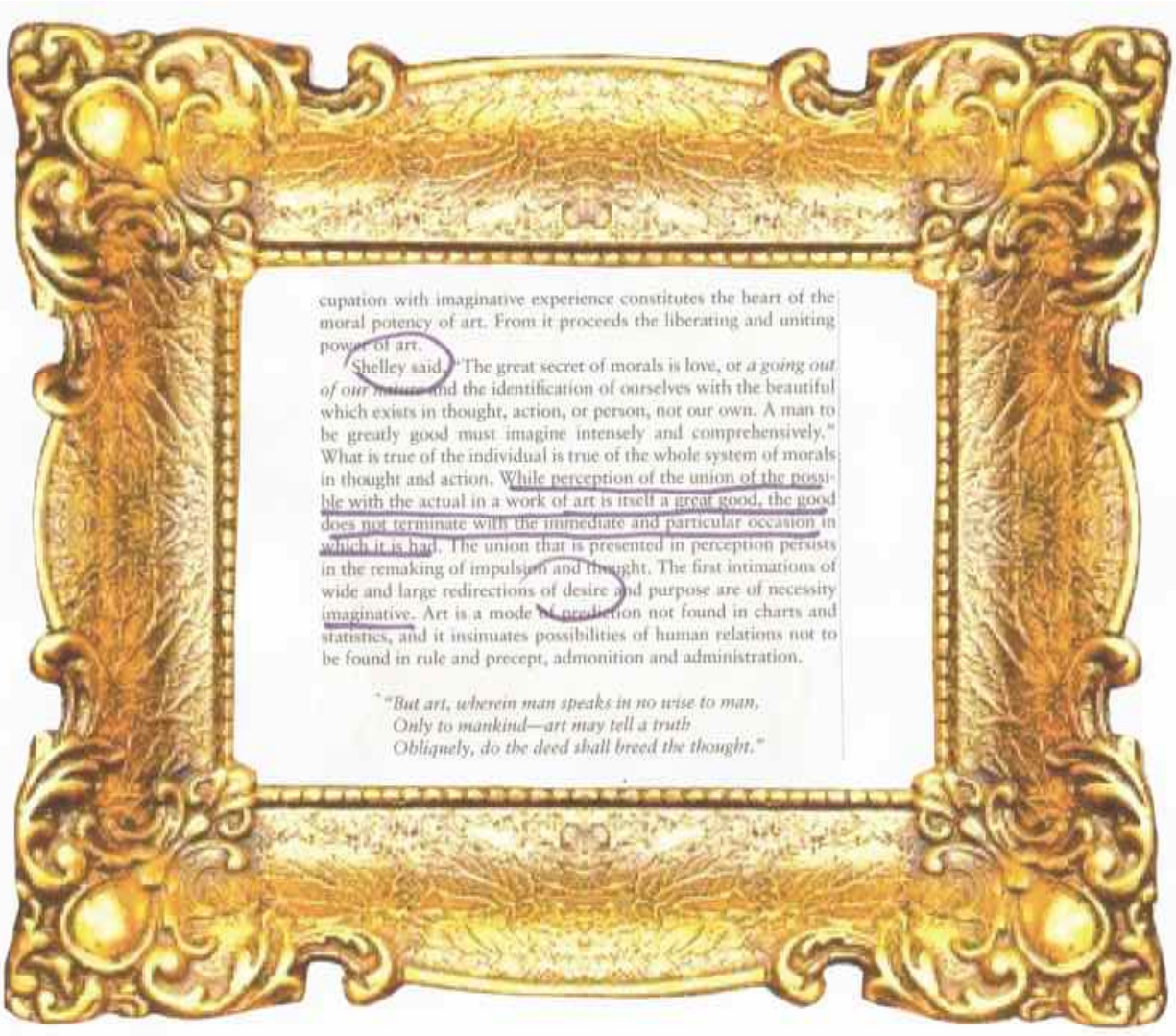
perception
matter of perception
slow process of weathering,
perception of

EXPERIENCE occurs continuously, because the interaction of live creature and environing conditions is involved in the very process of living. Under conditions of resistance and conflict, aspects and elements of the self and the world that are implicated in this interaction qualify experience with emotions and ideas so that conscious intent emerges. Oftentimes, however, the experience had is inchoate. Things are experienced but not in such a way that they are composed into *an* experience. There is distraction and dispersion; what we observe and what we think, what we desire and what we get, are at odds with each other. We put our hands to the plow and turn back; we start and then we stop, not because the experience has reached the end for the sake of which it was initiated but because of extraneous interruptions or of inner lethargy.

In contrast with such experience, we have *an* experience when the material experienced runs its course to fulfillment. Then and then only is it integrated within and demarcated in the general stream of experience from other experiences. A piece of work is finished in a way that is satisfactory; a problem receives its solution; a game is played through; a situation, whether that of eating a meal, playing a game of chess, carrying on a conversation, writing a book, or taking part in a political campaign, is so rounded out that its close is a consummation and not a cessation. Such an experience is a whole and carries with it its own individualizing quality and self-sufficiency. It is *an* experience.

Philosophers, even empirical philosophers, have spoken for the most part of experience at large. Idiomatic speech, however, refers to experiences each of which is singular, having its own beginning and end. For life is no uniform uninterrupted march or flow. It is a thing of histories, each with its own plot, its own inception and movement toward its close, each having its own particular rhythmic movement; each with its own unrepeated quality pervading it throughout. A flight of stairs, mechanical as it is, proceeds by individualized steps, not by undifferentiated progression, and an inclined plane is at least marked off from other things by abrupt discreteness.

Experience in this vital sense is defined by those situations and episodes that we spontaneously refer to as being "real experiences"; those things of which we say in recalling them, "that *was* an experience."


cupation with imaginative experience constitutes the heart of the moral potency of art. From it proceeds the liberating and uniting power of art.

Shelley said, "The great secret of morals is love, or *a going out of our nature* and the identification of ourselves with the beautiful which exists in thought, action, or person, not our own. A man to be greatly good must imagine intensely and comprehensively." What is true of the individual is true of the whole system of morals in thought and action. While perception of the union of the possible with the actual in a work of art is itself a great good, the good does not terminate with the immediate and particular occasion in which it is had. The union that is presented in perception persists in the remaking of impulsion and thought. The first intimations of wide and large redirections of desire and purpose are of necessity imaginative. Art is a mode of prediction not found in charts and statistics, and it insinuates possibilities of human relations not to be found in rule and precept, admonition and administration.

"But art, wherein man speaks in no wise to man,
Only to mankind—art may tell a truth
Obliquely, do the deed shall breed the thought."

Série *Referencial Teórico*
Colagem

Residência artística em Vermont Studio Center
norte dos Estados Unidos/New England

Em 2012 eu vi uma exposição de pinturas do Cage em New York em que ele registrava a paisagem usando as marcas das pedras e usava como pincéis folhas e penas de pássaros da região e em cada trabalho o artista fazia anotações de tamanho e indicava o lugar e o momento específico para a coleta de materiais. Depois daquilo, escrevi um pequeno projeto para entender a paisagem em modo ampliado com vistas para "janelas"e enviei para o VSC, contanto minhas história, me colocando mais como professora do que como artista. Meses depois, já em New York, recebi o aceite de meu projeto e uma Menção Honrosa. E assim, vim passar duas semanas de residência artística em pintura neste lugar que eu carinhosamente chamei de "um cantinho do céu".

Caminho: NY. Vermont/Burlington. Dois dias apreciando a paisagem (fotografando) o verão em Burlington, região considerada New England e era nessa região que Hopper vinha passar férias e pintar.

Artistic residence at the Vermont Studio Center - North of the United States/New England

In 2012 I saw an exhibit of Cage's paintings in New York, in which he recorded the landscape using marks of stones and he used leaves and bird feathers from the region as brushes and in each work the artist took notes about size and indicated the place and the specific moment when he collected the materials. After that, I wrote a small project to understand the landscape in a broad way and see "windows" and I sent it to the VSC, telling my story, putting myself as more of a professor than an artist. Months later, already in New York, I received the acceptance letter for my project and a fellowship award. Thus, I came to spend two weeks as a resident artist in painting in this place that I have fondly named "a little corner of heaven".

The way here: NY - Vermont/Burlington. Two days enjoying the landscape (photographing), the summer in Burlington, in the region called New England, and it was in this region that Hopper came to spend his vacations and paint.

Semana 1

Uma hora de carro entre o aeroporto de Burligton até o VSC que fica em um vilarejo chamado Johnson. Em torno de 30 a 40 artistas. Pessoas simples aparentando entre 25 e 50 anos talvez. Muitos americanos e muitos estrangeiros. Ouço apenas inglês, mas todos entendem-se perfeitamente. Todos animados com o lugar e encantados com a paisagem. Um domingo de sol em pleno verão no mês de agosto. O espaço é organizado. Recebemos informes de toda a programação, fizemos um passeio pelo local e cada um recebeu duas chaves: uma da casa e outra do estúdio.

Fui dormir 10 horas da noite, acordei a 1 da manhã com a sensação de que era muito tarde.

Meu estúdio é gigante perto do meu projeto. O que vou fazer mesmo? Por onde começar? Talvez esvaziando minha mala e caminhando pela paisagem. Fiz desenhos e fotografei.

Vontade de comer chocolate. Bebo café constantemente.

Acordei 5:30 da manhã, quando o despertador tocou no quarto ao lado.

Os horários de café da manhã, almoço e jantar, servem para confraternizar e socializar as histórias e as pessoas: "prazer em conhecer você, qual o seu nome, de onde você é, o que você faz?". É assim que começa. Celulares são proibidos nas mesas. Só há internet no espaço de convivência e nos estúdios, mas não funciona bem, não importa, pois a idéia aqui é desconectar do mundo que você conhece e aproximar-se de pessoas, de histórias e de algo que você desconhece. Há espaço para meditação, aulas de yoga e um lugar lindo para nadar.

Pensar 24 horas por dia em três turnos no seu próprio trabalho e com a infra-estrutura necessária para desenvolver um projeto é algo que assusta. Mas não é

Week 1:
A one-hour drive between the Burlington airport and the VSC, which is located in a small village called Johnson. Around 30 to 40 artists. Simple people who looked to be from 25 to 50 years old perhaps. Many Americans and many foreigners. I hear only English, but everyone understands each other perfectly. Everyone seems excited about the place and amazed by the landscape. A sunny Sunday at the peak of summer in the month of August. The center is organized. We received information about all of the events, went on a small tour around the place and each one received two keys: one for the house, the other for the studio.

I went to bed at 10 pm, and woke at 1 in the morning with the feeling that it was very late.

My studio is enormous when compared to my project. What am I going to do again? Where to start? Perhaps emptying my suitcase and walking amid the landscape. I made drawings and photographed.

Desire to eat chocolate. I drink coffee constantly.

I woke up at 5:30 in the morning, when the alarm clock went off in the adjacent room.

The breakfast, lunch, and dinner times are for socializing stories and people: “nice to meet you, what’s your name, where are you from, what do you do?”. That’s how it starts. Cell phones are forbidden at the table. There is internet only in the communal room and in the studios, but it does not work very well, it does not matter because the idea here is to disconnect from the world as you know it and get closer to people, to stories, and to something that you do not know yet. There is an area for meditation and yoga classes and a beautiful place to swim.

intimidante e aos poucos todos vão contaminando-se pela Arte. Não há festas. Álcool e relacionamentos entre os artistas são expressamente proibidos, diz no folheto. Cada um entra no seu estúdio e trabalha sozinho. É proibido escutar música alto, ou falar no celular dentro dos estúdios.

Vontade de comer chocolate. Bebo café constantemente.
Trabalho no estúdio até 10:30 da noite. Pinto.

Me deparo dentro dentro de um cubo branco. Por onde começar. Pelo meio. Mas onde fica o meio? Organizo minha paleta, espalho o material pela mesa de trabalho. Folhas de papel em branco e meu computador. Desconectar? Isto é possível? Talvez. Vou tentar.
Enquanto ouço o CD do Leonard Cohen: fiz algumas monotipias usando tinta óleo, partindo dos registros que eu fiz. Depois fui desenhar. O silêncio é absurdo, se eu me concentrar escuto a respiração do meu colega que está no estúdio do outro lado da parede.

Olhando a seqüência de fotografias que fiz, pensei em fazer uma tela grande com vários pontos de paradas. Recortes. Eis que surgem as janelas. A construção de cor vermelha me seduz, é inebriante, enigmática e eu quero pintar. Esticar as telas, colocar na seqüência certa, escolher os desenhos e me atirar as tintas. Ouço o carrinho com a paleta de um lado para o outro. Desenho usando caneta, lápis de cor, giz pastel, tinta óleo, faço aquarelas.

Vontade de comer chocolate. Bebo café constantemente.
Tive insônia, acordei e dormi muito mal.

Ontem no jantar sentei junto a três artistas, duas americanas e outra vinda de Beijing na China. Cada uma contou um pouco de sua história. Trabalhava com fotografia e já havia feito outras residências, uma das americanas contou; A artista que vem

Thinking 24 hours a day in three shifts about your own work and having the required infrastructure to develop a project is frightening. But it is not intimidating and little by little everyone gets contaminated with Art. Alcohol and relationships between artists are strictly forbidden, according to the brochure. Each one goes into their studio and works on their own. It is forbidden to listen to loud music, or to speak on your cell phone inside the studios.

Desire to eat chocolate. I drink coffee constantly.
I work in the studio until 10:30 at night. I paint.

I find myself inside a white cube. Where to start. In the middle. But where is the middle? I organize my palette, spread the materials on the work table. White sheets of paper and my computer. Disconnect? Is this possible? Perhaps. I will try.
While I listen to the Leonard Cohen CD: I worked on a few monotypes using oil paints, based on my records. Then I started drawing. There is such silence, if I focus enough I can hear the breathing of my colleague who is in his studio on the other side of the wall.

Looking at the sequence of photographs I made, I thought about making a large canvas with many stopping points. Clippings. And then there are the windows. The red color construction seduces me, it is intoxicating, enigmatic and I want to paint. Stretch the canvas, put it in the right sequence, choose the drawings and throw myself at the paints. I hear the palette cart go from one side to another. I draw using pen, colored pencils, pastels, oil paints, I do watercolors.

Desire to eat chocolate. I drink coffee constantly.
I had insomnia, woke up and slept very poorly.

Yesterday at dinner time I sat with three artists, two Americans and another one coming from Beijing in China. Each one told a little bit about their stories. She

da China me diz: "também sou professora na universidade"; Enquanto comemos, falamos sobre o dia de trabalho e a perspectiva sobre a pintura na vida. A outra americana, conta da morte do filho há dois anos, afogado em um lago da região. Ela contou que teve três sonhos com ele depois de sua morte e emocionada contou como a pintura salvou sua vida e contou como sentiu isso depois dos sonhos.

Cada artista vem para um espaço desses com uma história diferente e em momentos diferentes na vida.

Em um almoço, outro dia, conversando com um artista de Boston, expliquei um pouco como eu me sentia mais professora do que artista. Ele sorrindo me disse: "mas você está aqui, então é uma artista e também pode ser professora".

Não quero desconstruir, mas quero aprender a olhar a paisagem de uma forma diferente. Continuo desenhando e pensando em recortes e janelas e montagens. Começo a realizar projetos maiores usando tinta óleo, grafite, giz pastel oleoso sobre papel Fabriano. Ainda ouço Leonard Cohen.

Sábado, 10 de agosto: tenho medo dos dias que amanhecem brilhando, quando fui tomar café da manhã, atravessei a rua e senti que o dia estava azul, com um vento (que lembrava o vento norte que faz no Rio Grande do Sul, estado em que nasci). Sabe quando a sensação de paz enche o pulmão de ar e os olhos ficam extasiados com as flores. Pois então, sempre que isso aconteceu comigo, recebi uma notícia triste depois. Minha colega, professora na Universidade em que trabalho, que assinou os documentos para minha saída de pós doutorado, sofreu um acidente fatal de trânsito em Florianópolis. Outra colega, aposentada enviou uma mensagem com o infeliz aviso. Meu coração ficou triste. O dia que estava lindo ficou cinza. No trabalho nós temos colegas bons e temos colegas nem tão bons, mas que consideramos por respeito. Minha colega era alguém por quem eu tinha além de respeito, admiração, pois embora ela parecesse frágil e indefesa, era esperta,

worked with photography and had already been in other residencies, one of the Americans said; the artist that came from China tells me: “I am also a professor at the university”; as we eat, we speak about our work day and the painting perspective in life. The other American talks about the death of her son two years ago, drowned in a lake in the region. She told us that she had three dreams of him since his death and very emotive, told us how painting saved her life and told us how she felt this after her dreams.

Each artist comes to a place like this with a different story and in different moments of their lives.

During lunch, another day, while talking to an artist from Boston, I explained a little bit about how I felt more like a professor than like an artist. Smiling, he said to me: “but you are here, so you are an artist and can also be a professor”.

I do not want to deconstruct, but I want to learn how to look at the landscape in a different way. I keep drawing and thinking about clippings and windows and assemblies. I start to work on bigger projects using oil paints, graffiti, oil pastel over Fabriano paper. I am still listening to Leonard Cohen.

Saturday, August 10th: I am afraid of the days that rise shining bright, when I went to have breakfast I crossed the street and felt that the day was blue, with some wind (which reminded me of the north wind that blows in Rio Grande do Sul, the state where I was born). You know when the feeling of peace fills up your lungs with air and your eyes get enthralled by the flowers. Well then, whenever this has happened to me, soon after I heard some sad news. My colleague, professor at the University where I work, who signed the documents for my postdoctoral leave, was in a fatal traffic accident in Florianópolis. Another colleague, who is retired, sent a message with the unfortunate news. My heart became sad. The day that was beautiful turned to gray. At work we have good colleagues and not so good colleagues, but whom

tinta jeito de mãe, jeito de quem acalma, jeito de quem tinha paciência e jeito de quem queria ajudar sempre. Nas reuniões, ela falava e parava e pensava e voltava a falar, com aqueles segundos de pausa, conquistou a estima de muitos, o respeito e também a ira de alguns. Além do mais, era alguém dedicada a arte educação no Brasil, escreveu uma tese sobre as imagens que os professores das escolas levam para as aulas, que virou um estudo precioso sobre a produção artística na pesquisa em arte educação no Brasil. Certamente o céu vai ser azul amanhã com a chegada dela. Deus leva os bons.

we still consider out of respect. My colleague was someone towards whom I felt admiration besides respect, because although she seemed fragile and defenseless, she was smart, had motherly manners, manners of someone who soothes, of some who had patience and of someone who always wanted to help. At the meetings, she spoke and stopped and thought and then resumed her speaking, with those seconds of interruption, she attained the esteem of many, the respect, and also the rage of some. Besides, she was someone who was dedicated to art education in Brazil, she wrote a dissertation about the images that the school teachers take to classes, which became a precious study about the artistic production in art education research in Brazil. Certainly the sky will be blue tomorrow with her arrival. God takes away the good ones.

Semana 2
Domingo: é dia dos pais no Brasil. Foi um dia de orações.

Segui fazendo algumas monotipias usando tinta óleo e as aquarelas conforme planejei.
Vontade de comer chocolate. Bebo café constantemente.
Pinto. Pinto. Pinto.

Recebo emails de trabalho no Brasil. Eu não me surpreendo mais com a maldade humana, mas fico surpresa com a quantidade de urubus e moscas varejeiras que há em alguns lugares. Antes, eu me sentia Daniel na cova dos leões em algumas situações de trabalho. Havia luta, disputa, mas havia ética, bom senso e as vezes respeito. Agora tenho a impressão de ver um desenhos animado como da série dos Simpsons, onde o Homer que é o chefe da família faz tudo errado, magoa a todos e só faz bobagens, mas no final pede desculpas e fica tudo certo e todos o aplaudem. Um viva a sociedade do espetáculo? Não. Mas uma vaia a mediocridade.

Eu continuo pintando. A cor vermelha e os recortes me seduzem. Há raiva e indignação em mim.

Week 2:
Sunday: It is father's day in Brazil. It was a day of prayers.

I keep working on some monotypes using oil paints and the watercolors according to what I have planned.
Desire to eat chocolate. I drink coffee constantly.
I paint. I paint. I paint.

I receive work e-mails from Brazil. I am no longer surprised at human wickedness, but I am surprised at the amount of vultures and flies in some places. Before, I felt like Daniel in the lion's den in some work situations. There were struggles, disputes, but there were ethics, common sense and sometimes respect. Now I have the feeling of watching a cartoon like the Simpsons, where Homer who is the head of the household does everything wrong, hurts everyone and only does stupid things, but in the end apologizes and everything is fine and everyone applauds. A cheer for the spectacle society? No. But a hiss at mediocrity.

I keep painting. The red and the clippings seduce me. There is rage and resentment in me.

15 de agosto de 2013

E lá se foram 4 meses fora de casa. O que dizer disso?!

Agradecer a Fulbright e a Capes por viabilizar quinze mil dólares para um projeto que nem eu mesmo sabia como seria, pois sem isto tudo teria sido mais difícil.

Agradecer ao TC, que me recebeu como visiting professor/scholar e fez com que meu trabalho acontecesse e com que eu tivesse a melhor vivência em Arte e Arte Educação em umas das melhores instituição de ensino do mundo.

Agradecer aos amigos que fiz aqui nos EUA, aos amigos que ficaram no Brasil e que não me deixaram sozinha nenhum dia, trocando emails e mensagens e fazendo com que tudo fosse melhor.

Agradecer a oportunidade de deixar a vida entrar de uma forma diferente: re-ativar a pintura com toda a vida e a felicidade, que no cotidiano de todos os dias, as vezes deixei matar e passar em branco.

Agradecer por ter conseguido exercitar minha paciência, minha coragem, minha honra e minha força, sempre quando foi preciso.

Agradecer por poder olhar a vida de outra forma, com o coração mais doce e menos duro.

Agradecer por perceber que não são títulos ou titulações que nos tornam pessoas melhores, e sim nossos atos de todos os dias. Que não é um doutorado ou um pós doc ou uma vaga ali ou lá, que faz um professor melhor, mas sim a sua ética, seu respeito pelo outro e principalmente o seu bom senso, considerando os dias atuais.

Hoje eu acordei com saudades de casa, de ser acordada pela Amelie com olhos cor de mel, de brincar com Grafi e Peri, como fazia todas as manhãs, e acordei com saudades da minha cama. Não sei o que vai acontecer no meu futuro e não quero mais ter grandes certezas, nem do meu futuro profissional ou dos meus planos pessoais, mas tenho a perspectiva de que vou voltar diferente, é isso é o que me basta agora.

August 15th, 2013:

And there go 4 months away from home. What to say about that?!

I thank Fullbright and Capes for making fifteen thousand dollars available for a project that even I didn't know how would turn out, because without this everything would have been more difficult.

I thank TC, which welcomed me as a visiting professor/scholar and allowed my work to happen and allowed me to have the best experience in Art and Art Education in one of the best educational institutions in the world.

I thank the friends I made here in the US, the friends who stayed in Brazil and who didn't abandon me for a single day, exchanging e-mails and messages and making all of this better.

I am thankful for the opportunity to let life enter in a different way: re-activate painting with all the life and happiness that in my everyday life I sometimes left to die and pass on by.

I am thankful for being able to exercise my patience, my courage, my honor and my strength, whenever it was necessary.

I am thankful for being able to look at life in a different way, with a heart more sweet and less hard.

I am thankful for realizing that it is not titles nor ranks that make us better persons, but our everyday acts. That it is not a doctorate or a postdoc or a position here or there that makes a better professor, but his ethics, his respect for others and mostly his common sense, considering the present days.

Today I woke up missing my home, being woken up by Amelie with her honey eyes, playing with Grafi and Peri, as I used to do every morning, and I woke up missing my bed. I do not know what will happen in my future and I no longer want to be so certain of things, not of my professional future nor of my personal plans, but I have the perspective that I will go back different, and that is what is enough for me now.

16 de agosto de 2013: dia de Open Studios em VSC.
Recebo a visita de um artista conhecido. E as portas do estúdio são aberta aos colegas.
Tema da série de trabalhos desenvolvidos por mim em duas semanas: “Para Hopper com amor ou eu tenho medo de dias bonitos”.

Meu coração finalmente cresceu: estou feliz e plena de que meus planos de pesquisa tiveram êxito. As arestas vão existir sempre, preciso conviver com elas.

* Em julho, Ana Mae, minhas orientadora de Doutorado veio a New York passar alguns dias de férias, na despedida ela disse algo que foi muito bonito de ouvir: “Como é bom estar perto de quem sonha o mesmo sonho que a gente”.

17 de agosto de 2013: retorno a NY.
24 de agosto de 2013: retorno ao Brasil.

August 16th, 2013: Open Studio Day at the VSC.
A known artist comes to see me. And the doors of the studio are opened to my colleagues.
Theme of the series of works developed by me in two weeks: “To Hopper with love or I am afraid of beautiful days”.

My heart has finally grown: I am happy and fulfilled because my research plans were successful. The corners will always be there, I need to live with them.

* In July, Ana Mae, my doctorate advisor came to New York on vacation for a few days, and as she said goodbye she said something that was beautiful to hear: “How nice it is to be close to those who dream the same dreams we do”.

August 17th, 2013: return to NY.
August 24th, 2013: return to Brazil.

Com os pés um pouquinho acima do chão

Maria Helena Bernardes

Antes de estudar Zen, homens são homens e montanhas são montanhas.
Enquanto estudamos Zen, as coisas tornam-se confusas. Depois de
estudar Zen, homens são homens e montanhas são montanhas.
Depois de dizer isto, perguntaram ao Mestre Suzuki:
– Qual é a diferença entre antes e depois?
Ele disse:
– Não há diferença, apenas os pés estão um bocadinho acima do chão.

John Cage, em sua Conferência na Juilliard, reportando trecho de uma palestra do Mestre zen-budista Daisetz Teitaro Suzuki.

*

Em uma passagem de seu romance Orlando, Virgínia Wolf conta que, ao despertar e abrir as cortinas de seus aposentos, Orlando viu a paisagem coberta de neblina, compondo uma cena invernal e úmida que, como sabemos, caracteriza a paisagem inglesa durante grande parte do ano. E por que sabemos? Não porque uma única alma descreveu essa mesma paisagem, mas muitos nos legaram palavras e imagens sobre a intensidade com que as condições atmosféricas daquele país determinam estados de espírito, a qualidade do que se produz e da vida que se leva lá.

A escrita íntima abandonou a privacidade das gavetas ao nascer do século XIX, momento exato em que Orlando despertou para testemunhar a neblina tomando conta do mundo naquele primeiro dia do novo século. Com essa imagem, Virginia Wolf sugeriu a irrupção do Romantismo, que universalizou o modo literário confessional e o fez cair no gosto do público leitor – novo segmento social formado, em grande parte, por mulheres.

A partir dali, a sede dos leitores por impressões particulares foi tão intensa que mesmo narrativas históricas ganharam sabor de confissão; botânicos, geógrafos, pintores, escritores e historiadores lançaram-se sobre oceanos com a missão de ver e contar seus assombros diante do mundo alheio, compondo livros magnificamente ilustrados em seu regresso à velha Europa.

O gosto pelo texto pessoal e intimista persistiu, sobrevivendo à vocação cientificista

With your feet a little off the ground

Maria Helena Bernardes

Before studying Zen, men are men and mountains are mountains. While studying Zen, things become confusing. After studying Zen, men are men and mountains are mountains.
Having said that, Master Suzuki was asked:
- What is the difference between before and after?
And he said:
- There is no difference, only somewhat as though you had your feet a little off the ground.

John Cage, at his Juilliard Conference, reporting a passage of a lecture given by zen-budhist Master Daisetz Teitaro Suzuki.

*

In a passage of her novel Orlando, Virginia Wolf tells that as he woke up and opened up the curtains of his room, Orlando saw the landscape covered in fog, producing a wet wintery scene that, as we know, characterizes the English landscape during most of the year. And why do we know that? Not because a single person described this exact landscape, but because many left behind words and images about the intensity with which the atmospheric conditions of that country impact the state of mind, the quality of what is produced and of the life that is lived there.

Intimate writing abandoned the privacy of drawers at the beginning of the nineteenth century, at the exact moment when Orlando woke up to witness the fog taking over the world on that first day of a new century. With that image Virginia Wolf suggested the irruption of Romanticism, which universalized confessional writing and made it grow on the readers - a newly formed social segment composed mostly of women. From then on, the readers' thirst for private impressions was so intense that even historical narratives acquired a hint of confession; botanists, geographers, painters, writers and historians plunged into the oceans with an intent to see and share their amazements with a foreign world, authoring magnificently illustrated books on their return to Old Europe.

The taste for personal and intimate texts persisted, surviving the scientific disposition of the twentieth century. The texts that Jociele Lampert offers us in her

do século XX. Dessa sensibilidade, nutrem-se os escritos que Jociele Lampert nos oferece em seu Diário, embora seu percurso ao encontro dessa forma de escrita não tenha sido imediato. Pelo contrário, deu-se como escolha amadurecida pela vivência e convívio com a arte.

Jociele compunha seus diários enquanto cumpria um ciclo importante de sua vida. Experimentava a perda dolorosa da mãe, estudava e trabalhava longe de sua cidade de origem. A vida poderia ter-se aquietado nesse patamar, mas Jociele viu nele a oportunidade de reinventar o trabalho artístico, começando por despertá-lo após longo intervalo.

Entretanto, como retomar o trabalho depois de um tempo de afastamento? Quando finalmente se oportuniza o reencontro, essa pergunta acode a qualquer artista na mesma situação, produzindo o calafrio próprio que acomete a quem se põe a admirar um abismo.

Jociele dispõe de um ateliê amplo e bem equipado, dotado de uma grande janela através da qual, mais pensativa do que ativa nos primeiros meses de retomada, saboreava as mudanças do céu instável da ilha de Florianópolis. Um recanto gostosamente iluminado da Casa de Vidro, perto do mar.

Foi nesse ponto em que nos encontramos. Ela me procurou com um novo plano de estudos, desta vez, dedicado à produção de pintura, uma estratégia bem arranjada que lhe permitiria mergulhar no trabalho por longo tempo. Viajaria ao exterior no ano seguinte, frequentaria universidades e escolas independentes em um projeto de aperfeiçoamento, sempre pintando. Paralelamente, queria escrever um texto que acompanhasse os passos dessa jornada e revisitasse momentos passados de sua pintura e que também servisse como apresentação de seu trabalho.

Assim, começamos a trocar ideias.

Diary feed on this sensibility, albeit her journey towards this form of writing was not direct. On the contrary, it came as a choice that matured through experience and intimacy with art.

Jociele was writing her diaries as she completed an important cycle of her life. She was living through the painful loss of her mother, studying and working far from her home town. Life could have stabilized at this point, but Jociele saw in it the opportunity to reinvent her artistic work, beginning by reviving it after a long interlude.

However, how should one pick up one's work after being away from it for some time? When this opportunity for a reunion finally arises, this question surfaces to any artist in the same situation, producing that distinguishing shiver that assails one who admires an abyss.

Jociele has a spacious and well-equipped studio with a window from which, more thoughtful than active during the first months of this recommencement, she enjoyed the changes of the unstable sky over the island of Florianópolis. A wonderfully well-lit nook in her Glass House, close to the ocean.

It was at this point that we met. She came up to me with a new study plan. This time, focused on producing paintings. A well thought-out strategy that allowed her to dive into work for a long time. She would travel abroad the following year, would go to universities and independent schools as part of a self-improvement project, always painting. Concurrently, she wanted to compose a text what would follow her steps along this journey and revisit past moments of her painting, and that would also serve as a presentation of her work.

And so we started to exchange ideas.

Jociele put forward concerns, topics and texts that motivated her to work.

Jociele trazia inquietações, assuntos e textos que a motivavam a trabalhar. Disciplinada, ela lia, anotava, observava-se trabalhando.
Chamou-me a atenção que suas correspondências fossem iniciadas por comentários sobre o clima de Florianópolis. Dias de sol e dias úmidos, nuvens espessas ou céu aberto: os olhos da artista sempre estavam atentos às mudanças que a janela de seu ateliê exibia em abundância. O contraste entre os comentários saborosos sobre o tempo e as reflexões sobre as leituras e a própria pintura era visível demais para que o ignorássemos. Em um encontro que tivemos em Porto Alegre, ela expressou uma insatisfação: desejava afastar-se do tom científico que impregnava seu texto após anos dedicados à pesquisa. Queria encontrar uma nova voz para o novo momento, uma voz pessoal e modulada pelo fluxo do trabalho no ateliê e pela contemplação das nuvens.
Creio que foi assim que esses diários nasceram: Jociele observando e aceitando que tudo muda, que, no Sul, o vento toma direções inesperadas, que as tardes podem ser mais frias do que as manhãs; as noites, mais quentes do que os dias; que os afetos e as condições são variáveis segundo o fluxo da vida; não há conhecimento nem língua absolutos. Não se trata do absoluto.
Pelo menos, assim tem sido desde que a névoa tomou conta de nossas janelas.

(Em um dia de primavera em Porto Alegre)

Disciplined, she read, took notes, watched herself work.
What drew my attention was the fact that her correspondences started with comments about the weather in Florianópolis. Sunny days and wet days, thick clouds or blue skies: the artist's eyes were always aware of the changes that her studio window displayed in abundance. The contrast between the savory comments about the weather and the reflections about the readings and her own paintings was too visible for us to ignore. At a meeting we had in Porto Alegre, she expressed her discontent: she wanted to get away from the scientific voice that seeped throughout her texts after so many years dedicated to research. She wanted to find a new voice for the new moment, a personal voice modulated in accordance with the work flow at the studio and the contemplation of clouds.
I believe this is how the diaries were born: Jociele watching and accepting that everything changes. That, in the South, the wind takes unexpected turns, that the afternoons can be colder than the mornings; the nights warmer than the days; that affections and conditions are variable and follow the flux of life; that there is no absolute knowledge or language. It is not about the absolute.
At least, it has been this way since the fog took over our windows.

(From a spring day in Porto Alegre)

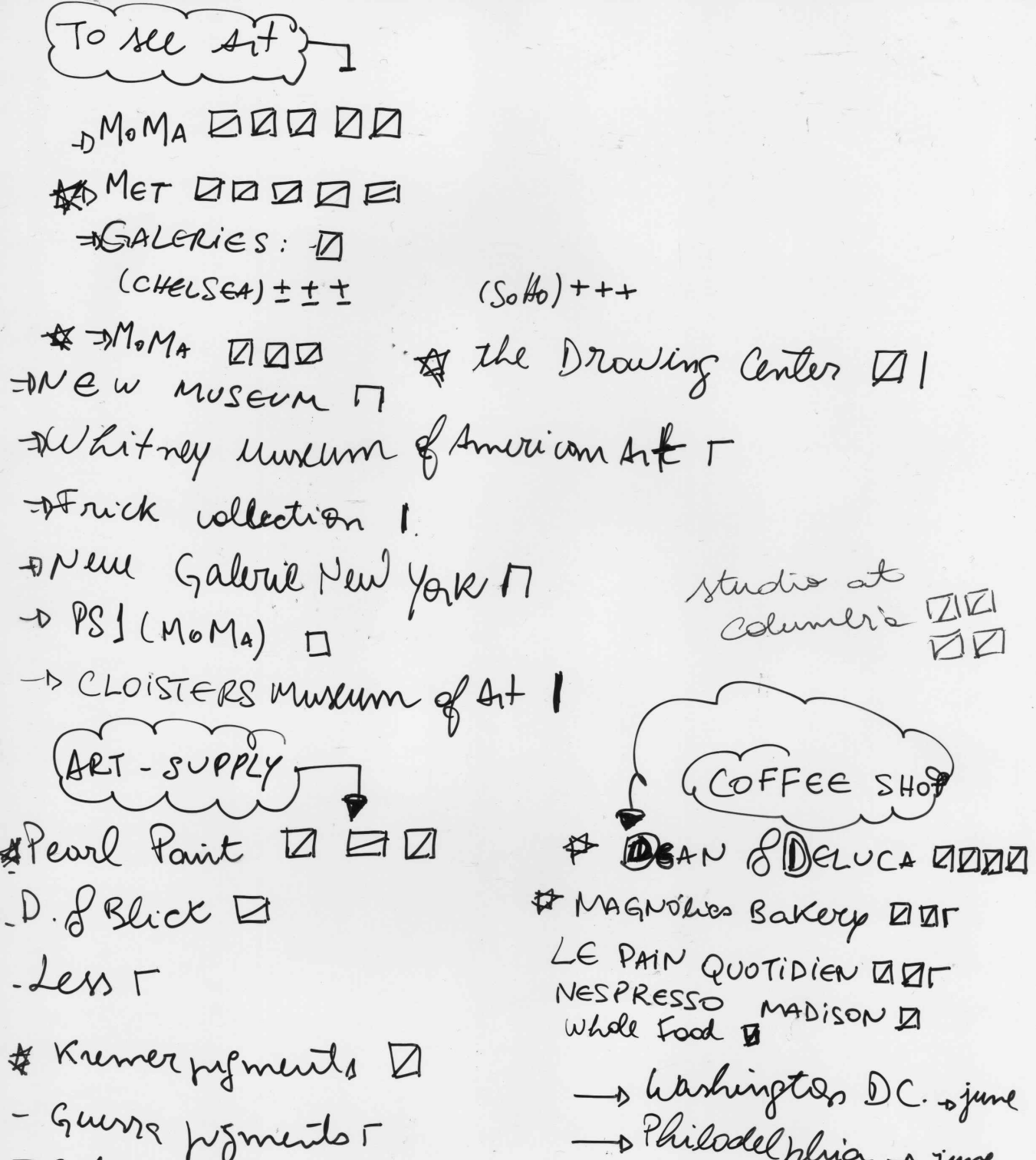
Jociele Lampert

Desenvolveu pesquisa como professora visitante no Teachers College na Columbia University na cidade de New York como Bolsista Fulbright (2013), onde fez seu Pós-Doutorado intitulado: "ARTIST'S DIARY AND PROFESSOR'S DIARY: ROAMINGS ABOUT PAINTING EDUCATION". Doutora em Artes Visuais pela ECA/USP (2009); Mestre em Educação pela UFSM (2005) onde foi bolsista Capes. Possui Graduação em Desenho e Plástica Bacharelado pela Universidade Federal de Santa Maria (2002) com ênfase em Pintura e Graduação em Desenho e Plástica Licenciatura pela Universidade Federal de Santa Maria (2003). Professora Adjunta na Universidade do Estado de Santa Catarina. Foi Coordenadora de Estágio CEART/UDESC (2006-2009); Foi Chefe de Departamento de Artes Visuais DAV/CEART/UDESC (2009-2011); Foi Coordenadora do PIBID/CAPES/UDESC da área de Artes Visuais (2011-2012). Atua no Mestrado em Artes Visuais da PPGAV/UDESC na Linha de Pesquisa de Ensino de Arte e na Graduação em Artes Visuais DAV/UDESC. É membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Arte, Educação e Cultura UFSM/CNPq. Tem experiência na área de Artes Visuais, atuando principalmente nos seguintes temas: pintura, arte e educação, formação docente.

Site: www.culturavisual.org

Developed research as a visiting scholar at Columbia University Teachers College in New York City under Fullbright's visiting scholar award (2013), where she did her post-doctorate entitled: "ARTIST'S DIARY AND PROFESSOR'S DIARY: ROAMINGS ABOUT PAINTING EDUCATION". Doctorate in Visual Arts from ECA/USP (2009); Masters in Education from UFSM (2005) where she was awarded a Capes scholarship. Bachelors in Drawing and Plastic Arts with emphasis in Painting from Federal University of Santa Maria (2002) and licenciate degree in Drawing and Plastic Arts from Federal University of Santa Maria (2003). Associate Professor at Santa Catarina State University. Internship coordinator at CEART/UDESC (2006-2009); Department Chair for the Visual Arts Department DAV/CEART/UDESC (2009-2011); PIBID/CAPES/UDESC coordinator in Visual Arts (2011-2012). Works in the Visual Arts Masters program at PPGAV/UDESC in the Art Education Research Area and in the Visual Arts undergraduate program at DAV/UDESC. Member of the Study and Research Group in Art, Education and Culture UFSM/CNPq. Has experience in the field of Visual Arts, with focus on the following topics: painting, art and education, professor education.

Website: www.culturavisual.org


To see Art
MoMA
MET
GALERIES:
(CHELSEA) ± ± ±
(SoHo) +++
MoMA
NEW MUSEUM
Whitney Museum of American Art
Frick collection
New Galerie New York
PS1 (MoMA)
CLOISTERS Museum of Art
the Drawing Center
studio at Columbia's
ART - SUPPLY
Pearl Paint
D. & Blick
Lees
Kremer pigments
Guerra pigments
COFFEE SHOP
DEAN & DELUCA
MAGNOLIAS Bakery
LE PAIN QUOTIDIEN
NESPRESSO
Whole Food
MADISON
Washington DC. → june
Philadelphia → june

Diário de Artista e Diário de Professor, deambulações sobre o ensino da pintura
Jociele Lampert

Todos os direitos reservados a Jociele Lampert Proibida a reprodução, armazenamento ou transmissão de partes deste livro sem prévia autorização por escrito.
Tradução: Patrick Joyce e Paula Doubrawa
Design: Maíra Dietrich

Artist's Diary and Professors's Diary, roamings about painting education
Jociele Lampert

All rights reserved to Jociele Lampert. No part of this publication may be reproduced, stored or transmitted without previously obtained written authorization.
Translation: Patrick Joyce and Paula Doubrawa
Design: Maíra Dietrich